

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**IMAGENS DA ESCOLA:**  
**A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO COLÉGIO PEDRO II**

**SANDRA SILVA COSTA**

Orientadora: Profª Drª HELENA BOMENY  
Co-orientadora: Profª Drª CLARICE PEIXOTO

Rio de Janeiro, Março 2010

COSTA, Sandra Silva.

Imagens da Escola: A Informática Educativa no Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010. 141p.:il

Dissertação (Mestrado Profissionalizante), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

Orientadora: Profª Drª Helena Maria Bomeny

Profª Drª Clarice Peixoro

1. Informática Educativa 2. Colégio Pedro II 3. Educação

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**IMAGENS DA ESCOLA:**  
**A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO COLÉGIO PEDRO II**

**APRESENTADO POR**

**SANDRA SILVA COSTA**

Rio de Janeiro, Março 2010

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

Orientadora: Profª Drª Helena Bomeny  
Co-orientadora: Profª Drª Clarice Peixoto

SANDRA SILVA COSTA

IMAGENS DA ESCOLA:  
A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO COLÉGIO PEDRO II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março 2010

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE**  
**HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

IMAGENS DA ESCOLA:  
A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO COLÉGIO PEDRO II

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADA POR  
SANDRA SILVA COSTA

E  
APROVADO EM (DATA)  
PELA BANCA EXAMINADORA

---

PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> HELENA BOMENY (FGV)

---

PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> RAQUEL EMERIQUE (FGV)

---

PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> CLARICE PEIXOTO (UERJ)

---

PROF<sup>a</sup> DR<sup>o</sup> AMÉRICO FREIRE (FGV)

Dedico este trabalho a  
Benjamin,  
companheiro e amigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Às professoras Dr<sup>a</sup> Helena Bomeny e Dr<sup>a</sup> Clarice Peixoto pela paciência e orientação.

Ao Departamento da Ciência da Computação e Iniciação ao Trabalho do Colégio Pedro II, chefiado pela professora Márcia Martins de Oliveira e com a Coordenação de Informática Educativa, sob a responsabilidade da professora Maria Beatriz Rocha que apoiaram e incentivaram esse trabalho.

Aos professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas pelos momentos de convivência, na aprendizagem e no crescimento pessoal.

À equipe do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II pela competência e disponibilidade.

A todas as pessoas que colaboraram com depoimento e empréstimo da imagem: Wilson Choeri, Raul Choeri, Florentino Siqueira Mello, Silvia Becher, Ana Maria Ebert, Maria Beatriz Rocha, Ana Cristina Leite, José Armando Valente, Andrea de Farias Castro, Patrícia Ribeiro Vasconcellos, Tânia Panaro, Jorge Marcelo.

Aos alunos do Colégio Pedro II que participaram dos ensaios videográficos com prazer e boa vontade.

Agradecimento especial à Professora Simone Lima que abriu sua sala para as minhas observações.

Agradecimentos especiais às amigas Bete Buss e Luiza Kátia Castello Branco sempre presentes e disponíveis.

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1.	CAPÍTULO 1 - TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	15
1.1	Escolarização e tecnologias	16
1.2	A Sociedade da Informação e do Conhecimento	18
1.3	Transformações na instituição escolar	19
1.4	As desigualdades na escola brasileira	21
2.	CAPÍTULO 2 – A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO BRASIL	24
2.1	Breve histórico	25
2.2	Projeto EDUCOM	27
2.2.1	EDUCOM/UFRJ	28
2.3	Reformulações e discussões	28
3.	CAPÍTULO 3 - A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO CPII	31
3.1	O Colégio Pedro II	31
3.2	A Informática Educativa	33
3.3	Período inicial: 1985 -1995	35
3.4	Período de definições: 1995 -2002	41
4.	CAPÍTULO 4 – O USO DO AUDIOVISUAL NA PESQUISA	44
4.1	Breve histórico	45
4.2	A proposta do ensaio videográfico	48
4.2.1	Descrição dos objetos	48
4.3	Estratégias de abordagem	57
4.4	Estrutura do ensaio	58
4.5	Recursos materiais utilizados na realização	59
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
7.	ANEXOS	67
	Proposta de implantação de laboratório	69
	Entrevista com Wilson Choeri	73
	Entrevista com Raul Choeri	87
	Florentino Siqueira Mello	98
	Sílvia Becher	104
	Andrea de Farias Castro e Patrícia Ribeiro Vasconcellos	114
	José Armando Valente	126
	Maria Beatriz Rocha e Ana Cristina Barreto Leite	133



## RESUMO

Esta dissertação se propõe responder a uma questão específica: como uma área que propõe uma nova cultura escolar acontece e se estabelece em uma escola secular e com forte tradição humanística? Orientada pelas idéias e escritos do pesquisador, filósofo e teórico chileno José Joaquín Brunner, busquei reflexões sobre a transformação social contemporânea advinda da aproximação da educação com as novas tecnologias da informação e comunicação.

Para registrar personagens relevantes e a inserção de práticas culturais centradas no uso das tecnologias da informação e comunicação, em diferentes espaços e tempos da escola, centradas no uso das tecnologias da informação e comunicação optou-se pela investigação realizada com recursos e instrumentos audiovisuais. A partir dos depoimentos de pessoas que participaram direta e indiretamente da implantação dessa nova área, dentro do Colégio Pedro II, apresentamos como parte da pesquisa um documentário de 26 minutos – *Imagens da Escola: A Informática Educativa no Colégio Pedro II*. Composto por três blocos: primeiros movimentos, espaços e bandeiras e Informática Educativa, espaço em construção

Palavras chave: Informática Educativa – Educação – Colégio Pedro II

## ABSTRACT

This dissertation aims to answer a specific question: how does an area, like Educational Informatics, that proposes a new school culture develop and manage to establish itself as a particular area in a secular school with strong humanistic tradition? The ideas and writings of the Chilean researcher, philosopher and scholar José Joaquín Brunner, oriented us during our research and reflections on the contemporary social transformation that has resulted from the approximation of two fields of knowledge, Education and the new technologies developed in the field of Information and Communication.

During our investigation we decided to use audiovisual instruments and resources to register, in different spaces and times of the school chosen for observation – Colégio Pedro II –, the relevant characters and the insertion of cultural practices based on the Information and Communication technologies. We also decided to present as part of this research the 26-minute documentary film we have shot based on the people's testimonials that have directly and indirectly taken part in the implantation of this new area in Colégio Pedro II School. Our film is called *Imagens da Escola: A Informática Educativa no Colégio Pedro II* (*Images of the School: Educational Informatics at Colégio Pedro II*) and is composed of three blocks: Primeiros Movimentos (First Movements), Espaços e Bandeiras (Spaces and Flags) and Informática Educativa, espaço em construção (Educational Informatics, space in construction).

Keywords: Educational Informatics – Education – Colégio Pedro II School

*“... a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito de real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos.”*

*(Bourdieu, 1997:28)*

## **ABREVIATURAS**

EDUCOM - Projeto Brasileiro de Informática na Educação

CA - Classe de Alfabetização

CAIE - Comitê Assessor de Informática para Educação de 1º e 2º Graus

CAPRE - Coordenação de Assessoria ao Processamento Eletrônico

CENIFOR - Centro de Informática Educativa

CEIE/CPII - Centro de Estudos de Informática na Educação do Colégio Pedro II

CPII – Colégio Pedro II

DCCIT - Departamento de Ciências da Computação e Iniciação ao Trabalho.

DCN – Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental

FORMAR - Formação de Recursos Humanos em Informática na Educação

ISOP/FGV - Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PGE – Plano Geral de Ensino

PPP/CPII – Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II

PRONIFE - Programa Nacional de Informática Educativa

SEI - Secretaria Especial de Informática

SEPS - Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus

## INTRODUÇÃO

O interesse na compreensão da constituição histórica da Informática Educativa e sua gradativa incorporação no cotidiano da escola nasceu a partir do meu ingresso como docente, em 2007, no Colégio Pedro II. Durante dois anos, apoiada e impulsionada pelo Departamento de Ciência da Computação e Iniciação ao Trabalho, DCCIT, do qual faço parte, reuni documentos e muitas horas de relatos e imagens sobre a Informática Educativa no Colégio Pedro II.

Este trabalho tem como finalidade compreender como a Informática Educativa, introduzindo-se numa escola secular e com forte tradição em sua estrutura organizacional, cria possibilidades de uma nova cultura escolar, rompendo com estruturas rígidas estabelecidas de tempo e espaço. Para esta compreensão, buscam-se elementos nas ações e documentos institucionais e nos relatos dos personagens e imagens realizadas durante a pesquisa.

Orientada pelas idéias e escritos do pesquisador, filósofo e teórico chileno José Joaquín Brunner, busquei reflexões sobre a transformação social contemporânea advinda da aproximação da educação com as novas tecnologias da informação e comunicação. Para ele o processo em curso marca o ingresso em um novo tipo de sociedade: a sociedade da informação e do conhecimento que implica um novo domínio político, econômico, social e cultural. Essa revolução tecnológica representa uma força transformadora de quase todos os âmbitos de atividade social: o trabalho e a produção, o lar e o consumo, o comércio, o entretenimento, a socialização e a transmissão de saberes, a organização das empresas e dos Estados, a oferta de serviços e a circulação de todo tipo de dados e conhecimento.

Como resultado dessa pesquisa apresentarei como fruto a produção de um ensaio videográfico com aproximadamente 26 minutos de duração que aborda a implantação e incorporação cotidiana da Informática Educativa no Colégio Pedro II.

Para registrar personagens relevantes e a inserção de práticas culturais centradas no uso das tecnologias da informação e comunicação, em diferentes espaços e tempos da escola, centradas no uso das tecnologias da informação e comunicação optou-se pela investigação realizada com recursos e instrumentos audiovisuais, já que esse tipo de registro constitui um elemento poderoso para a pesquisa social. Como dado primário esse registro serve às questões teóricas e ajuda na interpretação dos objetivos das pesquisas que o utilizam, pois esse material possui a capacidade de acompanhar instantaneamente ações e acontecimentos humanos. Entretanto, é importante considerar as limitações e dificuldades desse tipo de informação, pois o material gerado por aparatos técnicos criados e mediados são representações simplificadas de uma dada realidade. São construções que estão sob condições históricas, econômicas e culturais determinadas. Para a antropóloga Clarice Peixoto, os filmes de pesquisa antropológica, ou “o filme etnográfico não é considerado como instrumento que capta objetivamente os fenômenos sociais, ele é somente uma leitura possível, uma escolha, uma representação daquele que as produz”. (Peixoto,1999:105) Para o historiador francês Jacques Le Goff “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”.<sup>1</sup>

Portanto, o documento audiovisual pode oferecer uma compreensão da sociedade em diferentes aspectos. Uma única imagem pode proporcionar vários tipos de leitura e interpretações. Para Peixoto as metodologias de pesquisa que utilizam o audiovisual permitem que se estendam os limites internos da própria disciplina, assim como enriquecem os campos de análise já existentes, podendo até criar outros. (Peixoto,2006: 217) A introdução da imagem em uma pesquisa deve revelar algo novo que o texto não pode revelar.

Além de entrevistas, este trabalho trabalhou com outras fontes documentais: os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil,1998), Diretrizes Curriculares para o

---

<sup>1</sup> Citado em KORNIS, Mônica A. *Cinema, Televisão e História*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2008, p 22.

Ensino Fundamental (Brasil, 1998), o Projeto Político Pedagógico (CPIL, 2002), portarias, decretos, publicações internas, fotos, livros, entre outros, encontrados no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II, o NUDOM, localizado na Unidade Centro do Rio de Janeiro. Realizou-se breve pesquisa sobre os quase quarenta anos de História da Informática na Educação do Brasil, a partir da década de 1970, com diferentes experiências em universidades públicas e continuando na década de 1980, com a implantação de programas governamentais fomentadores de atividades e iniciativas nessa área.

O depoimento filmado dos personagens envolvidos na História foi um dos recursos para aproximação mais efetiva com o tema. Conteí com a colaboração da professora Maria Beatriz Rocha, personagem da implantação da Informática Educativa no Colégio Pedro II.

No primeiro grupo de entrevistados participaram o professor Wilson Choeri, ex- Secretário de Ensino, no período de 1979 até 1992 e ex-Diretor-Geral do Colégio Pedro II, no período de 1994 até 2008, com depoimento gravado em 28 de Março de 2008; Raul Choeri, responsável pelo Departamento de Administração, no período da implantação dos laboratórios; Florentino Siqueira Mello ex-membro da Secretaria de Ensino, com entrevista realizada em 10 de Abril de 2008; professora Silvia Beatriz Alexandra Becher Costa ex-membro da Secretaria de Ensino, entrevista realizada em 25 de abril de 2008.

No segundo grupo de depoimentos participaram Ana Maria Ebert, professora de Biologia e uma das integrantes do Centro de Estudos de Informática na Educação do Colégio Pedro II, com entrevista realizada em 31 de agosto de 2009; Maria Beatriz Rocha e Ana Cristina Barreto Leite professoras do primeiro segmento, da unidade escolar Humaitá e autoras do primeiro projeto de implantação de Informática Educativa na Unidade Escolar Humaitá, com entrevista realizada em 31 de Junho de 2009; José Armando Valente professor do Projeto Nacional de Formação de Recursos Humanos em Informática na Educação - Formar I e II da UNICAMP, que foi colocado em prática em 1987, com o 1º Curso de Informática na Educação ministrado pelo centro-piloto do Projeto EDUCOM na UNICAMP.

Os relatos de Andrea de Farias Castro e Patrícia Ribeiro Vasconcellos, primeiras professoras concursadas de Informática Educativa, em 2002, também foram ouvidos, com entrevista realizada em 06 de Agosto de 2009.

Após a realização das entrevistas individuais e em grupo, partiu-se para o registro audiovisual, de um dia de trabalho na Sala de Informática, da Unidade Escolar Engenho Novo. Com a colaboração de Simone da Costa Lima, professora de Informática Educativa, concursada em 2007, pude acompanhar todos os movimentos dos professores e alunos envolvidos na atividade.

## **CAPITULO 1**

### **TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

“ No deberíamos cometer el error de imaginar que el cambio educacional será guiado únicamente por las nuevas tecnologías de la información y comunicación, por poderosas que estas sean. La educación es mucho más que sus soportes tecnológicos; encarna un principio formativo, es una tarea social y cultural que, cualesquiera sean las transformaciones que experimente, seguirá dependiendo, ante todo, de sus ideales y sus componentes humanos y valóricos.”(Brunner, 2001: 16.).

A entrada das tecnologias da informação e comunicação em todas as esferas da vida social é um fato indiscutível. O mundo assistiu gradativamente a inúmeras mudanças decorrentes dos avanços científicos e tecnológicos: o cinema, o rádio, a televisão, o telefone, o computador foram penetrando em todos os domínios da vida humana causando alterações profundas nas relações econômicas, sociais, políticas e culturais em todas as partes do mundo, de maneiras distintas. Nas últimas décadas do século XX o avanço das telecomunicações, conectado às demandas da informática, acrescentou maior interatividade, comunicação e convergência aos artefatos tecnológicos, gerando maior fluxo, transmissão, distribuição e disseminação de informação por redes digitais.

Essas transformações significam uma crescente interconexão de atividade em nível mundial. Implicam redefinições nas funções do Estado-nação, na transformação e reorganização do comércio mundial, no surgimento de sociedades multiculturais. A formação de indústrias globais de comunicação intensifica o fluxo de bens simbólicos e culturais e gera conflitos em torno de valores e tradições. A globalização atua por meio de estruturas institucionais e mercados de bens materiais e simbólicos (Canclini, 2007; Castells, 2000).

O processo em curso marca o ingresso em um novo tipo de sociedade: a sociedade da informação e do conhecimento que implica um novo domínio



político, econômico, social e cultural. Grande especialista no cruzamento entre educação e tecnologias, o chileno José Joaquín Brunner nos chama a atenção para a revolução tecnológica da informação e das comunicações, como uma das fontes das interconexões globais. Por si mesma essa revolução tecnológica representa uma força transformadora de quase todos os âmbitos de atividade social: o trabalho e a produção, o lar e o consumo, o comércio, o entretenimento, a socialização e a transmissão de saberes, a organização das empresas e dos Estados, a oferta de serviços e a circulação de todo tipo de dados e conhecimento. (Brunner, 2004: 22). Surgem, a partir dela, novas práticas culturais e um novo princípio educativo na sociedade. Brunner aponta a existência de um amplo espaço para os componentes humanos, ideológicos e os valores e para a ação dos agentes sociais.

### **1.1 Escolarização e tecnologias**

Cada momento histórico da humanidade apresenta diferentes problemáticas, necessidades e possibilidades que favorecem o desenvolvimento de certas tecnologias. O conhecimento gerado pelas aplicações práticas e a reflexão sobre o uso dessas aplicações são gradativamente incorporados ao patrimônio cultural da humanidade. Ao longo da história, o fato tecnológico sempre esteve presente nas grandes transformações educacionais que se deram pelo contato e pela incorporação de novas tecnologias, tenham elas surgido no próprio âmbito da empresa educacional ou no meio circundante em que se desenvolvem as tarefas formativas.

De acordo com Brunner, o surgimento da escola paroquial no começo da Idade Média representa uma primeira revolução tecnológica. A instituição escola é constituída como a primeira tecnologia e o ensino deixa de ser vinculado a um estilo de vida aristocrático. O autor destaca que “... desde aquele momento e até agora, a sala de aula, com tudo o que significa em termos de organização dos processos de ensino aprendizagem e produção de capital cultural, se estabelece como a tecnologia predominante na educação.” (Brunner, 2004: 20),

A partir do surgimento do Estado-nação, a educação, impulsionada por novas tecnologias políticas e administrativas, sai do âmbito eclesiástico e passa para o poder do Estado. Surgem nesse momento histórico os sistemas escolares públicos aonde irá se organizar a transmissão da cultura nacional. Ao sair da esfera privada, a educação torna-se uma poderosa arma na formação das nações e passa a fazer parte dos processos de secularização da sociedade.

As duas Revoluções Industriais irão provocar uma nova fase de transformações, período em que as demandas de qualificação exigidas pelas indústrias se intensificam.

“... a primeira que começa nos últimos trinta anos do século XVIII, caracterizada por novas tecnologias como a máquina a vapor, a fiadeira, a metalurgia e a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas; e a segunda, cem anos depois pelo desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão, produtos químicos de base científica, fundição do aço e pelo início das tecnologias da comunicação, com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone. (Castells, 2000:53).

A Revolução Industrial favorece a educação massificada e padronizada, encarregada de preparar pessoas para responder às exigências da economia e contribuir para a construção da nação. Tenta difundir um sentimento de pertencimento nacional a toda a população, bem como os valores da sociedade: patriotismo, moralidade e conformidade com a posição ocupada na estrutura social. Adota um sistema de técnicas como: padronização do ensino, multiplicação de estabelecimentos de ensino coordenados e supervisionados por uma autoridade central, corpo docente incorporado ao quadro do estado, qualificação e promoção através de exames, desenvolvimento de uma série de fundamentos filosóficos e científicos que proporcionaram as bases conceituais e metodológicas dessa tarefa (Brunner, 2000: 9).

Atualmente assistimos ao avanço das tecnologias da informação e comunicação, que, além de introduzirem novos produtos, transformam os processos essenciais da sociedade. Entendem-se como novas tecnologias da informação e comunicação as tecnologias de redes informáticas e os dispositivos

que interagem com elas e seus recursos. Televisões, rádios, reprodutores de vídeo, materiais impressos e outras tecnologias convencionais formam um conjunto de tecnologias microeletrônicas, informáticas e de telecomunicações que permitem a aquisição, produção, armazenamento, processamento e transmissão de dados na forma de imagem, vídeo, texto ou áudio. Manuel Castells entende as tecnologias da informação como todos os conjuntos emergentes de tecnologias em microeletrônica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicações/rádiodifusão. (Castells,2000:49)

A escola, como uma agência social e cultural, fundada na produção de competências, disciplinas e conhecimentos, encontra-se diante de um novo paradigma disposto em torno das tecnologias da informação e comunicação. É obrigada a rever suas teorias e suas práticas considerando que as mudanças com os avanços tecnológicos permeiam toda a vida social. Mudanças que não se limitam apenas ao uso de artefatos, mas geram e disseminam comportamentos, estilos de vida, hábitos e valores modelados pelos indivíduos.

## **1.2. A Sociedade da Informação e do Conhecimento<sup>2</sup>**

Na nova fase do capitalismo a educação passa a ser prioridade das políticas educacionais das nações. Em 1990, a *Conferência de Educação para Todos*, em Jomtien, na Tailândia, patrocinada pelo Banco Mundial, UNESCO e UNICEF coloca como metas a satisfação de necessidades fundamentais de educação e a eliminação do analfabetismo no mundo. A Declaração, composta por dez artigos, afirma que a concretização do enorme potencial para o progresso humano depende do acesso das pessoas à educação e da articulação entre o crescente conjunto de conhecimentos relevantes com os novos meios de difusão desses conhecimentos. Em seu artigo cinco, destaca a importância da escola básica e aponta a importância da utilização das tecnologias da informação e comunicação como forma de integração ao mundo contemporâneo:

---

<sup>2</sup> O primeiro a enunciar a emergência da informação foi Daniel Bell em 1973, a partir de sua publicação *The coming of Post-Industrial Society*, e Alvin Toffler publica a *Terceira Onda* em 1981. A noção de “sociedade do conhecimento” (*knowledge society*) surgiu no final da década de 90. A UNESCO, em particular, adotou o termo “sociedade do conhecimento” dentro de suas políticas institucionais.

Todos os instrumentos disponíveis e os canais de informação, comunicação e ação social podem contribuir na transmissão de conhecimentos essenciais, bem como na informação e educação dos indivíduos quanto a questões sociais. Além dos instrumentos tradicionais, as bibliotecas, a televisão, o rádio e outros meios de comunicação de massa podem ser mobilizados em todo o seu potencial, a fim de satisfazer as necessidades de educação básica para todos. (UNESCO, 1990: 5)

Essas alterações no mundo promoveram uma preocupação dos países avançados que implantaram sistemas de informação e de indicadores para monitorar e avaliar a evolução e o impacto dos novos meios de informação e conhecimento no crescimento econômico e na competitividade. Em 1998/99 a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou em seu Relatório de Desenvolvimento Mundial que as economias mais avançadas tecnologicamente são verdadeiramente baseadas no conhecimento. Lévy sublinha que as performances industriais e comerciais das companhias, das regiões, das grandes zonas geopolíticas, são intimamente correlacionadas a políticas de gestão do saber. (Lévy, 1999: 76) Deste modo, o tratamento crítico dado à informação na construção do conhecimento é fator decisivo para o desenvolvimento e transformação da educação. Na medida em que o conhecimento e a informação dominam cada vez mais todos os setores da vida humana, a aprendizagem torna-se chave do crescimento das nações.

### **1.3. Transformações na instituição escolar**

Nesse novo momento, as instituições educativas ainda estão processando, adaptando e incorporando essas transformações. A escola, instituição voltada ainda para as antigas tecnologias que a fundaram, é forçada a repensar seus fundamentos e seus métodos. Novas questões são colocadas com a mesma velocidade com que as inovações vão surgindo.

O estabelecimento escolar deixa de ser único canal de contato das novas gerações com o conhecimento e a informação; a palavra do professor e o texto escrito deixam de ser os suportes exclusivos da comunicação; as tecnologias tradicionais do processo educativo estão deixando de ser as únicas disponíveis para ensinar e aprender; a revolução tecnológica em curso faz dos processos simbólicos parte essencial das forças produtivas da sociedade; as novas condições mudam também as formas de produção e utilização do conhecimento que agora também se faz em redes digitais.

No Brasil, as perspectivas sobre o lugar da educação no desenvolvimento econômico impõem-se a partir da década de 80, no contexto de democratização do país. O ensino profissionalizante<sup>3</sup> fixado deixa de ser obrigatório no nível médio, sendo retomada a ênfase na formação geral, abandonando a ênfase no treinamento para afazeres e competência específica dissociada de uma formação cultural mais ampla.

Essa mudança reflete as novas expectativas quanto à formação humana. A Carta Constitucional de 1988 define e afirma o processo de mudança educacional colocando a educação como um direito e como um fator importante para a formação do cidadão. No contexto das novas tecnologias a educação ganha outra dimensão, deixando de lado as habilidades manuais específicas e valorizando um conhecimento mais teórico e conceitual.

Segundo Brunner a cultura, entendida como conhecimento, informação e educação, se transforma em fator decisivo para a riqueza das nações existindo uma ampla evidência empírica e bases teóricas confirmando a importância da mudança tecnológica e do capital humano para o crescimento e a competitividade e a influência dos níveis de escolarização da força de trabalho, da extensão e qualidade da educação e da capacidade inovadora resultante do sistema de

---

<sup>3</sup> A lei 5692/1971 reestrutura o ensino primário e médio em dois graus, introduzindo a profissionalização obrigatória no ensino de 2º grau. Ganha força a expansão de cursos de 2º e 3º graus nas Escolas Técnicas Federais com a implementação do primeiro acordo MEC/BIRD. Surgem também os primeiros cursos superiores de tecnologia estimulados pela lei No 5.540, como cursos de curta duração.

pesquisa e desenvolvimento sobre o aumento da renda nacional e a composição e volume do comércio dos países. (Brunner, 2000: 17)

Na década de 1990, com a implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (LDB) intensas transformações irão refletir na ampliação de matrículas e expansão do sistema de ensino. Nos textos da LDB 9.394 de 1996, o artigo 32, inciso II estabelece que a formação básica do cidadão, no ensino fundamental, deverá ser promovida mediante “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”. Por outro lado, “a Lei não se refere à Informática Educativa, entretanto faz alguma referência à educação a distância” (Demo, 2001: 85).

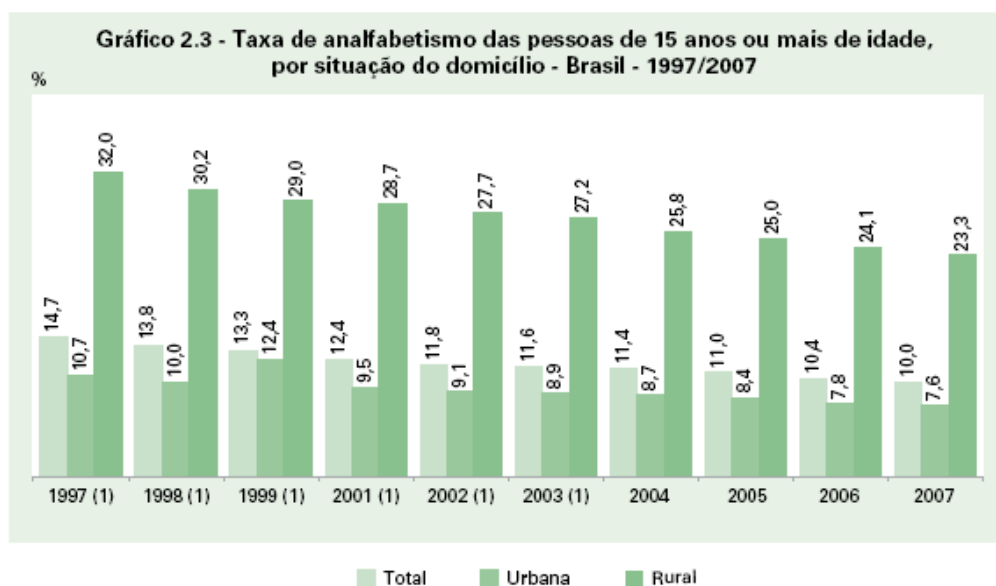
#### **1.4 As desigualdades na escola brasileira**

A integração ao mundo da informação e do conhecimento afeta os indivíduos. As relações sociais são cada vez mais informatizadas, tornando-se um desafio para um país como o Brasil que, apesar dos esforços feitos para melhorar a situação educacional da população, ainda conta, segundo a pesquisa realizada pelo IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD 2007<sup>4</sup>, com uma população de analfabetos da ordem de 14,1 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade, o que corresponde a uma taxa de 10,0%. Esses dados mostram que o analfabetismo é uma consequência perversa que recai sobre os indivíduos e sobre o conjunto da sociedade. Com as novas formas de produção e competição

---

<sup>4</sup> A pesquisa sobre o analfabetismo no país utilizou dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000 e foi divulgada em Disponível em <http://www.inep.gov.br> (Acesso em 29/08/2008).

impostas pelo avanço tecnológico, ficamos em desvantagem quando observamos



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1997/2007.

(1) Exclui-se a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

os índices sociais. Esse desajustamento faz parte de nossa trajetória histórica. Segundo Helena Bomeny, os problemas de inadequação entre analfabetismo e trabalho industrial estão postos já no início do século XX. A educação foi, ao longo da história republicana, um bem escasso, privilégio de poucos. (Bomeny,2001:15) A superação do analfabetismo da língua uniu-se a mais um novo problema, o analfabetismo digital. Além da leitura e da escrita, novas competências e conhecimentos são exigidos para o exercício da cidadania. Os novos analfabetos são excluídos tanto do processo tecnológico e comunicacional quanto do mercado de trabalho, cada vez mais identificado com as tecnologias que favorecem a expansão dos mercados de consumo e de trabalho e produzem serviços e processos comunicativos. Para Silva não se trata de exclusão apenas no que se refere ao não acesso às inovações técnicas que transportam voz, imagem em movimento e texto entre terminais locais e globais, mas do não acesso à inovação na direção do mais comunicacional que ultrapassa a mera transmissão e recepção. Esta inovação significa disponibilização de possibilidades. (Silva, 2000:31)



**CENA1: Sem computador em casa, aluno acessa Internet na escola – Segundo IBGE, 18% dos estudantes navegam graças aos laboratórios escolares.<sup>5</sup>**

**Rapidez, memória e diversão. Essas são as principais vantagens da internet para Allan Góes Ferreira, 14 anos, aluno do 9º ano do Colégio Pedro II, no Humaitá, na Zona Sul do Rio. Ele faz parte do restrito grupo de 18% dos estudantes brasileiros que, segundo o IBGE, acessam a rede na escola. Em pesquisa divulgada nesta sexta-feira (23), o instituto alerta que apenas um terço dos estudantes utiliza a internet. Sem computador em casa, Allan usa o laboratório da escola e, eventualmente, a casa de amigos, para estudar e, claro, se divertir. “Ajuda bastante a gente nos trabalhos. A gente consegue as coisas mais rápidas”, explica ele, que tem aulas de francês, inglês, história, português, entre outras disciplinas, com a ajuda da rede mundial de computadores. Rapidez, memória e diversão.**

Os dados apontados pela reportagem reforçam a idéia de que estudantes somente acessam a internet na escola. Dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio PNAD 2007 - IBGE apontam que vinte e um por cento (32,1 milhões) da população de 10 ou mais anos de idade acessaram pelo menos uma vez a Internet em algum local - domicílio, local de trabalho, estabelecimento de ensino, centro público de acesso gratuito ou pago, domicílio de outras pessoas ou qualquer outro local - por meio de microcomputador. Não podemos esquecer que, graças ao avanço e convergência das mídias digitais, o acesso é ilimitado podendo acontecer também por celular, meio hoje comum na vida social. Segundo Mercado (2009), o maior problema não é a falta de acesso à informação ou às tecnologias, e sim a pouca capacidade crítica e procedimental para lidar com a variedade e a quantidade de informação e recursos tecnológicos.

---

<sup>5</sup> O Portal de Notícias da Rede Globo 23/03/07 - 17h01 - Atualizado em 23/03/07 - 17h07 - Alícia Uchôa Do G1, no Rio



## **CAPÍTULO 2**

### **A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO BRASIL**

#### **2.1. Breve histórico**

O avanço na pesquisa científica e o crescente desenvolvimento tecnológico impulsionados pela Guerra Fria, iniciada após a Segunda Guerra Mundial, motivaram transformações em diferentes esferas da vida social, em especial nas relações de produção e de consumo.

Esta nova etapa da História, especialmente nos últimos anos do século XX, tem a microeletrônica em convergência com a Informática e as telecomunicações como suportes de seu desenvolvimento, com interferência em suas estruturas produtivas. Segundo Castells, no final do século XX vivemos um desses raros intervalos na História. Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa cultura material pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação.

As transformações tecnológicas do mundo do trabalho irão repercutir no setor educacional, já que os novos meios exigem a formação de novos profissionais e novas formas de atuação. Para Manuel Castells, no novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimento, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. (Castells, 2000: 34) A educação é reconhecida como um investimento no fator de produção mais indispensável que é a competência humana.

Neste novo momento em que a apropriação e o domínio científico tecnológico são relevantes para o desenvolvimento das nações, é importante considerar o contexto em que se desenvolvem, no Brasil, os primeiros passos de uma política governamental dedicadas ao tema. As primeiras tentativas de buscar novos caminhos para a elevação da produtividade, para o desenvolvimento de

novos produtos e mercados definirão, em longo prazo, o início da Informática voltada e aplicada na educação.

Segundo Raquel Moraes (1996), no início da década de 1970, o Brasil não tinha uma indústria local de computadores. As multinacionais IBM e Borroughs já operavam e dominavam o mercado desde 1924. Na década de 1970, o Brasil buscou criar uma indústria própria que garantisse autonomia tecnológica em Informática. Esse movimento veio acompanhado por posições contrárias entre civis e militares que pensavam o desenvolvimento tecnológico por diferentes prismas. No entender de Raquel Almeida, os militares defendiam a criação de uma capacidade técnica-industrial voltada para a indústria bélica e os civis pensavam no desenvolvimento de um mercado de Informática no país. (Almeida, 1996: 69), No meio da divergência dos diferentes setores, tornou-se premente a necessidade da criação de quadros técnicos profissionais capazes de atender à demanda do mercado que nascia. A partir de 1972, foi criada a Coordenação de Assessoria ao Processamento Eletrônico – CAPRE para assessorar o uso dos recursos informáticos do governo e centralizar a criação de uma política brasileira para o setor de Informática. A partir de estudos realizados por esse órgão é elaborado o primeiro Programa Nacional de Treinamento em Computação – PNTC que implantará cursos universitários e de pós-graduação ligados à Informática. Com a extinção do CAPRE em 1979, nasce a Secretaria Especial de Informática, SEI - órgão do Conselho de Segurança Nacional, para regulamentar e organizar a Política Nacional de Informática. Segundo Cândida de Moraes, buscava-se uma capacitação científica e tecnológica capaz de agenciar uma autonomia nacional, a partir de atividades de pesquisa e da consolidação da indústria brasileira, com a intenção de fomentar e estimular a informatização da sociedade brasileira.

Com a necessidade de constituir recursos humanos para o campo de Informática, a SEI criou, em 1980, a Comissão Especial nº 1 fornecendo ao MEC informações para gerar diretrizes no campo que se abria. Eventos como os I e II Seminários de Informática na Educação, realizados em 1981 e 1982, respectivamente em Brasília e Salvador, colaboraram para a implantação de

políticas públicas voltadas para o uso da informática na educação. Segundo o relatório dos encontros:

“Aconselharam a constituição de Projetos-piloto de Informática na Educação, de natureza interdisciplinar, junto a universidades com capacitação tecnológica nas áreas de informática na educação, abrangendo, em princípio, tanto o ensino regular como o não-formal, em todas as suas variedades e em todos os seus graus, mas com prioridade para o ensino regular de 1º, 2º e 3º graus, com o objetivo de pesquisar a utilização do computador na educação, em direto desenvolvimento com os órgãos que executam o ensino<sup>6</sup>.”

Desta forma, muitas sugestões e recomendações foram consideradas e transformadas em ação, definindo orientação política e educacional para a Informática. Em outubro de 1981, a Secretaria Especial de Informática, SEI, juntamente com o MEC/CNPq e FINEP realizaram o I Simpósio de Informática na Educação e divulgaram o seu primeiro documento sobre o uso da Informática na educação: “Subsídios para a Implantação do Programa de Informática na Educação”. Esse documento determina a estimativa de custos de centros-piloto e propõe a criação de uma Comissão Especial de Informática na Educação, pelo MEC. Em 1982, o MEC cria o Centro de Informática Educativa, CENIFOR.

Um ano após a realização do II Seminário de Informática na Educação, realizado na Universidade Federal da Bahia, sob o patrocínio da SEI e com apoio do MEC e do CNPq, é criada a Comissão Especial nº11: Informática e Educação (CE-IE n.11/1983) e a Secretaria Geral do MEC (SG/MEC) apresenta as diretrizes e bases para o estabelecimento de uma política de Informática na educação. Com base nas recomendações da Comissão Especial nº11/83, a SEI, em agosto de 1983, publicou o Comunicado SEI/SS nº15/83, convocando as instituições de ensino superior a desenvolverem projetos, visando à implantação de Centros-Piloto em universidades brasileiras que se dispusessem a investigar a

---

<sup>6</sup> O Projeto EDUCOM :Projeto brasileiro de informática na educação- Ano I. -- Rio de Janeiro : Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa, 1985.

utilização do computador como instrumento de auxílio no processo ensino-aprendizagem, em especial no 2º grau.

Em dezembro de 1983, o Comitê Assessor da Comissão Especial de Informática na Educação recomendou o projeto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Para garantir e atender efetivamente às necessidades suscitadas com a introdução da nova tecnologia, o MEC transfere o Centro de Informática, CENIFOR, para a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa, FUNTEVÊ, órgão governamental que supervisiona o desenvolvimento e aplicações de tecnologias educacionais.

## **2.2. Projeto EDUCOM**

Em 1984 nasce o Projeto Brasileiro de Informática na Educação, EDUCOM, com a assinatura do protocolo de intenções, onde representantes do MEC/SEI/CNPq/FINEP comprometeram-se a apoiar financeiramente a implantação de centros-pilotos, nas universidades selecionadas: UNICAMP, UFRJ, UFMG, UFPE e UFRGS. Os objetivos do EDUCOM eram promover pesquisas sobre o uso do computador como instrumento do processo de aprendizagem escolar, formar recursos humanos para o ensino e pesquisa na área, analisar a viabilidade de se informatizar o ensino público brasileiro, testar linguagens de computador e experimentar programas de computador com os alunos.

O documento da FUNTEVÊ, sobre o estado da Informática Educativa no Brasil, em 1985, fornece uma descrição e avaliação dos subprojetos desenvolvidos nos centros-pilotos. Cada centro com um perfil distinto, preservando em comum as recomendações feitas nos seminários I e II que lhe deram origem.

### **2.2.1 EDUCOM / Rio de Janeiro**

A proposta do Centro-piloto na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) visava à criação de experimentos de introdução do uso do computador na escola de 2º grau. Essa proposta formulada por professores da Faculdade de Educação (FE), do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (Nutes) e do Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) tinha como objetivo avaliar os efeitos da utilização da tecnologia de Informática na educação e aprendizagem, concentrar atenção no desenvolvimento de software e hardware e formar recursos humanos para o trabalho com Informática Educativa. O Centro atuou em diferentes frentes: documentação, intercâmbio de experiências e divulgação, desenvolvimento de software e adaptação de equipamentos, desenvolvimento programas de ensino por computador (courseware), recursos humanos e assessoria à comunidade e experimento-piloto de implantação do computador no ensino de quatro matérias de Ciências: Biologia, Física, Matemática e Química.

O Projeto EDUCOM-UFRJ constituiu-se assim, desde 1984 até 1990, como um Centro Piloto de Informática na Educação. Em 1990, seguindo uma orientação do Programa Nacional de Informática na Educação, PRONINFE<sup>7</sup>, o projeto EDUCOM da UFRJ transformou-se em uma Coordenação Superior de Informática na Educação, identificada pela sigla CIES/EDUCOM-UFRJ.

### **2.3 Reformulações e discussões**

Na intenção de criar um espaço de discussão e de encaminhamento da Política Nacional de Informática na Educação, o Ministério da Educação e Cultura cria, em 1986, o Comitê Assessor de Informática para Educação de 1º e 2º Graus (Caie/Seps) com a função de assessorar a Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus, Seps, sobre a utilização de computadores na Educação Básica. Foram definidas como primeiras ações a serem desenvolvidas pelo MEC, na área de Informática:

---

<sup>7</sup> Portaria MEC/SG nº 27, de 07/03/90.

a organização de concurso nacional de softwares educacionais, a elaboração de documento sobre a Política Nacional de Informática na Educação, a implantação de Centros de Informática Educacional (CIEs), em convênio com Estados e Municípios e promoção de cursos para a formação de professores dos CIEs. (BRASIL, 1987b).

Desta forma, nasce em 1987 o Projeto FORMAR destinado à capacitação e formação de professores e técnicos das redes municipais e estaduais de todo o Brasil. Acontece o 1º Curso de Informática Educativa ministrado pela EDUCOM / UNICAMP.

Segundo Maria Cândida de Moraes, a implementação do Programa ocorreu a partir de 1986, mediante a alocação de novos recursos para a pesquisa, através do refinanciamento das atividades do Projeto EDUCOM, do lançamento, em 1987, do 1º Concurso Nacional de Software Educativo e da implementação do Projeto FORMAR, operacionalizado através de dois cursos de especialização em Informática na educação, em nível de pós graduação *lato sensu*, realizados na UNICAMP, em 1987 e 1989, dedicados aos professores das diversas secretarias estaduais de educação e das escolas técnicas federais. (Moraes,1997: 17) Outro momento decisivo nas ações de fomento da Informática na Educação foi a instalação dos Centros de Informática na Educação, CIED. Os professores formados por esse curso tiveram como compromisso projetar e implantar, junto à secretaria de educação que o havia indicado, um Centro de Informática na Educação (CIED) a ser efetivado mediante apoio financeiro por parte do Ministério da Educação.

No período de 1988 a 1989, dezessete CIED foram implantados, em diferentes Estados da Federação. Esses centros constituíram ambientes de aprendizagem informatizados, integrados por grupos interdisciplinares de educadores, técnicos e especialistas, suportados por programas computacionais de uso/aplicação da Informática Educativa e tinham como propósito atender aos alunos e professores de 1º e 2º graus, de Educação Especial, e à comunidade em geral.

Dando continuidade aos projetos anteriores do Ministério da Educação, em 1990, foi aprovado o Programa Nacional de Informática Educativa, PRONIFE, através da Portaria MEC/SG nº 27, de 07/03/90 que foi substituído, em 1997, pelo Programa Nacional de Informática em Educação (PROINFO), subordinada a Secretaria de Educação à Distância, SEED do Ministério da Educação. O Programa tem como objetivo fomentar a incorporação das tecnologias de informação e comunicação e das técnicas de educação à distância aos métodos didático-pedagógicos. Além disso, promove a pesquisa e o desenvolvimento voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras.

## **CAPITULO 3**

### **A INFORMÁTICA EDUCATIVA NO COLÉGIO PEDRO II**

#### **3.1. O Colégio Pedro II**

O Colégio Pedro II, fundado em 1837, nasceu como agência oficial de educação e cultura, co-criadora das elites condutoras do país, elemento de construção de um projeto civilizatório, ou seja, associado à apropriação de uma cultura considerada superior. Celebrado até hoje como espaço de êxito e símbolo de status, é detentor de referenciais de prestígio no imaginário social. É hoje um complexo educacional, composto de treze unidades escolares: Centro, Engenho Novo I e II, Humaitá I e II, São Cristóvão I, II e III, Tijuca I e II, Realengo I, Niterói I, Duque de Caxias I e Niterói. As unidades escolares I ministram ensino da classe de alfabetização até a 4ª série do ensino fundamental; as unidades II oferecem ensino da 5ª à 8ª série e ensino médio; a unidade III oferece especificamente ensino médio. No ano de 2009, computadas as treze unidades, o Colégio contava com cerca de 12.500 alunos, 1.100 professores e 850 servidores técnico-administrativos.

Essa instituição, ao longo de sua história, passou por diferentes reformas educacionais que orientaram as práticas e ações pedagógicas para diversas direções, demarcadas por diferentes tensões e conflitos. No final do século XX, precisamente na década de 1980, várias mudanças foram acentuadas no contexto da democratização do país e da perspectiva sobre o lugar da educação no desenvolvimento econômico. O ensino profissionalizante fixado pela Lei 5.692/71 deixa de ser obrigatório no nível médio, sendo retomada a ênfase para a formação geral, em detrimento do treinamento concentrado para afazeres e competência específica dissociada de uma formação cultural mais ampla. O colégio passa hoje por alterações, segundo depoimentos, com sérios problemas de estrutura pedagógica e administrativa para fazer frente às alterações advindas das exigências oficiais mais recentes. Um dos diretores do Pedro II, referindo-se



à política de implantação da informática no cotidiano da escola assim se manifesta:

“eu não me interessei pela Informática inicialmente porque tinha muitos problemas. [...] Nós tínhamos cerca de quatro mil alunos, só. Tinha tido muito mais no colégio. O colégio estava num cone de sombra. As instituições, como os homens passam por períodos de cone de sombra. Dei a preferência, dei à prioridade a implantação da estrutura orgânica da Secretaria de Ensino e as modificações do processo ensino aprendizagem.” (Wilson Choeri, depoimento em 2008).

Assim, para recuperar o seu status de escola padrão, edificado pela predominância do ensino clássico e humanístico, o Pedro II promoveu, em 1979, o 1º Encontro Pedagógico<sup>8</sup>. Os encontros anuais promovidos pela Secretaria de Ensino traçavam o parâmetro curricular único para todas as Unidades Escolares do Colégio Pedro II. O documento final constituía no Programa Geral de Ensino e tinha como objetivos:

“a) elaborar, manter e avaliar inovações metodológicas que permitam ao MEC utilizá-las em benefício de outras áreas brasileiras; b) constituir-se em um laboratório de experiências curriculares, pedagógicas e didáticas que forneçam ao MEC subsídios para a formulação de suas estratégias e políticas educacionais; c) elaborar programas disciplinares densos de conteúdos que permitam aos jovens terem o entendimento do progresso da ciência, da técnica, da cultura e das relações sociais” (Programa Geral de Ensino, 1981: 4)

A busca pela tradição de escola padrão alinhada com as diretrizes oficiais de ensino ficam evidenciadas no slogan criado.

Eu criei um slogan “O novo velho Colégio Pedro II” porque era preciso dar uma mensagem: o novo e o velho Colégio Pedro II. Novo no sentido de metabolizar, incorporar o que a ciência e a tecnologia introduziram a educação e velho pra não perder as suas raízes humanísticas. Não é só incorporar os conhecimentos científicos, mas também os conhecimentos sócio-culturais humanísticos que o jovem precisa ter para formar a sua

---

<sup>8</sup> O 1º Programa Geral de Ensino foi realizado no período de 30 de julho a 4 de agosto de 1979, na gestão do Profº Tito Urbano e foram promovidos anualmente até 1996 quando foram substituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

personalidade e ter uma visão de cidadania. (Wilson Choeri, depoimento em 2008)

Na década de 1980 o Colégio recuperou o seu quantitativo de alunos através do convênio com a Secretaria Municipal de Educação e da seleção através de concurso para o 2º segmento do Ensino Fundamental. Em 1984, o colégio inaugurou novas unidades dedicadas às primeiras séries do ensino de 1º grau e convocou concurso para docente. A abertura de concurso para pessoal docente permitiu incorporar profissionais com experiências e formações diversas. Muitos professores participaram da primeira fase, investindo e aplicando a idéia da Informática Educativa, nas suas práticas de trabalho.

“O que as equipes dos “Pedrinhos” conseguiram foi estabelecer o elo entre o aprendizado, não diria totalmente autônomo, mas um aluno mais ativo no seu aprendizado, como o trabalho em sala de aula, o que não quer dizer necessariamente que o aluno não era ativo, mas é um espaço mais conservador. Então eu acho assim, que varias atividades no “Pedrinho” que ocorriam em São Cristóvão, na Tijuca e até no Engenho Novo, no Humaitá eram atividades que faziam inter-relação com que o aluno estava fazendo na sala de aula, traziam para o laboratório. No laboratório o aluno tinha uma participação mais ativa, mais pró-ativa, no sentido de, ele podia pesquisar, podia manipular, podia mexer. Então eu acho que ajudou pedagogicamente a perceber que os espaços de aprendizagem são múltiplos e não têm fronteiras. Não é a sala de aula uma coisa e o laboratório outra, a sala de arte outra, inclusive muitas vezes, me lembra alguns projetos de São Cristóvão que integravam Arte com Informática, com Ciência, com Língua Portuguesa, enfim.” (Sílvia Becher, depoimento em 2008)

Com a Constituição de 1988 define-se e afirma-se o processo de mudança educacional colocando a educação como um direito e como um fator importante para a formação do cidadão. No contexto das novas tecnologias a educação ganha outra dimensão, deixando de lado as habilidades manuais específicas e valorizando um conhecimento mais teórico e conceitual.

Ao final do século XX, no ano de 1990, com o slogan “O Futuro Velho Pedro II” o colégio lança as diretrizes para o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado

que tem como premissas a incorporação das inovações científicas geradas pela ciência. Admite as transformações rápidas dos processos técnicos e das bases tecnológicas de nossa civilização, o avanço dos conhecimentos das ciências sociais e comportamentais, com reflexo no Brasil, exigem e enfatizam a agilidade de entendimento e harmonia das relações humanas que facilitem a adaptação e exigida por essas mudanças, trazem tais mudanças como decorrências da necessidade de dar a cada formação indispensável para levar uma vida útil e satisfatória em um meio complexo e em constante evolução. Considera as tendências de substituição do processo de produção mecânica por processos cibernéticos e tecnorrônicos que alteram o conceito de classe social e proletariado.

A implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (LDB) abrange intensas transformações que irão refletir na ampliação de matrículas e expansão do sistema de ensino. Nos textos da LDB 9.394 de 1996, o artigo 32, inciso II estabelece que a formação básica do cidadão, no ensino fundamental, deverá ser promovida mediante “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”. Por outro lado “a Lei não se refere à Informática Educativa, entretanto faz alguma referência à educação a distância” (Demo, 2001: 85).

### **3.2. A Informática Educativa**

A Informática Educativa percorre três fases ao ser implantada no Colégio Pedro II:

- . 1985 até 1995: Marca o período inicial quando se dá a celebração oficial de um protocolo de intenções com a UFRJ, projeto EDUCOM.
- . 1995 até 2002: Implantação dos primeiros laboratórios e realização de concurso público para professores da área de Informática Educativa.

. 2002 até os dias de hoje: Consolidação e novas definições políticas no campo como: introdução da disciplina na grade curricular, novo concurso público, realização anual do Seminário de Mídia-Educação do Colégio Pedro II.

### **3.3. Período inicial - 1985-1995**

A Informática Educativa começa oficialmente no Colégio Pedro II, em 1985, na celebração de um protocolo de intenções com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, conveniada com o Projeto EDUCOM. O Professor Tito Urbano<sup>9</sup>, então Diretor Geral da instituição, no período de 1979 até 1988, designou<sup>10</sup> a Professora Eugênia Damasceno Vieira de Neubarth para o cargo de coordenação, nos termos do protocolo de intenções, celebrado entre o Colégio e a UFRJ/Projeto EDUCOM. A proposta inicial considerava o desenvolvimento de três programas:

- Programa I – Curso profissionalizante na área de Informática, no nível de 2º Grau;
- Programa II – Educação para a Informática;
- Programa III – Ensino assistido por computador, em disciplinas de currículo de 2º Grau, sem prejuízo de suas outras atividades na Secretaria de Ensino do Colégio Pedro II.

Consta como uma das frentes do Projeto EDUCOM/ UFRJ a assessoria ao Colégio Pedro II, nos termos do protocolo 01/85, na implantação do seu projeto de Informática.

Apesar da implantação do Projeto EDUCOM, com a consequente escolha de universidades para subsidiar e orientar projetos pilotos em escolas, não havia a garantia de aquisição de materiais necessários. A iniciativa dentro do Colégio era incipiente como fica registrado nos relatos abaixo:

---

<sup>9</sup> Dr. Tito Urbano da Silveira – Diretor Geral do Colégio Pedro II (1979-1988).

<sup>10</sup> Colégio Pedro II. Portaria Nº389 de 30 de Julho de 1985.

“A Eugênia chegou ao meu gabinete e disse: “Choeri, eu consegui um ITAUTEC em comodato, computador, um micro computador eu poderia dar início a uma ação”? [...] O único favorecimento que eu fiz foi sair da minha sala de gabinete e passei para o nível comum dos outros assessores e entreguei a sala para ela. Ela começou a fazer “sopa de pedra”. Num determinado instante aquela ITAUTEC, que nós recebemos como comodato, começou a dar filhote, nós começamos a conseguir alguns”. (Wilson Choeri, depoimento em 2008)

“Foi um convênio com o Itaú, parece que tinha algumas máquinas da Itautec e que a escola ia criar um curso técnico. Então os alunos iam fazer o curso do Ensino Médio e iam pra lá fazer uma complementação como se fosse um curso técnico. Mas era assim uma coisa pequena, tosca de três computadores.” (Sílvia Becher, depoimento em 2008)

Em 1986 foi criado, por portaria do Diretor geral do Colégio Pedro II, o CEIE/CP II - Centro de Estudos de Informática na Educação do Colégio Pedro II, cujo objetivo era a implantação, o desenvolvimento e a ampliação da Informática no Colégio. Além dos estudos teóricos, o Centro se destaca pela ênfase ao ensino profissionalizante de Informática, aplicado aos alunos de 2º Grau.

“O curso técnico logo recebeu apoio tanto que ele se institucionalizou, São Cristóvão começou a ter uma turma mesmo. No início os alunos iam lá pra uma complementação depois um curso técnico com uma grade especial e os alunos iam lá pra fazer estágio ou uma parte prática, mas já era mais oficial não era só um cursinho extra.”(Sílvia Becher, depoimento em 2008)

O CEIE/ CP II marca presença na construção da história da Informática Educativa no Brasil ao participar de diferentes eventos realizados ao longo do ano de 1986. Esteve presente na VI Feira Internacional de Informática, no estande no CENIFOR, situado na área reservada à Pesquisa e Desenvolvimento. A apresentação do CEIE/CP II constou de uma exposição sobre os objetivos gerais e as metas dos três programas que integram o Projeto Informática na Educação, elaborado pela equipe técnica do Colégio. Participaram também deste evento dois

alunos da 6ª série da Unidade São Cristóvão, dentro do programa intitulado “Construção do Pensamento Lógico através do LOGO”, que contou com a colaboração do ISOP/FGV, Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas.

Em Setembro de 1986, um dos membros da equipe do CEIE/CPIL, Professora Sonia Zyngier, publica na revista FACTA o texto *Por que Logo no Colégio Pedro II?* Esse texto enfatiza a presença do computador na vida social e a necessidade da escola estudar o fenômeno, para assim buscar uma forma mais adequada de participar do ritmo acelerado do desenvolvimento tecnológico. Zyngier assinala a necessidade dos educadores se conscientizarem da força desta nova linguagem, alertando para o fato de a escola permanecer ainda na Era Industrial. Em outubro de 1986, o Centro de Estudos de Informática, do Colégio Pedro II participou do Seminário Psicopedagógico “Novos rumos para o desenvolvimento da lógica e da imaginação na criança do 3º mundo”, promovido pelo ISOP – Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, da Fundação Getúlio Vargas. Naquele evento, as professoras Eugênia Neubarth, Ana Maria Ebert e Sonia Zyngier apresentaram os objetivos gerais e as metas do Projeto Informática na Educação no Colégio Pedro II, enfatizando o programa II – “Construção do pensamento lógico através do Logo”.

Em Novembro de 1986, em São Paulo, aconteceu o I Simpósio Projeto Pólo Informática, do qual participou o cientista Seymour Papert, idealizador da linguagem Logo para computador. Nesse período o colégio, através do CEIE/CPIL, estava implantando o seu Laboratório de Informática com a utilização da linguagem Logo e participa do III Congresso Internacional Logo e do I Congresso de Informática na Educação em Nova Hamburgo, Rio Grande do Sul.

Em 1987, a EDUCOM / UNICAMP promoveu o 1º Curso de Informática Educativa, com duração de 360 horas. Participaram 52 professores e técnicos de 24 Estados da federação. O Professor João Cândio Silva Neto, um dos membros do grupo CEIE/CPIL, participa como aluno, do projeto FORMAR, na UNICAMP.

“A idéia é que o pessoal vinha fazer o FORMAR para instalar os CIEDS, Centros de Educação e Informática que chamava. Isso seria instalado em cada Estado e como o João estava aqui, a gente esperava que fosse instalar um laboratório. Quando foi pra ser feita a divisão dos computadores, não sei. Como a gente estava falando aqui, o Pedro II é sempre deixado de lado, o MEC não incorpora não vê como sendo parte do ministério. Acho que naquela época ele ficou de fora.” (José Armando Valente, depoimento em 2009)

Nesse período, o colégio adquire oito microcomputadores que são instalados numa das salas da Secretaria de Ensino, com aproximadamente 24 metros quadrados, segundo relatório do professor João Câncio. Tem início a primeira turma do Curso Técnico em Processamento de Dados (CTPD) e desenvolvimento de projetos: LOGO; Elaboração de Courseware - materiais instrucionais programados, na área de Biologia e promoção de cursos visando à formação de recursos humanos em Informática Educativa.

1989 marcou o encerramento do projeto de elaboração de Coursewares e o do projeto Editor de texto, EDtexto. O grupo apontou as dificuldades operacionais enfrentadas que iam desde a falta de equipamento, aposentadorias de parte da equipe, problemas de tempo, qualidade do material produzido até a possibilidade de uso pelos alunos etc.

Para alguns professores, o movimento em torno de projetos governamentais passava despercebido e sem sentido, pois poucas pessoas possuíam ou tinham acesso a computador. Os cursos oferecidos pelo projeto não ofereciam adequação à realidade do professor.

“Eu fiz uma parte do curso. Eu me lembro que não cheguei a fazer o curso todo. Porque tinha um problema de horário. Era no horário contrario do horário de trabalho e na verdade eu não via ligação. Não tinha computador na escola, nem vislumbraava ter computador. Então era uma coisa muito distante. Os primeiros cursos oferecidos em parceria com as universidades conveniadas, do Projeto EDUCOM, não eram obrigatórios.” (Beatriz Rocha, depoimento em 2009)

Ainda, em 1992, na gestão do Diretor Chediak<sup>11</sup>, o CEIE/CPII expandiu-se em quatro unidades escolares do Colégio Pedro II: São Cristóvão I, Engenho Novo I, Humaitá I e Tijuca I, com equipamento de oito bits e impressoras cedidos pelo CEIE/CPII. Foram criados os quatro primeiros LIEDS, laboratórios de Informática Educativa, nas Unidades I, do 1º segmento. A aquisição de material e recursos humanos vinha da iniciativa e interesses pontuais das direções das unidades, da comunidade escolar, dos professores e por vezes de motivações familiares.

“A gente tinha um caminho. E eu acho como a gente tinha um caminho a gente foi fazendo aquilo, e a gente foi conquistando, porque como a gente começou com as crianças, as crianças do C.A., que eu falei. O que acontece? Os pais gostaram. Não necessariamente a escola, nem os professores gostavam, mas os pais gostaram. Porque a gente apostou nisso, a gente apostou nos pais e nas crianças e eles iriam forçar a escola e foi realmente o que aconteceu.” (Ana Cristina Barreto Leite, depoimento em 2009)

“Acho que na medida em que os grupos se solidificaram e mostraram seus trabalhos e brigaram pelo seu espaço acho que a escola encampou, e também acho que coincidiu com uma época em que se tentava um sistema informatizado na escola e houve uma sensibilização pra entender que a Informática era coisa do momento, do futuro então acho foi quando a Secretaria de Ensino, a Direção encampou e resolveu então inaugurar os laboratórios. Aí também conseguiu verba para os equipamentos, mas quer dizer as verbas iniciais foram conseguidas, quase que individualmente.” (Sílvia Becher, depoimento de 2008)

“Às vezes conseguíamos com os pais doações. Nós ficamos nove anos sem verba de custeio para equipamentos [...] Nós nunca tivemos assistência do MEC, nem ajuda. O dinheiro para equipamento nós destinamos para a Informática. Eles nunca nos deram dinheiro para isso.” (Wilson Choeri, depoimento em 2008)

Apesar do pouco investimento governamental, as iniciativas e pioneirismo da instituição ficam registrados nas propostas das Unidades Escolares, em particular as de primeiro segmento do Ensino Fundamental.

---

<sup>11</sup> Antonio José Chediak – Diretor Geral do Colégio Pedro II (1989 - 1992).



“O colégio tinha esse projeto de implantar os laboratórios, começar pelos “Pedrinhos”, que era uma aposta, que esse pessoal fazia o grupo que estava na Informática Educativa. Eles apostavam que pelo Pedrinho a coisa ia se efetivar e realmente foi o que aconteceu.” (Beatriz Rocha, depoimento em 2009)

A primeira proposta de implantação dos laboratórios de informática aconteceu na gestão do CEIE/CPII. Uma segunda proposta<sup>12</sup>, reformulada, já apresentou a Informática como uma futura área de atuação dentro da instituição, sugerindo que poderia se constituir na área de concentração profissional de um percentual expressivo do corpo discente da Instituição, apesar da mesma não se caracterizar como uma Escola Técnica. Propõe ao Colégio Pedro II fornecer uma educação profissionalizante e especializada ao longo do curso humanista. Para atender às três interfaces entre Informática nas Unidades Escolares I e II apresenta quatro projetos: Formação de Recursos Humanos em Informática Educativa; Uso do computador como ferramenta no processo ensino aprendizagem; Alfabetização em Informática e Clube de Informática.

Ganham destaque as iniciativas da Unidade Escolar Humaitá I com a utilização da Informática Educativa nas Classes de Alfabetização, CA. A equipe do LIED atendia pequenos grupos de alunos com problemas de aprendizado. Esse trabalho era realizado com dois computadores doados pela Receita Federal e tinham como ênfase a utilização da linguagem LOGO.

“... a proposta do trabalho com LOGO, ela ia ao encontro daquilo que a gente acreditava como trabalho no Pedrinho, no primeiro segmento . Era uma proposta de trabalho construtiva e era o que a gente acreditava e foi, na verdade a formação que o colégio deu pra gente, pois na implantação no primeiro segmento a gente teve um trabalho de formação, pra trabalhar com uma proposta construtivista. Então assim, ter conhecido LOGO, antes de qualquer outra coisa, foi fundamental pra gente acreditar que o computador poderia ser um parceiro pra desenvolver esse trabalho de construção de conhecimento. Pra mim, eu hoje tenho isso claro” (Beatriz Rocha, depoimento em 2009)

---

<sup>12</sup> ANEXO 1

O LOGO é uma linguagem de programação desenvolvida por Seymour Papert fundamentada nos conceitos da inteligência artificial com a teoria piagetiana. A proposta de Papert atribui ao computador um papel de construção do conhecimento, pois a atividade de programação permite observar e descrever as ações do aluno enquanto resolve problemas que envolvem abstrações, aplicação de estratégias, estruturas e conceitos construídos, ou a criação de novas estratégias, estruturas e conceitos, assim possibilita transformar ações em conhecimentos. (BRASIL, 2000: 49)

### **3.4. Período de definições – 1995 a 2002**

A implantação dos laboratórios de Informática Educativa no Colégio Pedro II se deu no início da gestão do Professor Wilson Choeri<sup>13</sup>, que se beneficiou de uma verba intacta, proveniente de repasse do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, FNDE<sup>14</sup>. Segundo relatório<sup>15</sup> de inspeção do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, FNDE, de 1995, as unidades Centro, São Cristovão, Tijuca e Engenho Novo receberam Laboratórios de Informática.

“E com isso começamos a ter dinheiro do MEC, que estava encalhado porque, quando eu assumi a Direção, imediatamente eu consegui liberar uma parte desse dinheiro, eu dei prioridade à implantação do sistema de computação e fazendo as salas, os laboratórios e aí nós avançamos. Mais, fizemos que com esse avanço, a implantação chegasse até o Pedrinho.” (Wilson Choeri, depoimento em 2008)

---

<sup>13</sup> Wilson Choeri – Diretora Geral do Colégio Pedro II (1994-2008).

<sup>14</sup> Convênio com o Ministério da Educação e do Desporto nº 3856/94, 061/94,067/94 e 081/94. Segundo o documento foi liberada a importância de R\$1.157.856,99 para a execução do projeto de informatização das nove unidades, aquisição de equipamentos para a gráfica, recuperação de espaço físico, instalação de equipamentos e treinamento de pessoal.

<sup>15</sup> Relatório de Inspeção nº48/95 DAPRO/FNDE, cujo teor apresenta laudo técnico para comprovação de execução físico-financeira, dos convênios assinados em 1994 com o Ministério da Educação e do Desporto. Do plano de trabalho aprovado constam a informatização das nove unidades escolares, aquisição de equipamento para a gráfica, recuperação de espaço físico, instalação de equipamentos e treinamento de pessoal. Com a realização da tomada de preços nº 002/94 para compra de 165 equipamentos de processamento de dados foi considerada vencedora a firma LABO ELETRÔNICA S.A.

“Em 95, quando começou a ter laboratório a gente já tinha um trabalho, a gente já fazia grupo de estudo com os professores, a gente já tinha uma implantação bem encaminhada. Isso é que fez uma grande diferença. A gente já tinha um trabalho. Os professores faziam curso com a gente.” (Ana Cristina Barreto, depoimento em 2009)

A partir de 1996 o CEIE/CPIL foi substituído pelo DCCIT, Departamento de Ciências da Computação e Iniciação ao Trabalho. Neste ano, realizou-se o primeiro concurso público para os Cursos Profissionalizantes.

“Foi em 96 o primeiro concurso do DCCIT porque eu me lembro que como eu estava organizando o concurso, nós tínhamos que definir quais seriam os critérios. Porque professor de Informática não tem licenciatura e todos os outros concursos tinham licenciatura. Então a gente tinha que criar um critério pra aceitar o professor de Informática. Foi isso mesmo. Foi o primeiro concurso para o professor de Informática. Acho que depois tiveram... Em 97 teve de novo, 98 e do Informática Educativa foi em 2002.” (Sílvia Becher, depoimento em 2008)

Inicialmente os professores lotados nos Laboratórios de Informática eram profissionais de outros departamentos que buscavam melhorar sua capacitação em Informática Educativa para melhor exercer sua função.

“ Quando eu trabalhava no Pedrinho<sup>16</sup> e fui alocada no laboratório de Informática Educativa, eu tinha uma experiência como usuária na Informática, mas não tinha uma experiência pedagógica e a minha formação inicial foi na prática mesmo com a minha coordenação da época que era a professora Cristina Branco [...] No Pedrinho já tinha todo um esquema de aula semanal com aquelas crianças, já tinha toda uma forma de trabalhar, tinha uma coordenação” (Patrícia Vasconcellos, depoimento em 2009)

---

<sup>16</sup> Designação usada para as unidades escolares que atendem o 1º segmento do Ensino Fundamental

Posteriormente, com a aquisição de novos computadores, compra de softwares educativos e ampliação da capacidade de atendimento aos alunos, o trabalho foi crescendo e exigindo um número maior de profissionais capacitados, responsáveis pelo desenvolvimento da Informática Educativa na instituição.

“todos os profissionais da escola precisam estar capacitados para fazer a ponte entre a Informática e a própria disciplina ou área de atuação” (PPP/CPIL, 2002)

Mesmo não contando com a presença do profissional de Informática Educativa nos quadros docentes da instituição, no Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II (2002) a Informática Educativa encontra-se como um recurso para aprofundar o aprendizado de conceitos e habilidades em diferentes disciplinas.

“Acho que a primeira vez que se reconhece a Informática Educativa como uma área de docência foi no concurso de 2002. Uma área de docência, enfim com professores específicos para isso que não tenham sido importados digamos de outras áreas. E acho que nesse sentido a escola foi pioneira, pelo menos que eu saiba foi pioneira. A gente marcou, fincou uma bandeira interessante. Isso também foi uma situação assim um pouco...” (Silvia Becher, depoimento em 2008)

Portanto, para suprir a ausência de professores na nova área, no ano de 2002, a Escola promoveu o primeiro concurso público para Informática Educativa<sup>17</sup>, pelo departamento de Ciência da Computação e Iniciação ao Trabalho. No ano de 2006, a instituição convocou novo concurso e abriu oito vagas e desta vez inseriu na grade curricular como disciplina obrigatória.

---

<sup>17</sup> Portaria de nº 291/MPOG, de 03 de julho de 2002. O concurso público de provas e títulos realizado em 2002 abre uma vaga para professor do Colégio Pedro II, na disciplina Informática Educativa, cujos requisitos para o cargo exigem: Formação de Professor de 1ª a 4ª série em nível médio (Curso Normal) ou Licenciatura Plena em disciplina do currículo do Ensino Fundamental e Médio, além de curso de Formação em Informática, com no mínimo de 180 horas em Instituição de Ensino Superior ou médio, reconhecida; conjugado à comprovação de experiência pedagógica com informática de, no mínimo, 3 anos ou 720 horas, ou curso de pós-graduação (Lato ou Strictu Sensu) em Informática Educativa, em instituição de ensino superior reconhecida

## **CAPÍTULO 4**

### **O USO DO AUDIOVISUAL NA PESQUISA**

O surgimento de novos aparatos tecnológicos de registro (fotografia, cinema, som), no final do século XIX, transformou substancialmente as metodologias de pesquisa no campo das Ciências Humanas e Sociais, alterando as formas de coleta e tratamento de dados e as formas de exposição de resultados, gerando novas temáticas, novos objetos e novos métodos. Nesse sentido, o registro audiovisual constitui um elemento poderoso para a pesquisa social. Como dado primário, serve às questões teóricas e ajudam na interpretação dos objetivos das pesquisas que a utilizam, pois esse material possui a capacidade de acompanhar instantaneamente ações e acontecimentos humanos. Entretanto é importante perceber as limitações e dificuldades desse tipo de informação. O material gerado por aparatos técnicos, criados e mediados pelo homem, são representações simplificadas de uma dada realidade. São construções que estão sob condições históricas, econômicas e culturais determinadas.

Para Peixoto, os filmes de pesquisa antropológica, ou “o filme etnográfico não é considerado como instrumento que capta objetivamente os fenômenos sociais, ele é somente uma leitura possível, uma escolha, uma representação daquele que as produz”. (Peixoto,1999:105) Portanto, o documento audiovisual é um fato social e em toda a sua complexidade pode oferecer uma compreensão da sociedade em diferentes aspectos. Uma única imagem pode proporcionar vários tipos de leitura e interpretações.

Para Peixoto “as metodologias de pesquisa que utilizam o audiovisual permitem que se estendam os limites internos da própria disciplina, assim como enriquecem os campos de análise já existentes, podendo até criar outros. A introdução da imagem em uma pesquisa deve revelar algo novo que o texto não pode revelar.” (Peixoto, 2006: 217)

Mônica Kornis assinala que no contexto de abertura da história para a utilização de novos objetos, os filmes, tanto de ficção, documentários, os cinejornais, os programas de televisão passaram a ser encarados como fontes preciosas para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores e das ideologias de uma sociedade ou de uma dada época. (Kornis, 2008: 23)

#### **4.1. Breve histórico**

Em 1880, o inglês Edward Muybridge provou, através do uso do registro fotográfico, que as patas de um cavalo, em pleno galope, ficavam suspensas no ar ao mesmo tempo. Esse experimento pioneiro marca um dos movimentos no uso do filme na pesquisa científica. Passando pelas experimentações de Thomas Edison e dos irmãos Lumière registrando pessoas realizando gestos simples em diferentes ambientes. Outro movimento nesse sentido foi a criação do cronofotógrafo, por Etienne-Jules Marey em 1882, um protótipo da câmera cinematográfica, capaz de fotografar doze vezes por segundo. Felix-Louis Regnault utilizou esse aparelho para desenvolver reflexões teóricas e metodológicas sobre o comportamento humano, a locomoção em especial. Em 1895 filma uma mulher africana fabricando um pote de barro. A partir desse momento é possível registrar inúmeros trabalhos científicos que utilizam o audiovisual como ferramenta para coleta de dados. O antropólogo Franz Boas (1858-1942), em suas expedições científicas, além de fazer anotações de campo, colhia objetos, discursos, desenhos e músicas. Preocupava-se com registro de imagens abrigando em sua equipe um fotógrafo. Segundo Peixoto Boas inseriu o filme pela primeira vez, em suas pesquisas, em 1930, quando decide registrar sozinho, sequências curtas sobre jogos e danças. (Peixoto, 1999: 94) Assim como Franz Boas, Margaret Mead e Gregory Bateson utilizaram registro fotográfico e de filmes em suas incursões por sociedades distantes. *Balinese Character*, filme de pesquisa, realizado em 1930, registrou o comportamento e as práticas culturais do povo Balinês.

Embora não fosse antropólogo ou historiador, Robert Flaherty inaugura um novo documento visual ao registrar a cultura esquimó, em 1922. O cineasta para construir o seu filme utilizou a observação participante e contou com a colaboração dos membros da comunidade esquimó para a representação e construção de cenas cotidianas e hábitos do passado. *Nanook of the North*, segundo Sarah Pink, representa o saber sobre uma “outra” cultura, “desconhecida”, utilizando os recursos narrativos do cinema. (Pink, 2005: 64)

Desta forma os recursos cinematográficos permitem a exploração de um determinado campo de visão, ou fragmento visual, a exploração de tempos diferentes na construção de uma narrativa previamente escolhida. Para Lagny, a operação historiográfica de descrever, analisar e interpretar um determinado fato pode ser efetuado pelo filme graças às múltiplas combinações permitidas pelos enquadramentos, a montagem, o jogo entre a banda sonora e a imagem. (Lagny, 2000: 19) O cinema, em particular, autoriza a tradução da temporalidade histórica, que é considerada, há mais de meio século, plural e homogênea. Assim ele pode não somente reviver o passado, mas também lhe dar sentido. Para Salles o documentário encerra duas naturezas distintas. De um lado, é o registro de algo que aconteceu no mundo; de outro lado, é narrativa, uma retórica construída a partir do que foi registrado. (Salles, 2005: 64)

Outra contribuição para a edificação do registro audiovisual na pesquisa social acontece com a experiência de Dziga Vertov. Para o cineasta a câmera é um olho mecânico em constante movimento que liberta o homem da imobilidade, possibilitando a aproximação, a penetração e a percepção organizada do mundo. Segundo Silvio Darin, Vertov encarava o cinema como “montagem ininterrupta”, processo permanente de interpretação e organização de fatos. (Vertov, 2008: 117)

Nas décadas de 1950 e 1960 surge uma nova metodologia de filmagem proporcionada por novas técnicas de captação de som e imagem. As câmeras sonoras portáteis, que além de registrar os sons e os gestos em sincronia davam ao cineasta maior liberdade de ação. Para Darin esta idealização dos poderes do

novo instrumental técnico foi a pedra de toque de uma “estética do real”, cujas manifestações mais exaltadas expressavam um objetivismo delirante e uma crença na verdade. (Darin, 2008: 104)

Jean Rouch, antropólogo cineasta, dedicou-se à compreensão das práticas culturais de povos africanos utilizando um novo tipo de relação com os sujeitos pesquisados e alcança uma reformulação radical nas formas de registro audiovisual. Dedicou-se, desde o início, a uma luta ferrenha contra os filmes que mostravam, através de uma visão etnocêntrica, “o estado primitivo” das sociedades africanas (Peixoto, 1999: 101). Em *Moi un Noir*, a realidade e imaginação se alteram constantemente, ao contrário de documentário clássico onde o argumento é veiculado por letreiros ou pelo comentário *off*, os próprios sujeitos falam sobre a vida e suas aspirações. O cineasta utiliza um modo interativo com a equipe de atores não-profissionais, ou seja, conta com a colaboração dos próprios sujeitos da filmagem. A voz do cineasta está presente, sem corte. É de Nichols a sugestão de que o documentário participativo nos oferece uma idéia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação, e também a idéia de como aquela situação conseqüentemente se altera. (Nichols, 2005: 153) O cineasta torna-se quase um ator social como qualquer outro, pois de alguma forma ainda detém o poder e controle potenciais sobre os acontecimentos.

#### **4.2 A proposta do ensaio**

*Imagens da Escola: a Informática Educativa no Colégio Pedro II* é um ensaio videográfico, em DVD, com duração de 26 minutos. Foca o surgimento, implantação e incorporação da Informática Educativa, dentro do Colégio Pedro II. Busco na utilização da imagem e do som uma aproximação com o cotidiano desse novo campo de docência, valorizando as falas das pessoas envolvidas na pesquisa. Propõe-se um olhar mais atento aos comportamentos, aos gestos e expressões, as falas de personagens envolvidos. . A produção de imagens nessa pesquisa serve como um instrumento de interpretação e invenção junto com os sujeitos da pesquisa.



#### 4.2.1 Descrição dos objetos

*Imagens da Escola: A Informática Educativa no Colégio Pedro II* apresenta a institucionalização de uma área de conhecimento que impõe uma nova cultura escolar dentro de um estabelecimento secular e de tradição humanística. O ensaio propõe uma reflexão através dos depoimentos e imagens dos personagens que contam essa história.

No primeiro bloco encontramos membros da Diretoria de Ensino, atual Secretaria de Ensino e pessoas que participaram ou acompanharam de forma direta ou indireta nas primeiras tentativas de informatização do colégio. Começa com a professora Ana Maria Ebert, professora aposentada de Biologia do Colégio Pedro II, participante de um dos primeiros cursos do Projeto EDUCOM para a capacitação de recursos humanos oferecido pela UFRJ, uma das universidades selecionadas pelo Ministério da Educação no seu projeto de Informática na Educação. Ebert foi a primeira chefe do Departamento de Ciência da Computação no período de 1996 até 1999.

Em seguida, o depoimento de Florentino Siqueira de Mello, coronel da polícia, catedrático em Matemática Aplicada em Estatística, membro da Divisão Educacional do Colégio Pedro II, em 1979. É dele o depoimento:

“Assim que a revolução estourou. [1964] Eu sou coronel da polícia mandava e desmandava. Todo mundo obedecia. Eu fui esse coronel apanhado pra botar no eixo o pessoal do Colégio Pedro II. Apoiado pelo Tito e pelo Choeri.” (Depoimento em Florentino Siqueira de Mello)

Nesse período, o professor Dr. Tito Urbano da Silveira assumiu a administração da Direção Geral do Colégio Pedro II, no período de 1979 até 1988, e convidou Wilson Choeri para dirigir a Divisão Educacional, atual Secretaria de Ensino. Wilson Choeri foi Secretário de Ensino em diferentes administrações: no período do Dr. Tito Urbano da Silveira, Diretor Geral, no período de 1979 até

1988. Acompanhou e estimulou as primeiras iniciativas de introdução de microcomputadores na escola.

Eu criei um slogan “O novo velho Colégio Pedro II”. Porque era preciso dar uma mensagem: o novo e o velho Colégio Pedro II. Novo no sentido de metabolizar, incorporar o que a ciência e a tecnologia introduziram a educação e velho pra não perder as suas raízes humanísticas. O que eu chamava de raízes humanísticas? Não é só incorporar os conhecimentos científicos, mas também os conhecimentos sócio-culturais humanísticos que o jovem precisa ter para formar a sua personalidade e ter uma visão de cidadania. (Wilson Choeri, depoimento em 2008)

Wilson Choeri esteve presente também, no período da administração do professor Antonio José Chediak, Diretor Geral no período de 1989 até 1992; na administração da professora Maria Amélia do Amaral Palladino, Diretora Geral no período de 1992 até 1994. Choeri acompanhou as primeiras iniciativas de introdução de computadores no colégio.

“A professora Eugênia Neubarth era excelente profissional de educação, tanto que ela no SENAC ela implantou toda estrutura curricular das atividades do SENAC e aqui pedagogicamente ela dava uma boa cobertura ao nosso trabalho implementando uma porção de procedimentos. Um belo dia a Eugenia Neubarth, Damasceno Neubarth chegou no meu gabinete e disse: “Choeri eu consegui um ITAUTEC em comodato, computador, um micro computador eu poderia dar início a uma ação”? Eu disse “pode dar”. (Wilson Choeri)

Em 1994, Wilson Choeri é eleito Diretor Geral com mandato até 1998 e prorrogado até julho de 2008. Dispondo de verbas provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, FNDE, instala os primeiros laboratórios de Informática em todas as Unidades Escolares do 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental.

“Quando eu assumi a direção imediatamente eu consegui liberar uma parte desse dinheiro e eu dei prioridade à implantação do sistema de computação e fazendo as salas, os laboratórios e aí nos avançaram mais fizemos que esse avanço, que a implantação chegasse até o Pedrinho.” (Wilson Choeri)

Silvia Beatriz Alexandra Becher Costa chega à Secretaria de Ensino como assessora do professor Florentino Siqueira de Mello. Ao longo dos anos, em diferentes administrações acompanhou as fases da implantação da Informática Educativa no Colégio e em 1999, como chefe do Departamento da Ciência da Computação.

“Quando eu cheguei pela primeira vez na secretaria de ensino existia já aquele núcleo da informática da educação, chamava algo parecido não lembro se era exatamente isso e no meu olhar de hoje não era exatamente informática da educação. Não sei se para aquelas pessoas no olhar de então era, exatamente só aquilo, mas eu vejo hoje que não é, mas acho que foi um bom começo. O quê que era? Foi um convênio com o Itaú, parece, e tinha algumas máquinas da Itaútec, em que a escola ia criar um curso técnico e então os alunos iam fazer o curso do ensino médio e iam pra lá fazer uma complementação como se fosse um curso técnico. Mas era assim uma coisa pequena, tosca de três computadores. E aí começaram a se juntar alguns professores por “N” razões apareceram lá, muitos por contato pessoal da Eugênia, pra montar uma equipe de estudos, foi quando a Ana apareceu. E então rolavam projetos meio individuais, tinha o da Ana, tinha a Sônia Landim” (Sílvia Becher, depoimento em 2008)

José Armando Valente foi professor do Projeto Nacional de Formação de Recursos Humanos em Informática na Educação - Formar I e II da UNICAMP, que foi colocado em prática em 1987, com o 1º Curso de Informática na Educação ministrado pelo centro-piloto do Projeto EDUCOM na UNICAMP. Relata a participação do colégio em cursos oferecidos pelo MEC

Quando a gente estava fazendo a instalação dos CIEDS, nos [...] do grupo FORMAR. A idéia é que o pessoal vinha fazer o FORMAR para instalar os centros de [...] CIEDS, Centros de Educação e Informática que chamava. Isso seria instalado em cada Estado e como o João Cândia estava aqui, a gente esperava que fosse instalar um laboratório. Quando foi pra ser feita a divisão dos computadores, não sei. Como a gente estava falando aqui, o Pedro II é sempre deixado de lado, o MEC não incorpora não vê como sendo parte do ministério. Acho que naquela época ele ficou de fora. Só depois que a gente começou a falar com a Maria Cândida começou a pensar, que tinha o João etc. E começou a pensar em montar os laboratórios do MEC, começou a prestar um pouquinho mais de atenção do que estava acontecendo. (José Armando Valente, depoimento em 2009)

E apresenta a condição particular da escola no momento de implantação de projetos pilotos pelo MEC nos estados brasileiros.

“Mas, primeiro tem uma condição diferente das outras escolas, o fato de estar ligado com o MEC, ter essa ligação direta com o MEC e de certa maneira não se beneficiar das coisas que o MEC faz pras outras escolas. Isso é uma coisa que sempre chamou atenção. A outra coisa é que mesmo estando presente na primeira turma de formação dos professores, que estavam usando tecnologia, o pessoal do FORMAR I, NTE, etc. Não foi direta a implantação da informática aqui. Lembro que poucas pessoas interessaram.”(José Armando Valente, depoimento em 2009)

Raul Choeri, membro do Departamento de Administração no período de implantação dos laboratórios de Informática, em 1995 relata as dificuldades técnicas e administrativas para a implantação dos laboratórios de informática, nas Unidades Escolares.

“Nós tínhamos um problema seríssimo: a parte elétrica. O colégio nunca teve uma parte elétrica, era medieval, sei lá, cem anos. [...] Em 94 disparou o processo de eleição e ganhou o professor Choeri e quando nós fomos verificar todos os recursos que tem. Esse dinheiro todo ficou parado. Ficou parado sem usar nada [...] Nós tínhamos um convênio esse da informática vinha do FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação”(Raul Choeri, depoimento em 2008)

Encontramos professores que participaram dos primeiros movimentos de utilização da informática nas suas práticas de sala de aula. Maria Beatriz Rocha e Ana Cristina Barreto Leite professoras da unidade escolar Humaitá e autoras do primeiro projeto de implantação dos Laboratórios de Informática da unidade Humaitá, pelo Centro de Informática Educativa do Colégio Pedro II, CEIE/CPII, em 1994.

“a proposta do trabalho com LOGO, ela ia ao encontro daquilo que a gente acreditava como trabalho no Pedrinho, no primeiro segmento . Era uma proposta de trabalho construtiva e era o que a gente acreditava e foi, na verdade a formação que o colégio deu pra gente, pois na implantação no primeiro segmento a gente

teve um trabalho de formação, pra trabalhar com uma proposta construtivista. Então assim, ter conhecido LOGO, antes de qualquer outra coisa, foi fundamental pra gente acreditar que o computador poderia ser um parceiro pra desenvolver esse trabalho de construção de conhecimento. Pra mim, eu hoje tenho isso claro” (Beatriz Rocha, depoimento em 2009)

A depoente relata as dificuldades encontradas para lançar a idéia do uso da Informática Educativa e das limitações materiais no uso desse recurso.

Quando a Bia me chamou eu não sabia usar o computador. Tinha noção porque tinha feito algum curso, mas não sabia usar. A gente foi aprendendo. Na verdade quem ajudava a gente, no final das contas eram nossos familiares [...] Não foi o Colégio. Foi realmente investimento nosso particular da gente correr atrás de fazer as coisas. Não era comum ter computador nessa época. Eu me lembro que eu fiz um levantamento. Eu acho que de todo o professores, se eu não me engano três pessoas tinham computador em casa. Ninguém usava. As pessoas tinham horror a computador, não queriam usar. Achavam que era uma coisa fria, ruim. Eram contra mesmo. Lembro que a gente fez uma reunião com todos os professores. E a gente foi apresentar o trabalho e dava até medo porque as pessoas tinham medo. Tinha falas: “Eu nunca vou usar isso!”, “Isso é muito frio.”, “Como vai trabalhar com isso, educação não tem nada haver isso!”. Contra. (Ana Cristina Barreto Leite, depoimento em 2009)

Deram depoimentos, também, Andrea de Farias Castro e Patrícia Ribeiro Vasconcellos primeiras professoras concursadas, em 2002. Relatam suas trajetórias profissionais que cruzam com os primeiros movimentos de instituições universitárias no oferecimento de cursos de formação de professores para Informática na Educação.

“Minha história começa em 95 no Pedro II com o concurso de primeiro segmento de ensino fundamental e em Informática Educativa em 2000, quando eu trabalhava no Pedrinho e fui alocada no laboratório de Informática Educativa. Eu tinha uma experiência como usuária na Informática, mas não tinha uma experiência pedagógica e a minha formação inicial foi na prática mesmo com a minha coordenação da época que era a professora Cristina Branco. Então ela que me deu os primeiros conhecimentos em cima de usar a tecnologia na educação.” (Patrícia Vasconcellos, depoimento em 2009)

“Eu fiz a minha especialização em Informática Educativa na FAHUPE, em 1994 achando que eu estava na ponta de lança da modernidade do sofisticado era o que havia no momento. Quando eu comecei a estudar isso descobri que desde 84, 82, já tinham introduzido Informática Educativa no país. Eu estou pensando que estou moderna, já tem dez anos esse negócio acontecendo.” (Andrea Castro, depoimento em 2009)

Durante o depoimento em conjunto percebe-se as possibilidades e as dificuldades derivadas da inserção da Informática Educativa na grade curricular.

“O Colégio Pedro II é uma instituição tradicional e a gente funciona em cima de uma grade de disciplinas [...] Para a nossa estrutura realmente amarrrou um monte de coisas. Dificultou mais o trabalho por um lado, porque a gente começou a trabalhar com mais dificuldades de dar continuidade ao que o professor estava fazendo em outras disciplinas,” (Patrícia Vasconcellos, depoimento em 2009)

Após a realização das entrevistas individuais e em grupo partimos para o registro audiovisual, de um dia de trabalho na sala de informática, da Unidade Escolar Engenho Novo, com a colaboração de Simone da Costa Lima, professora de Informática Educativa, concursada em 2007. Nesse dia acompanhamos todos os movimentos dos professores e alunos envolvidos com essa atividade.

O registro aconteceu durante o período da manhã e da tarde. Durante a filmagem, diferentes profissionais passaram pela sala de Informática: professores, técnicos de informática, auxiliares. No primeiro momento da manhã Simone recebeu professores que estavam interessados na utilização do espaço, dos computadores, internet e recursos audiovisuais. Além de auxiliar na marcação de horários preocupou-se com os usos das máquinas e equipamentos disponíveis. Esse espaço propõe uma nova forma de trabalho docente contando com aparatos tecnológicos como: computadores, datashow, filmadora, máquina fotográfica digital, gravadores digitais etc. Nesse sentido ao pensar nos aparatos tecnológicos disponíveis nesse ambiente percebemos que a procura está relacionada aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações que

possuem uma base imaterial, ou seja, seu principal espaço de ação é virtual e sua principal matéria-prima é a informação. (Kenski, 2007)

Observando a sala percebemos que a disposição dos móveis facilita a interação e a visualização das atividades dos sujeitos (Foto 1 e 2). Nesse ambiente o professor funciona como um orientador que circula e auxilia nas atividades. Essa imagem foge ao modelo tradicional em que o professor é formado para valorizar conteúdos e ensinamentos acima de tudo, e privilegiar a técnica de aula expositiva para transmitir esses ensinamentos. (Moran: 2003: 134).



Foto 1



Foto 2

A velocidade é uma das características desse ambiente tecnológico que coloca à disposição dos alunos e professores um conjunto amplo de informações, de linguagens em tempos velozes e com possibilidades de convergências incalculáveis. A professora sempre atenta ao processamento e organização das informações circula pela sala participando e trocando informações com os estudantes num atendimento quase individualizado, pois os caminhos a serem escolhidos pelos estudantes são diversos e inúmeros. Nesse tipo de ambiente os sujeitos discutem e compartilham descobertas com os outros sujeitos.

Em seu relato, antes da aula, apresenta a conclusão de uma pesquisa em que valoriza a interatividade e integração entre os sujeitos, já que essa troca favorece a construção de conhecimento. (foto 3) A relação professor-aluno é alterada pelo uso das tecnologias quanto a resolução de problemas, na realização de projetos, na coleta e análise de dados sobre um determinado assunto. O professor realiza um mergulho junto com os alunos, para poder responder a suas dúvidas e questões. A proximidade com os alunos ajuda-o a compreender suas idéias, olhar o conhecimento de novas perspectivas e a aprender também. (Kenski, 2008:103)



Foto 3



Nesse contexto percebemos a importância do professor como articulador desse conhecimento colocado à disposição dos estudantes a todo o momento, em diferentes suportes tecnológicos, em diferentes espaços e tempos. (foto 4)



Foto 4

#### **4.3 Estratégias de abordagem**

O que facilitou a minha aproximação e confiança com os entrevistados foi a presença de Maria Beatriz Rocha que fez parte do grupo de professores da instituição envolvidos com a implantação da Informática Educativa no colégio. Beatriz ofereceu informações importantes sobre os possíveis entrevistados e promoveu os encontros com os personagens. As entrevistas ocorreram de forma descontraída sendo a própria entrevistadora uma personagem do filme. Os diálogos ficaram em torno das memórias e lembranças de eventos relacionados à pesquisa. A presença e a participação de Beatriz, durante as entrevistas estimularam a recordação de fatos e eventos do passado.

Durante a filmagem na sala de informática valorizei o registro das atividades, os tempos utilizados, os sons produzidos e as vozes dos sujeitos. Para isso usei planos americanos, closes fechados e em alguns momentos a câmera alta (Foto 4). Na maioria das tomadas empreguei a câmera na mão e um tripé como suporte para a captação do som direto. Os participantes reagiram inicialmente de maneiras diversas: alguns demonstravam inibição e procuraram se esconder da

câmera e outros falavam, dançavam e riam em tom mais alto. Em alguns momentos parecem esquecer da minha presença e começam a dar mais atenção à tela do computador.

Para organizar o material gravado usei um caderno para anotações e observações relevantes dos eventos. A transcrição das entrevistas e a decupagem das 13 horas e 20 minutos de material fílmico consumiram dois meses de trabalho. Na pré-produção do vídeo, a utilização do computador ajudou na pré-visualização das cenas e construção das sequências. A possibilidade de manipulação da cor potencializou as imagens do primeiro e segundo bloco do filme que recebem um tratamento em preto em branco como uma estratégia estética de divisão de tempo e evocação do passado. Após a separação das imagens por assunto comecei a montagem das sequências por personagens aproximando e cruzando os depoimentos. Fui obrigada a fazer escolhas optando pelo corte de falas e personagens ao selecionar trechos que se casavam e se completavam.

Antes da finalização da montagem, no mês de fevereiro de 2010, aproveitei o colegiado do departamento para uma exibição do filme. Esperava um *feedback*, isto é a devolução das imagens às pessoas que participaram como depoentes e informantes. Após a exibição os espectadores presentes falaram sobre o que viram e opinaram revelando dúvidas e em alguns casos insatisfação da forma como foram representados. A exibição do filme gerou diferentes reações quanto ao potencial do registro fílmico. Nesse momento os participantes interferiram na finalização do filme apontando sugestões e reclamando a inclusão e o corte de imagens.

#### **4.4. Estrutura do vídeo**

##### **I bloco – Primeiros movimentos**

No primeiro bloco apresentamos os personagens que deram início a Informática Aplicada à Educação dentro do Colégio Pedro II. Os personagens do primeiro bloco são: Ana Maria Ebert, Wilson Choeri, Florentino Siqueira de Mello,

Silvia Becher. Durante esses relatos muitos nomes foram citados como: Antonio José Chediak, Bernadete Ponciano, Eugênia Damasceno Neubarth, João Câncio, Maria Amélia do Amaral Palladino, Sônia Landim, Sônia Zyngier, Tito Urbano da Silveira. Cada nome citado proporcionaria diferentes caminhos e pistas sobre esta pesquisa.

## **II bloco – Espaços e bandeira**

No segundo bloco os personagens abordam a implantação dos laboratórios de Informática em todas as Unidades Escolares do Colégio Pedro II. Relatam as dificuldades e os espaços conquistados ao longo dos anos. Apontam a institucionalização e incorporação do novo componente com a abertura de concurso público e a incorporação na grade curricular. Os personagens são: Sílvia Becher, Raul Choeri, Maria Beatriz Rocha e Ana Cristina Barreto Leite.

## **III bloco – Informática Educativa: Campo em construção**

No terceiro bloco os personagens narram as dificuldades presentes no cotidiano da Informática Educativa e a sua construção como campo de conhecimento. Os personagens desse bloco são: Andrea Farias de Castro, Patrícia Ribeiro Vasconcellos e Simone Costa. Ao terceiro bloco agrupo a experiência de um dia na Sala de Informática da Unidade Engenho Novo. Finalizo com imagens captadas do III Seminário de Mídia e Educação, promovido anualmente pelo Departamento de Ciência da Computação e Iniciação ao Trabalho, DCCIT e de eventos nos corredores da instituição.

### **4.5. Recursos materiais utilizados na realização**

- Câmera utilizada: Sony PD-170, DV Cam
- Horas gravadas: 13 horas e 20 minutos;
- Captação de som: microfone externo tipo boom e microfone externo acoplado à câmera.
- Edição: em ilha digital não-linear, com programa Adobe Premiere Pro 2.0
- Trilha Sonora: As três Marias de Villa Lobos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas realizadas facilitaram e confirmaram a compreensão dos eventos relacionados na pesquisa. Nesse sentido, compreende-se os primeiros movimentos do Colégio, na década de 80 e nos anos seguintes, incorporando a Informática Educativa, ao cotidiano escolar de forma pioneira e inovadora. Alguns eventos colaboram para esse fim: o desejo de grupos presentes nesse universo; professores visionários, familiares, a comunidade escolar; as primeiras propostas pedagógicas; a entrada da Informática Educativa na grade curricular do 1º segmento do Ensino Fundamental; a abertura de concurso para profissionais da educação preocupados com a incorporação das tecnologias no cotidiano da sala de aula apontam nessa direção.

Percebemos que a escola como uma instituição social é continuamente influenciada pelas mudanças e transformações que ocorrem fora de seu âmbito. A interação cada vez mais efetiva entre educação e tecnologias da informação e comunicação provoca mudanças nas práticas culturais e sociais que repercutem na dinâmica escolar sob diferentes configurações: novas competências, novos conhecimentos, novas formas de ação, de comportamento etc. O conhecimento e a informação ganham uma grande importância no mundo do trabalho e da formação humana. Assim, a escola se vê obrigada a repensar sua constituição como agência social responsável pela reprodução de um determinado capital cultural.

Nos depoimentos registrados fica evidente que a Informática começa a entrar na escola para a realização de tarefas administrativas e como controle acadêmico, de material, de horário etc. Isso fica claro nas entrevistas.

“Nós sentimos a necessidade de que era preciso nos ajustar para recursos humanos. Na folha de pagamento ela tinha que passar a ser informatizada [...] nós precisávamos de registro acadêmico, mas na hora do registro acadêmico nós começamos a querer implantar paralelamente, não abruptos

porque se nós tirássemos aquilo que era canônico, o registro acadêmico estava perfeito. A falha do projeto na informática poderia trazer danos”. (Wilson Choeri, depoimento em 2008)

A inserção na matriz curricular representou um passo significativo dentro do contexto em que vem se desenrolando as ações e discussões em torno da relevância e contribuição da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, ingressamos numa questão polêmica: existe um conflito entre pertencer a essa matriz curricular que organiza, determina, conforma e legitima a ação escolar e que ao mesmo tempo isola e fragmenta a ação educativa. Essa forma curricular tradicional não combina com a Informática Educativa que traz em sua dinâmica outra forma de educação, uma nova forma de aprender. O desafio é articular o currículo a uma ação interdisciplinar. Mas o passo principal foi dado, e o Colégio terá, inexoravelmente, caminhar, a despeito das tensões e/ou dificuldades na implantação, com os instrumentos disponibilizados pela tecnologia educacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes primárias

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Informática Educativa: de Ação Integrada: 1991-1993 – I Planinfe*. Brasília: Senete/Proninfe, janeiro de 1991.

\_\_\_\_\_. *Plano Setorial: Informática e educação*. Brasília, 1985a.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes para o Estabelecimento da Política de Informática no Setor Educação, Cultura e Desporto*. Brasília, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Informática. *Programa de Ação Imediata em Informática na Educação*. Brasília, 1987b.

\_\_\_\_\_. *Relatório da Comissão de Avaliação do Projeto Educom*. Brasília, 1986.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Informática. Comitê Assessor de Informática e Educação. *Projeto Formar: de informática na educação*. Campinas, 1987c.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Programa Nacional de Informática Educativa – Proninfe*. Brasília, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação.

COLÉGIO PEDRO II Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II, Brasília: Inep/MEC, 2002.

\_\_\_\_\_. Plano Geral de Ensino. Rio de Janeiro: CPIL, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1986, 1987, 1988, 1990, 1991, 1992 e 1996.

\_\_\_\_\_. FACTA nº 58 de Julho, Agosto, 1985.

\_\_\_\_\_. FACTA nº 64 de Julho, Agosto, 1986.

\_\_\_\_\_. FACTA nº 66 de Novembro, Dezembro, 1986

\_\_\_\_\_. FACTA nº 68 de Março, Abril, 1987.

\_\_\_\_\_ PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO COLÉGIO PEDRO II – 1990/2000. FACTA nº84 de Setembro, Outubro de 1989.

\_\_\_\_\_ PORTARIA Nº389 de 30 de Julho de 1985. FACTA nº 57 de Julho, Agosto, 1985.

\_\_\_\_\_ PORTARIA Nº920 de 12 de Julho de 2004.

\_\_\_\_\_ PORTARIA Nº291/MPOG, de 03 de julho de 2002.

\_\_\_\_\_ RELATÓRIO DE INSPEÇÃO Nº48/95 DAPRO/FNDE FACTA nº 58 de Julho, Agosto, 1985.

FUNTEVÊ - O Projeto EDUCOM: Projeto brasileiro de informática na educação - Ano I. Rio de Janeiro: Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa, 1985.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: *Livro Verde* / organizado por Tadao Takahashi. – Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

### **Livros e artigos**

AUMONT, Jacques e outros. *A estética do filme*. São Paulo: Papirus, 1995.

BECKER, H. S. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOMENY, H. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2003.

BOMENY, H (org.) *Ensino Básico na América Latina: experiências, reformas e caminhos*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 10. ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

BRASIL - *Relatório de monitoramento de educação para todos Brasil 2008: educação para todos em 2015, alcançaremos a meta?* – Brasília: UNESCO, 2008.

BRUNNER, José Joaquín. *Educación e internet¿La próxima revolucion?* - Fundo de Cultura Econômica, Chile, 2003.

\_\_\_\_\_ Preguntas desde el Siglo XXI. IN: *Revista Perspectivas* , vol. 4, Nº 2 (pp. 203-211) , 2001.

\_\_\_\_\_ *Educação: cenários de futuro, novas tecnologias e sociedade da Informação*. PREAL, nº16, Setembro de 2000.

\_\_\_\_\_ *Globalización y el futuro de la educación:tendências, desafios, estratégias*. Chile, PROMEDLAC VII, Seminário sobre perspectivas de la educacion em América Latina y el Caribe, 2000.

Globalización Cultural y Posmodernidad – Fundo de Cultura Econômica, Chile, 1998.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASASSUS, Juan . *A escola e a desigualdade* – Brasília: Líber Livro editora, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede - A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELORS, Jacques (org.). *A educação para o século XXI: questões e perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

EM ABERTO, Brasília, ano 12, nº 57, Janeiro/Março, 1993.

FELDEMAN BIANCO, Bela e LEITE, M Moreira – *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 2003.

GONÇALVES, Marco Antônio. *O real imaginado: Etnografia, Cinema e Surrealismo em Jean Rouch*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

HAICAULT-BOUCHARD, Monique. Uma tentativa de representar o tempo no espaço doméstico. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 3(1), p. 21-34. RJ, UERJ, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HANCOCK, Alan. A educação e as novas tecnologias da informação e da comunicação. In: DELORS, Jacques (org.). *A educação para o século XXI: questões e perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.



HENLEY, Paul. Trabalhando com filme: cinema de observação como etnografia prática. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 18(1): p.163-188, 2004.

KENSKI, V.M. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação, Campinas, São Paulo, Papirus, 2007.

KORNIS, Mônica A. *Cinema, televisão e História*. Rio de Janeiro, Zahar Editora , 2008.

LAGNY, Michele. Escrita fílmica e leitura da história. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, 10(1):p.19-37, 2000.

MORPHY, H. e BANKS. Introduction In: MORPHY, H. e BANKS, M. *Rethinking Visual Anthropology*. London: Yale University Press, 1999.

MARTINEZ, J. H G. Novas tecnologias e o desafio da educação. In: TEDESCO, J. C. *Educação e novas tecnologias; esperança ou incertezas?* São Paulo: Cortez, 2004.

MEDEIROS, Leila Lopes de. Mídias na educação e co-autoria como estratégia pedagógica. *Em Aberto*, Brasília, v.22, n. 79, p. 139-150, jan. 2009.

MERCADO, Luis P.L. Integração de mídias nos espaços de aprendizagem. *Em Aberto*, Brasília, v, 22, n.79, p. 9, jan.2009.

MORAES, Maria Cândida – Informática Educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas. *Revista Brasileira de Informática na educação*, nº1, 1997.

NICHOLS, Bill *Introdução ao documentário*. São Paulo, editora Papirus, 2005.

NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (org.) *Pierre Bourdieu*. Escritos da educação. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

PEIXOTO, Clarice. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN B, Bela e LEITE, M M. – *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas, São Paulo. Editora Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparadas e compartilhadas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 87-106, jul/set. 1995.

PINK, Sarah Agendas interdisciplinares na pesquisa visual: reposicionando a antropologia visual. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. UERJ, Núcleo de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, ano 21(2): p. 61-85, 2005.

\_\_\_\_\_. *The future of Visual Anthropology*. London: Routledge, 2006.

PRETTO, Nelson D. L. *Uma escola com sem/com futuro*. Campinas, São Paulo. Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_.Tecnologias e novas educações. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, nº 31, jan./abr., 2006.

RUBY, Jay. *Los últimos 20 años de Antropología Visual: una revisión crítica*, 2007. Disponível em: <http://www.antropologiavisual.cl/ruby.htm> (acesso em 03/05/2009).

SCHWARTZAMAN, S. *Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo*. São Paulo, Augurium, 2004.

SEGISMUNDO, F. *Colégio Pedro II – Tradição e Modernidade*. Rio de Janeiro. Unigraf. Editora e Planejamento, 1987.

SILVA, Marco – *Sala de aula interativa*, Rio de Janeiro, Quartet, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.

TEDESCO, J. Carlos. *Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo, Editora Cortez, 2004.

ZYNGIER, Sônia. Por que LOGO no Colégio Pedro II? In: Colégio Pedro II, *FACTA* nº 65 de Setembro, Outubro, 1986.

#### **Páginas da Internet consultadas**

UNESCO: <http://www.unesco.org.br> (Acesso em 02/07/2008)

PREAL: <http://www.preal.cl> (Acesso em 26/07/2008)

IBGE: <http://www.ibge.gov.br> (Acesso em 20/10/2008)

Revista Digital Art&: <http://www.revista.art.br> (Acesso em 22/10/2008)

PNUD\_BRASIL: <http://www.pnud.org.br/> (Acesso em 17/10/2008)

José M. Moran- <http://www.eca.usp.br/prof/moran>

José Joaquin Brunner - <http://mt.educarchile.cl/mt/>

INARRA - Grupo de Pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Culturais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UERJ  
<http://www.inarra.com.br>

Jay Ruby's Home Page - <http://astro.temple.edu/~ruby/ruby>

Revista Chilena de Antropologia Visual - <http://www.antropologiavisual.cl>

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1**

---

### **2ª proposta para implantação e implementação dos Laboratórios de Informática nas Unidades Escolares Humaitá I e II – 1995**

#### **1. Justificativa:**

Em face de proposta da Direção-Geral de reformular e integrar novos planos de trabalho em todas as áreas do Colégio Pedro II, foi solicitado ao CEIE/CP II, órgão criado junto a Secretaria de Ensino, dinamizar, a partir de 1995, a utilização dos microcomputadores pelos corpos docentes e discentes das Unidades Escolares.

#### **2. Objetivo Geral:**

Esta proposta tem como objetivo principal implantar e implementar Laboratórios de Informática para professores e alunos nas 09 (nove) Unidades Escolares, observando atentamente o crescimento das condições físicas e operacionais da instituição, a fim de aumentar proporcionalmente o atendimento.

#### **3. Descrição da Proposta:**

O Colégio Pedro II, para cumprir integralmente seus objetivos educacionais, entende ser indispensável preparar seu corpo discente para atuar eficientemente no mundo tecnológico e informatizado do presente e do futuro.

Vivenciar a Informática, sob uma primeira perspectiva, abrange tanto a incorporação de um cabedal de conhecimentos específicos, quanto à viabilização de sua prática permitindo, assim, a solidificação de conceitos e, acima de tudo, a solução de desafios resultantes do “aprender fazendo”.

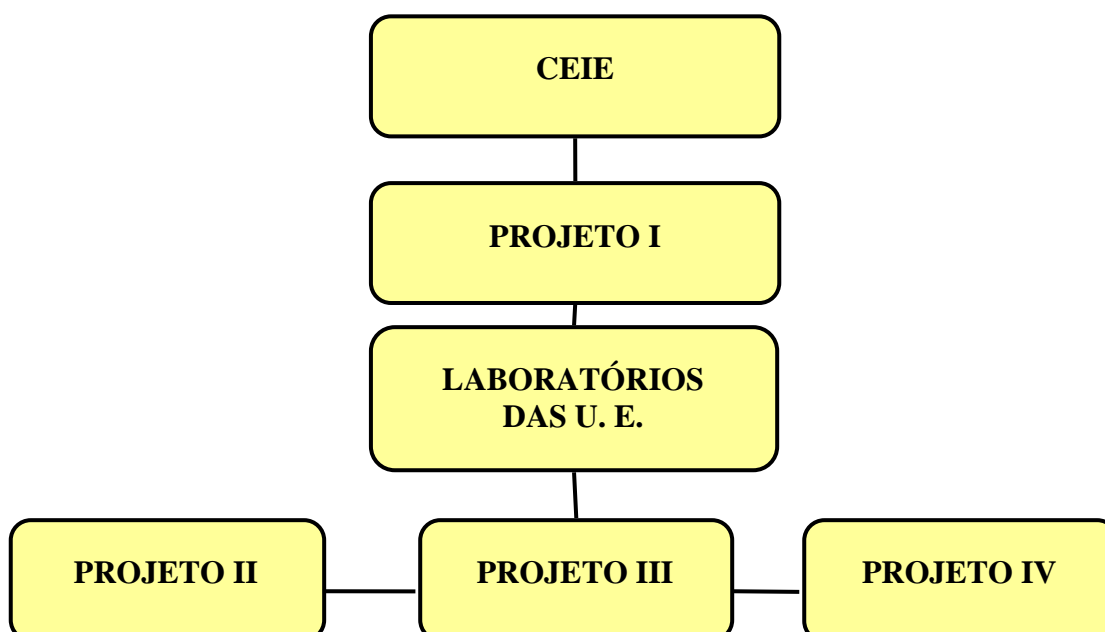
No entanto, a Informática não deve ser vista no contexto escolar somente como uma nova “disciplina” ou “curso”, mas também e, principalmente, como uma ferramenta a ser utilizada em prol de projetos pedagógicos mais amplos, para viabilizar:

- O acesso a informações/conteúdos/conhecimentos especializados em diversas áreas do saber;
- O desenvolvimento de reflexão aplicada a determinados conceitos teóricos;
- A prática e testagem de conhecimentos adquiridos;

- A integração de conteúdos e práticas de diferentes disciplinas em atividades de enfoque interdisciplinar;
- A expressão do espírito crítico e/ou estético a partir de motivação do próprio contexto analítico e educacional ou universo social do educando.

Acrescente-se, ainda, que a Informática poderá se constituir na área de concentração profissional de um percentual expressivo do corpo discente dessa Instituição, apesar da mesma não se caracterizar como uma Escola Técnica. Para este grupo de alunos, caberá ao Colégio Pedro II fornecer uma educação profissionalizante e especializada ao longo do curso humanista, característica deste estabelecimento de ensino. Para atender a estas três interfaces entre Informática nas Unidades Escolares I e II do Colégio Pedro II, ora apresentada, subdivide-se em quatro projetos excluindo o projeto de Ampliação do Curso Técnico em Processamento de Dados – CTPD, apresentado em separado por ter a Informática como enfoque ocupacional. São os projetos: 1º) Formação de Recursos Humanos em Informática Educativa; 2º) Uso do computador como ferramenta no processo ensino-aprendizagem; 3º) Alfabetização em Informática e 4º) Clube de Informática.

O diagrama a seguir permite a visualização global da presente proposta:



#### 4. Projeto I

---

### **“Formação de Recursos Humanos para Dinamizar o Funcionamento dos Laboratórios de informática”**

---

#### Objetivo Geral:

Reciclar ou preparar professores das diferentes Unidades Escolares que já tenham conhecimentos básicos de Informática em geral ou Informática educativa para que atuem nas suas respectivas Unidades tanto no processo de alfabetização em Informática dos alunos quanto como agentes multiplicadores junto aos demais docentes de sua Unidade Escolar, capacitando-os a utilizarem o computador como uma ferramenta no processo ensino-aprendizagem e/ou alfabetizando os alunos em informática.

#### Objetivos Específicos:

- Recrutar professores das diferentes Unidades Escolares interessados em participar do processo de informatização do Colégio Pedro II.
- Aperfeiçoar e/ou adquirir conhecimentos específicos de Informática.
- Explorar as possibilidades do computador no contexto educacional.
- Analisar e criticar softwares educacionais.

#### Estratégias:

Sugere-se num primeiro momento, para alicerçar o fazer pedagógico nos Laboratórios de Informática, a formação de um grupo de agentes multiplicadores, selecionando aproximadamente 35 professores (04 de cada Unidade Escolar), a partir dos critérios abaixo:

- Professores, preferencialmente, com regime de trabalho de 40 horas com DE para facilitar a composição dos horários, visto que nem sempre é possível contar com a liberação de aulas dos professores;
- Professores que já tenham participado de um dos cursos de Introdução à Informática Educativa, oferecidos pelo CEIE a partir de 1989;
- Professores que têm conhecimentos básicos de Informática adquiridos em outros cursos ou de maneira autodidata;

- Professores que, através da resposta à Ficha de interesse elaborada pelo CEIE e distribuída pelos diretores das Unidades Escolares em 1994, possuem algum conhecimento de Informática e se interessam em aplicar a Informática no ensino de sua disciplina.

Este primeiro grupo, de professores capacitados, atuará como multiplicadores, sendo responsáveis, nas suas respectivas Unidades Escolares, pela formação e capacitação de novos grupos de docentes e, também, pelo início das atividades que integram o PROJETO III.

Assim, com base em uma fundamentação teórica atual e pertinente e em alguns dados levantados, agora, em maio de 1995, sobre o conhecimento em Informática e o interesse do corpo docente do Colégio Pedro II em integrar a Informática às suas disciplinas, foram organizadas as estratégias de implementação do Projeto I para o ano letivo de 1995, nas 05 etapas listadas a seguir:

1ª Etapa:

Levantamento dos docentes com conhecimentos na área de Informática interessados em utilizar o computador no ensino de sua disciplina.

2ª Etapa:

Formação do(s) grupo(s) que participará (ao) do curso de reciclagem.

3ª Etapa:

Estruturação do curso, planejamento do programa e do respectivo cronograma e preparação do material a ser utilizado.

## ANEXO 2

---

### ENTREVISTAS

**WILSON CHOERI**

***Entrevista realizada na Unidade São Cristóvão – 28 de Março de 2008. Depoimento do Diretor Geral do Colégio Pedro II no período de (1994 – Jan/2008)***

#### **Relato sobre a implantação da Informática Educativa no Colégio Pedro II.**

Eu gostaria preliminarmente de dizer o seguinte: na UERJ, ainda era UEG, eu como administrador, vice-reitor de planejamento fui chamado pela IBM a fim de me interar como executivo educacional das vantagens do computador. Ainda estava na moda o 1130 para a área científica de pesquisa. Ainda não havia o boom do micro computador que foi crescendo depois. Eu fiz um curso de mergulho total simplesmente como gestor universitário para me inteirar das possibilidades do computador e da informática. Isso na década de 60. Eu procurei me inteirar sem nunca ter tido tempo de me aprofundar para uso próprio do computador, uma falha minha, porque foi envolvido em uma porção de atividades, e não tinha tempo, mas sabia o alcance do computador. E tinha inclusive estabelecido um convênio com o presidente da IBM de que o Pedro II seria [silêncio] Pedro II, digo, desculpa, a UERJ, na época a UEG, depois passou para UERJ, seria um centro de desenvolvimento de Informática Educacional. Foi com o Amorim da IBM.

Quis o destino que eu tivesse que me afastar da UEG, já UERJ. Aquele planejamento que eu pretendia para a UEG, porque todo planejamento pedagógico, o espaço físico do Campo do Maracanã fui eu que escrevi a filosofia e fui o árbitro de laboratório de tudo que deveria haver lá na UEG. Como eu era professor do Pedro II, ao deixar temporariamente a UERJ, eu vim dar aula, sempre dei aula. O professor Tito<sup>18</sup> assumiu a administração da Direção Geral do Colégio Pedro II e me convidou para dirigir a Secretaria de Ensino, sendo que se chamava na época Divisão Educacional, Divisão de Ensino. Eu declarei ao Tito que eu aceitaria desde que não fosse um aspória, um assessor de porcaria nenhuma. Era pra executar e fazer. Ele topou. Nós tínhamos cerca de quatro mil alunos, só. Tinha tido muito mais no colégio. Ele estava num cone de sombra. As instituições, como os homens passam por períodos de cone de sombra, mas inexoravelmente como na Astronomia esse cone de sombra tende a desaparecer pela rotação e translação. Nas empresas, nas instituições isso acontece. A minha prioridade era reformular o ensino total do

---

<sup>18</sup>Dr. Tito Urbano da Silveira - Diretor Geral do Colégio Pedro II no período de 1979 - 1988



Colégio Pedro II e essa Secretaria de Ensino teria de ser o vetor de transformação e equalização do processo educacional dentro do Colégio Pedro II. Então dentro de uma visão gráfica, geométrica, eu tracei um plano diretor, sendo uma circunferência de círculo e inseri graficamente um polígono regular, um hexágono e dizia o seguinte esse polígono representa o projeto piloto. O que nós podemos fazer com as condições atuais. Diz a velha geometria que quando um polígono regular cresce o número de lados tende a se confundir ou a circunferência involuntária e foi isso que nós imaginávamos e começamos, mas eu tinha ousado estabelecer uma forma de Informática e não me interessei pela Informática inicialmente porque tinha muitos problemas. Tinham 580 professores fora de sala de aula, tinha uma carga horária insignificante curricular e, além disso, nessa carga insignificante nós precisávamos crescer rapidamente. O que eu fiz: dei à prioridade a implantação da estrutura orgânica da Secretaria de Ensino e as modificações do processo ensino aprendizagem.

Tive colaboradores inestimáveis um deles foi o professor Florentino Siqueira Mello. O Florentino Siqueira Mello se justapôs comigo enquanto eu me ajudava na execução desses projetos foi um trabalhador inestimável. Tinha também trabalhando conosco a professora Eugênia Damasceno que depois se chamou Eugênia Neubarth. A professora Eugênia Neubarth era excelente profissional de educação, tanto que ela no SENAC implantou toda estrutura curricular. Porque as Empresas comerciais e industriais criaram dois sistemas de ensino: o SENAI e o SENAC. E porque isso? Pela ausência da universidade, da escola brasileira tentando formar recursos humanos para o processo de desenvolvimento brasileiro. Esse processo era o processo de substituição inicialmente. A nossa indústria começou com o processo de substituição. Como nós não tínhamos recursos humanos adequados o SENAI, através do pioneirismo do Evaldo Lodi e depois o SENAC começaram a receber um percentual da indústria e do comércio para gerar esses recursos humanos. Isso ocorreu pela falha da universidade e da escola canônica brasileira, que no meu entender, está sempre divorciada do processo sócio econômico que passa a nação, passa a nação.

A Eugenia era uma excelente profissional e aqui pedagogicamente ela dava uma boa cobertura ao nosso trabalho implementando uma porção de procedimentos. Um belo dia a Eugenia chegou no meu gabinete e disse: “O Choeri eu consegui um ITAUTEC em comodato, computador, um micro computador eu poderia dar início a uma ação”? Eu disse “pode dar”. Eu usei sempre uma filosofia: quando propõe alguma coisa e que não seja delirante, e que não seja modismos educacionais eu tenho por norma começa a fazer eu não estabeleço nunca as regras para não colocar uma camisa de força naquilo que ta nascendo. Eu disse “Eugênia se vire” e ela que era pessoa de mando, determinada, ela pegou o micro computador. O único favorecimento que eu fiz foi sair da minha sala de gabinete e passei para o nível comum dos outros assessores e entreguei a sala a ela. Para ela trabalhar que eram as salas dos Secretários de Ensino do colégio. Ela começou a fazer “sopa de pedra”. Num determinado instante aquele ITAUTEC, que nós recebemos como comodato, começou a dar filhote, nós começamos a conseguir alguns. Quando eu restabeleci um plano que eu chamei, e está todo ele redigido, que seria um plano Diretor de

recuperação de Desenvolvimento Integrado do Colégio Pedro II, isso em 1995. Poucas pessoas leram e entenderam o que eu coloquei aqui. [entrevistado aponta para o documento]

Eu tinha como alterego o Florentino. Nós dois fazíamos uma dobradinha muito boa. Eu avançava e o Florentino vinha sedimentando os avanços, estruturando. Como tinha sido oficial da polícia militar e tinha um curso de Estado Maior me facilitou porque ele vinha limpando a área.

Na área de computação nós vimos à necessidade de que o colégio precisava ser totalmente informatizado e por que era importante? Porque nós já havíamos atingido um nível de quinze mil alunos quase. Tínhamos quinze mil porque vinham alunos de tarde repetitivamente para as aulas. Em torno de quinze mil. E tínhamos a Unidade Centro que era a unidade *mater* do colégio, São Cristóvão, Engenho Novo, Tijuca e Humaitá, cinco unidades. Como preparar? Na área da educação você tem que ser determinado. Traçar os objetivos a serem alcançados e fazer todo um esforço para atingi-los.

A estratégia é gerada pela Secretaria de Ensino, a liberdade tática é da unidade e do departamento. Quando nós pegamos a Secretaria de Ensino cada um dava o programa que quisesse havia professores que ficavam falando do último filme do Fellini, outros falavam do Netinho, outros falavam do melhor filme da Marilyn Monroe, e isso não tem sentido. Então nós estabelecemos o plano de ensino do colégio, fizemos os programas por unidades didáticas pedagógicas e as estratégias para serem seguidas.

A liberdade tática era do professor em sala de aula. Agora o programa foi elaborado pelo departamento de forma consensual. Nós não impusemos o programa. Impusemos sim, o formato do programa, os objetivos a curto e médio prazo a serem alcançados. Isso é tão importante é democrático é isso. Você traça a diretriz como você vai atingir os objetivos e as metas e esse é com um homem que está executando em sala de aula ou dirigindo a unidade. Eu nunca interferi nesse aspecto sempre foi prudente.

Agora a Informática, quando nós fizemos este Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado eu peguei o Pedro II num todo como que ele organicamente teria que se desenvolver. Até as estratégias na hora da aula qual que deveriam ser fornecidas. Eu e o Florentino pegamos esses dados todos.

Eu não podia abrir mão da informática. Porque nós sentimos a necessidade de que era preciso nos ajustar para recursos humanos. Na folha de pagamento ela tinha que passar a ser informatizada, porque era uma decorrência de terem se organizado. O Ministério da Educação já estava exigindo planejamentos informatizados e nós precisávamos de registro acadêmico. Na hora do registro acadêmico nós começamos a querer implantar paralelamente, não abruptos porque se nós tirássemos aquilo que era canônico, o registro acadêmico estava perfeito. Na falha do projeto na informática poderia trazer danos. Então ela ia fazendo paralelamente e comparando com as diferenças e as distorções havidas, mas isso trouxe certa dificuldade pra nós por um motivo muito simples. Nós não recebíamos servidores técnicos administrativos e quando

recebíamos era quarto de despejo do Pedro II. Eram técnicos de órgãos instintos e que não podiam mandar embora mandassem para o Pedro II. Esse pessoal não era adequado ao processo ensino aprendizagem do colégio. Alguns eram excelentes pessoas e trabalham até hoje, mas outros não tinham. Então nos tínhamos carência desse pessoal. O que quê nós fizemos? O segredo: Eu criei um slogan **“O novo velho Colégio Pedro II”**. Porque era preciso dar uma mensagem: o novo e o velho Colégio Pedro II. Novo no sentido de metabolizar, incorporar o que a ciência e a tecnologia introduziram a educação e velho pra não perder as suas raízes humanísticas. O que eu chamava de raízes humanísticas? Não é só incorporar os conhecimentos científicos, mas também os conhecimentos sócio-culturais humanísticos que o jovem precisa ter para formar a sua personalidade e ter uma visão de cidadania. O quê que é a cidadania? É um somatório simples, não. É uma síntese e não uma soma ou uma justaposição. É uma síntese sugerires, de vários parâmetros que tem que ser desenvolvidos, e com isso, nós conseguimos ir avançando.

No plano da Informática nós começamos destinar e várias unidades quiseram implantar. Eu dizia: “pode implantar”. Às vezes conseguiam com os pais doações. Nós ficamos nove anos sem verba ter custeio para equipamentos. Um grande sociólogo, doutor, Fernando Henrique Cardoso, que Deus o tenha sempre sobre vigilância. Durante nove anos nós não recebemos verba de custeio. Então, eu dizia: “Vamos fazer” e depois vem o xerife pra normatizar, botar ordem nisso. No bang-bang chega o xerife e põe ordem foi esse o objetivo.

Na Informática nós fizemos um planejamento audacioso. Eu dizia que nós tínhamos que fazer a informatização da biblioteca, a informatização do registro acadêmico, a informatização da área de recursos humanos e de pessoal e fomos criando toda uma diretriz que vocês podem ler nisto aqui [documento] e verificar o que quê podem tirar dentro da projeção.

Como eu tinha tido na UERJ um contato com a IBM, e eu queria fazer o que a PUC fez com a IBM na área da administração, na área de gerencia eu queria fazer na área educacional lá na UERJ. Entretanto, isso não foi possível por razões fora do nosso controle, mas eu pedi a colaboração da IBM para o projeto do Pedro II e traçamos o que nós gostaríamos de ter e delineamos quais as fases que nós queríamos.

Então, neste projeto aqui nós temos todas as fases a serem alcançadas e até o custo de cada fase. Nesse meio tempo, era técnico da IBM, o marido da professora Maria Amélia, um excelente técnico e um diretor de um programa e foi discutido comigo e o professor Florentino. Fizemos o que nós chamamos, dentro da fenomenologia, a redução sócia pedagógica a realidade do Colégio Pedro II. Porque o erro, muitas vezes, é copiar as coisas feitas e projetadas para outros espaços educacionais e querer aplicar sem fazer a redução fenomenológica para o espaço onde vai ser

desenvolvido. Fizemos e tivemos a triste surpresa do professor Chediak<sup>19</sup> como diretor ter ido embora e veio a professora Maria Amélia<sup>20</sup>.

O marido da professora Maria Amélia ficou participando, mas depois não teve mais paciência porque a comissão ficou no blá, blá, blá e nós já tínhamos pequenos núcleos. Esse pessoal que começou com blá, blá, blá quando nós retornamos, não tive nenhuma dúvida, deletei, deletei.

Em administração, se você recebe uma missão e não cumpre essa missão [silêncio] Eles tinham que acelerar e não ficar de blá, blá, blá atrasando o processo. Ao assumir eu não perdoei deletamos e com isso começamos a ter dinheiro do MEC que estava encalhado.

Quando eu assumi a direção imediatamente eu consegui liberar uma parte desse dinheiro e eu dei prioridade a implantação do sistema de computação fazendo as salas, os laboratórios e nós avançamos mais fizemos que a implantação chegasse até o Pedrinho. O garoto desde o início já lidando com o computador.

O garoto brinca com o computador e leva muito mais, tem mais capacidade que um adulto já estruturado em determinado regime de trabalho. Eu teria que vir desde o Pedrinho e fizemos. Construímos os laboratórios, o equipamento pra todas as unidades. A unidade que ficou mais atrasada foi Humaitá. Por que o Humaitá ficou? O Gênesis ficou encantado com um aluno, das relações dele, que era bom em informática e o pai etc, não cumpria muito a programação. Enquanto a Unidade Centro rapidamente atingiu uma boa velocidade de cruzeiro, aqui São Cristóvão atingiu, os “Pedrinhos” fizeram uma coisa inteligente começaram a utilizar, os próprios professoras e professoras envolvendo informática. Era mais fácil envolvê-las, no Pedrinho e mais difícil na área do Pedrão.

Nós precisávamos desmistificar o uso do computador. O professor tinha medo de computador, medo. Eu por exemplo sou um analfabeto tecnológico em matéria de computador, hoje, não por medo, pela preguiça e falta de tempo, mas o professor de sala de aula tinha medo. Porque, notem uma coisa, o professor é um ser, é um indivíduo que tem uma linguagem de vanguarda e uma práxis altamente reacionária. A verbalização do professor, normalmente é de vanguarda e a sua práxis é altamente reacionária. Qual a explicação para isso? É fácil. Porque a herança cultural. O professor é incumbido de transmitir a herança cultural vigente, então ele tem formas canônicas de atuar, forma quase que postular. Porque a transmissão. O que dizia Durkheim, em relação a educação ? A educação é uma transmissão metódica de conhecimento da geração adulta para a geração nova visando à socialização do indivíduo. Ora por isso o professor muitas vezes é levado, tem medo, muitas vezes, parte para um ponto completamente diferente, fica modernoso sem ser evoluído. O modernoso não quer dizer que seja a evolução, absolutamente. Tudo modernoso, “sou modernoso”, não. Você tem que ter uma visão prospectiva e projetiva do que tem que fazer, do que tem que alcançar.

---

<sup>19</sup> Antonio José Chediak – Diretor Geral em 1989 até 1992.

<sup>20</sup> Diretora Geral - Maria Amélia do Amaral Palladino (1992 – 1994)

Então com isso nós implantamos a base do sistema. Na área de pessoal eu peguei uma tarefa deles fazerem e agirem dentro da informática, informatizar o setor de pessoal, a de contabilidade foi fácil. Por quê? Porque a contabilidade, a área aqui de orçamentária e financeira ela já estava subordinada ao sistema SIPEC do MEC, do Governo Federal. Ela estava submetida e a de recursos humanos também. Entretanto, o problema nosso da implantação dos registros acadêmicos informatizados se tornou um pouquinho aleatório o desenvolvimento. Porque algumas unidades não tinham recursos humanos em número suficiente e até mesmo para equacionar e dar cumprimento daquilo que estava formalizado. Então houve um avanço heterogêneo.

**Entrevistadora:** Professor anteriormente na sua fala, o senhor falou de uma premissa sua como administrador, de apostar em novas propostas e permitir que novas idéias se implantem e cresçam dentro do trabalho do colégio. Então eu queria que o senhor falasse um pouquinho se essa premissa foi uma política de norteammento desse trabalho de Informática Educativa no colégio?

A parte de esteia, por exemplo, o profissional de pedagogia. O Colégio Pedro II era pobre, pobre, de marre deci, de pessoal para a área de esteia.

**Entrevistadoras:** SESOP, STA

**Choeri:** Muito bem, era pobre. Quem foi pioneiro nisso foi a Tijuca. Era diretor adjunto era Aldemiro Ferreira que era coronel do exército, professor do Colégio Militar e todos os órgãos militares que tem área de educação ou de treinamento ele tem a sessão técnica que se incumbem de uma porção de aspectos didáticos pedagógicos a serem atingidos.

O Aldemiro, como bom militar, tinha o curso do Forte do Leme, em que se preparava sessões técnicas. A sessão técnica tinha uma cobertura pedagógica muito grande nesses organismos. Ele era diretor e implantou na Tijuca, começou a implantar e tinha uma equipe de dois ou três já trabalhando. Tinha dados estatísticos. Já o professor Tito, deslocou o Aldemiro da Tijuca para São Cristóvão. Aqui em São Cristóvão ele trouxe o pessoal e começou a implantar a sessão técnica. Nesse ínterim, no Humaitá apareceu uma professora, uma pedagoga, que era professora do colégio desejosa de fazer a sessão técnica. Eu já era secretário de ensino. Eu disse: "Pode começar a fazer. Faz vai em frente". Na unidade Centro um grupo se propôs, na unidade Tijuca foi gerado novos recursos humanos para poder continuar e no Engenho Novo uma série de dificuldades e eu dizia isso: "Começa, que depois eu dou a estrutura organizacional".

O segredo meu do Colégio Pedro II, foi o seguinte, eu criei uma normativa. Por exemplo, vamos pegar um exemplo já existente, a biblioteca, cada biblioteca ela se subordinava tecnicamente a Secretaria de Ensino, mas administrativamente na unidade onde ela estava implantada. Até hoje, era a forma do sistema, da cabeça central do sistema era aqui, não quer

dizer que na unidade, que é um subsistema, não houvesse também um órgão central da subunidade.

Então eu não castrei a ação administrativa dos diretores, mas em compensação a vinculação era aqui, técnica, para haver uma forma consensual para atingir os objetivos. Então nós reunimos aqui, tecnicamente, para gerar novas posturas técnicas e isso foi feito também com Informática, com a Informática. Nós a deixamos começar a crescer e sempre a Informática ligada a Secretaria de Ensino, vinculada. Tecnicamente, somos nós aqui que opinamos e administrativamente ao horário do funcionário, dos recursos humanos dependendo disso. Isso foi um fator de êxito que esses imbecis me criticam não entendem. Por quê? Porque falta cultura e vivência eles pensam que transparência e oba, oba. Em educação não pode haver liberalismo. Não há em país algum.

Então, aqui, por exemplo, na área de Informática quando se criou e se fez necessário separar a Informática administrativa da informática educacional. Agora não pode haver um divórcio. O que tem que acontecer é a estrutura de equipamentos, a estrutura da ação tem que ser integrada. Eu preciso de pessoal para atender o aspecto da Informática, da Informática, não educacional.

Agora a educacional e como se você tem didática geral e a didática especial pra cada disciplina. Então na informática eu tive cuidado de sempre, no departamento de Informática. Por exemplo, eu sempre digo a Márcia de que ela, com a equipe que está aqui, comandam dentro dos objetivos programáticos. Tem que haver um objetivo para ser alcançado a curto, a médio e em longo prazo.

E nós fizemos isso aqui, nesse Plano Diretor. Agora sorte nossa é que a Informática ganhou velocidade no colégio e principalmente na parte de chegar ao aluno, de forma educativa. Quando eu defini para Realengo, emplacamos idéia da Biblioteca Digital, lá em Realengo, que é um avanço. Eu tive o cuidado de fazer o seguinte, eu queria separadamente à biblioteca digital lá em Realengo. Nós tivéssemos um núcleo para quem não sabe trabalhar com computador viesse fazer o abc. Não permiti que os laboratórios da escola se misturassem com a biblioteca e cerceei o Oscar<sup>21</sup>, a mando militar, a não se meter na Biblioteca Digital. Porque eu queria um grau de liberdade para quem comanda a biblioteca lá, ela atingisse a comunidade que envolve. Criar uma consciência do uso da Informática. .

Nós temos que manter os laboratórios para o aluno. Eu não quero saber de formar o aluno para a universidade, não. Pedro II não vai formar aluno para universidade, formar contingente para a universidade, isso é uma decorrência. Ele tem que formar é o cidadão e o cidadão de hoje não pode, e ele não dispensa o micro computador. Em todos os setores: a mocinha que fica no supermercado, ela digita, fica num ponto de troca de gasolina, tudo isso. O garoto tem que sair cidadão tendo uma disciplina que é saber lidar com informática. Agora, ele não precisa ser um

---

<sup>21</sup> Diretor do Colégio Pedro II de Realengo

técnico em informática. O técnico de informática e o tecnólogo nós podemos formar aqui, mas como um curso de qualificação profissional, é o que chamamos de Integrado. Nós em educação fazemos, muito, muito, muito é reforma semântica, palavras, palavras bonitas.

Nós temos que separar o garoto que vai trabalhar e levar para a vida de cidadão ele tem que ter uma base de informática. Agora aquele que quer ser um técnico ou tecnólogo é outro tratamento, por isso é que eu separei. O sentido imperialista do diretor da unidade de Realengo, o Oscar ou outro que venha a substituí-lo, é querer absorver, pois quanto mais poder você tiver, o sujeito se sente mais forte, coisa que eu nunca fiz. O poder não se obtém pela soma de atribuições que você tem, em órgãos que se vinculam, ao contrário. O poder é fruto da eficiência, dos objetivos alcançados dentro de uma realidade, de uma realidade. Então eu doutrinei dizendo pelo amor de Deus, às vezes a Márcia. Por exemplo no Humaitá, aqui em São Cristóvão, no Engenho Novo chegou um ponto que eu me intervir. Porque o poder supremo tribunal e o supremo era eu. Por que o poder de decisão nunca pode ser coletivo, ele é solitário, quando você vai tomar uma decisão ela é solitária.

Então porque razão a Informática do Pedro II está crescendo e deve atingir níveis altamente significativos? Porque quando nós traçamos o Plano Diretor da Informática, daqui, mas na execução foi preciso fazer ajustamentos. Porque o planejamento é como uma costureira que faz o vestido e na hora de colocar no corpo da cliente, ou o alfaiate faz o terno ele precisa dar uma ajeitada, o sujeito pode ter um pouco mais de músculo. Você não pode fazer e dizer que vai fazer e não vai mudar. Pode mudar, dando liberdade para mudança. Então é isso que a Informática do colégio começou com um ITAUTEC em comodato. Hoje ela está ganhando fórum e avançando, mas para podermos implantar [...] Você vê aquele aquário que está ali? Nós terceirizamos para ter determinadas atividades enquanto não possuíamos uma estrutura.

Então o que se tem em mente aqui no Colégio Pedro II é a Informática administrativa e a Informática educacional. Elas não são compatíveis elas se complementam, mas tem características e objetivos diferentes. A técnica de mexer no computador é a mesma, o teclado etc. O avanço tecnologia do equipamento, em face da velocidade da criação dos novos equipamentos, a obsolescência é quase que quinzenal ou diária.

#### **O entrevistado lê parte do Plano Diretor, que trouxe para a entrevista.**

Aqui na parte da Informática, olha só:

“O eminente pensador espanhol Ortega e Gasset, em uma das suas obras dizem com rara felicidade que reformar não é corrigir abusos, sim criar novos usos. O Colégio Pedro II nos últimos dez anos foi capaz de redimensionar a sua estrutura curricular, dinamizar o processo ensino aprendizagem, aumentar de forma exponencial a sua população escolar e restabelecer a sua credibilidade pública como instituição de ensino. Assume a posição singular como maior escola

pública do ensino fundamental e médio possuindo aproximadamente quinze mil alunos e ministrando 468mil horas aula.” Isso já está ultrapassado

“Se comparado com as universidades federais, estaduais e particulares a sua população será ultrapassada pelo [...] Universidade Federal do Rio de Janeiro. Infelizmente por fatores extrínsecos e seus administradores pretéritos e por outros aspectos aleatórios e sazonais. A infra-estrutura de apoio ao processo de ensino aprendizagem e a sua estrutura organizacional administrativa e técnica não acompanhou a curva ascendente de seu crescimento vegetativo e as alterações didáticas pedagógicas introduzidas. Os vários campos do colégio, situados em diferentes espaços da cidade com diferentes níveis sócio econômicos bem diferenciados. Em funcionamento de sete as vinte e três horas necessitam de uma infra-estrutura técnica administrativa grande e repetitiva dificultando assim a produtividade, a eficácia e a efetividade”.

Eu estou falando aqui tecnicamente o que o empresário faz e o economista faz. Eu não estou usando palavras pedagógicas aqui. Por quê? Porque não é área pedagógica isso. Agora:

“A complexidade das muitas tarefas que são exigidas de cada unidade escolar está a reclamar a implantação de uma estrutura organizacional e pedagógica que fundamente numa moderna tecnologia educacional e no sistema de informatização, capaz de dar velocidade ao processo burocrático administrativo sustentando as atividades fins da autarquia.”

Onde já se ousou linguagem desse tipo na área de educação? Fui eu que escrevi. Eu podia ter feito isso para publicar em livro e ficar aparecendo como grande escritor. Aqui o:

“O sistema e seus desdobramentos contábil, financeiro, patrimonial e jurídico se recente de dinamismo e estrutura tecnológica que discipline com rapidez a demanda de informações, controle prévio de procedimento e capacidade de planejamento projetivo das necessidades do colégio, além de ser obrigado a conviver com o órgão de nível do sistema federal”.

O que acontece? O meu almoxarifado precisa estar informatizado. Ele tem que saber a cada minuto, saiu o produto deu baixa no computador na hora de pegar. Diz o Gentil. Eu não tive tempo hábil pra checar tudo, ta informatizado. Da mesma forma tem que informatizar o patrimônio, tem que informatizar aqui, os recursos humanos. Por isso é que foi dito. Agora:

“A divisão do pessoal consiste no seu sistema de assentamento organizado em princípios que definam uma boa e eficiente política de formação de recursos humanos: fichas funcionais sintetizadoras de toda vida do servidor, inclusive do tempo de serviço, vantagens, titulação, responsabilidades são anotadas a mão e a máquina datilográfica.”



Isso em 95, já foi implantado muita coisa. Isso que eu reclamo. Agora tem que haver uma reavaliação sistêmica. Esses imbecis que pululam que vezes de darem aula e inovarem ficam nas associações para esconder as suas insuficiências não compreendem esse novo que é preciso gerar. O parimento de idéias é doloroso como o nascer de uma criança. Tem que aprender isso. Agora mesmo, estou estarrecido com o ministro. O ministro das escolas técnicas, de longa data tem uma diferença com o SENAI/SENAC é querem avançar na verba do SENAI/SENAC. Vão transformar. Eles têm um total de três e meio da folha, eram dois e meio para recursos de implantação e um para assistencial. Eles querem virar.

Vão acabar com o SENAI/SENAC. Porque os idiotas da objetividade, do lado de lá, estão querem fazer nas escolas técnicas, que atendiam perfeitamente ao processo de formação do técnico, querem transformar em instituições universitárias e isso vai redundar numa catástrofe educacional.

Os erros que você comete em administração, na área de educação, de planejamento não se fazem sentir nem a curto, nem em médio prazo, mas sim em longo prazo. Dez anos decorrem quando vêm os resultados. A inovação tecnológica, nos grandes centros, para serem metabolizados, pelo sistema educacional levam de três anos nos Estados Unidos, cinco anos no Japão. Então o menino que está numa escola de graduação num país em desenvolvimento, essa distância leva trinta anos. Trinta anos daquilo que foi elaborado como inovação tecnológica e sua aplicação no sistema. Nós aqui no Pedro II temos que acelerar.

O caminho é manter a informática do colégio como sendo uma ação de vanguarda, de transformação rápida e possibilitar. Isso já vem sendo feito, no concurso, o cara que vem para dar aula tem que ter, não pode ser analfabeto de computador e de técnicas computacionais. É um pré-requisito, tem que ser exigido no concurso público. O professor chega na hora H e digita a presença ou a falta do aluno, imediatamente o sistema central emite os boletins de frequência do aluno, de conteúdo programático. Aqui, eu ainda não consegui isso, quando era diretor. Estava querendo conseguir.

O conteúdo programático dado em sala de aula pelo professor tem que ser registrado e aqui na Secretaria de Ensino teria simplesmente que digitar e verificar se têm o plano de, o plano geral da disciplina, as estratégias a ser seguido, o sistema de avaliação. Aqui da Secretaria de Ensino digita porque teria que estar já no banco de dados, banco de dados. É simples, com isso você simplifica o custeio. Aquilo que você economiza no custeio pela racionalização você aumenta sua capacidade de contratar e comprar equipamentos modernos. Um equipamento vai dizer, de dez anos atrás, ele mantido ele continua funcionando, ele perde velocidade e na sua programática, não perde na sua qualidade. Então isso é que é o programa educacional. Querida depois de Pestalozzi e Comenius não se fez nada em Pedagogia, tudo é repetição é pipi, pipi, pipi.

Aqui eu pedi ao Jacó, marido da Maria Amélia, que eu conhecia para ele me dar uma assessoria na definição do equipamento, no Hardware. Eu não sei definir o equipamento.

Laboratório de Multimídia - “Esses computadores seria criado na sede composto por oito computadores pessoais de 64 bits no padrão etc”. É claro que isto aqui tem uma influência da IBM e definiu para mim como eu podia fazer o hardware, não o software, não o planejamento estratégico geral nosso. Na hora nós tivemos que fazer concorrência, a firma que ganhou não foi a IBM, ela perdeu. E o Jacomo que deu inicialmente assessoria, ele desistiu de trabalhar com a mulher dele porque o grupo que se formou começou discutindo muito, discutindo, discutindo muito. Aqui tem até o preço da época: “centro de processamento de dados administrativos: estimativa de custo: um milhão e quinhentos mil”.

Quem foi sôfrego em absorver isso foram as professoras do Pedrinho. Elas estavam mais abertas do que o Pedrão. É o processo de desmistificar, você tem medo, quando você não conhece você tem medo. E você se adaptar a novas situações dá trabalho.

Nós fomos ignorando e fomos fazendo, fomos ignorando. Quem pode, pode. Quem não pode se sacode. Aconteceu pela lei da imitação o sujeito começa a querer saber e conhecer. Não é o pessoal da turma da Física e Matemática não. A turma de Letras, Educação eles são abertos para metabolizar esses aspectos. Quem rapidamente atendeu foi o Pedrinho.

Eu não queria da noite para o dia, e nem pode, você implantar tudo. Tem que ser paralelamente com o que está morrendo, porque já dizia dialeticamente, o novo é sempre mais fraco do que o velho que está morrendo. Isso é dialética weberiana que Marx utilizou com muita propriedade. Então com isso. Agora, por exemplo, aqui, quando eu dividi São Cristóvão: Ensino Fundamental, Ensino Médio e o Pedrinho já estavam isolados, naturalmente. O professor Chediak lutou sempre pela unificação. Até com o Pedrinho, acabar com o Pedrinho, isolado e eu fiz resistência passiva, como secretário de ensino, eu não deixava. Porque ele não entendia nada de Pedagogia e Educação. Depois você censura isso.

O problema da Informática no Colégio Pedro II, graças ao pessoal veio trabalhar, que foi se agregando, ele fez uma redução sóciopedagógica a realidade do colégio. Do processo educativo em desenvolvimento no colégio. Vou pegar um exemplo da Biblioteca Digital. Nós implantamos a parte física e a parte de atendimento do público vem crescendo dia a dia. Quando se dimensionou o equipamento, o departamento de informática, nesse equipamento que foi adquirido, exigiu o teclado com braile. Não me perguntaram não, porque se você me perguntar a diferença entre analógico e digital eu não sei, eu não sei mesmo. Qual é mais vantagem entre o analógico e o digital? Eu não sei. Mais ou menos eu sei o que é, mas na informática eu não sei fazer essa redução. Mas o que acontece. A menina cega começou a trabalhar no digital, começou a fazer apostila, ler pelo braile que estava lá no computador e ela foi ganhando felicidade e nós estamos ganhando na área comunitária uma nova imagem.

Então eu deixei o Pedro II, eu estou lá em Campo Grande, no qual eu sou presidente da fundação educacional, em Campo Grande, na mantenedora, eu não dou aula, eu estou fazendo planejamento. Todo planejamento de como nós precisamos atingir. Porque, o que acontece, nós temos que racionalizar e tem um princípio: o que é eficiente é moralmente aceito. O que eticamente, hoje, só se aceita aquilo que é eficaz, produtivo e eficiente. Não é moralmente valido.

Hoje o nível de moralidade é a eficiência e a praticidade. Isso é uma aberração, mas é fruto da revolução tecnológica. Não é eficiente. É por isso que no nosso país, na economia esses cretinos chegam uma porção de proposições. Não deu certo vão cantar em outra freguesia e fica lá todo mundo sofrendo os danos e as conseqüências.

Na empresa não, se errou na primeira vez, tudo bem, mas na segunda pt saudações, rua. Porque na educação não pode ser assim? Agora você verifica essa menina cega, ela representa um átomo, mas ela tem efeito multiplicador, porque ela começou a fazer apostila para os amigos não videntes. Então o Pedro II tem que pegar.

É isso que esses imbecis, meu deus do céu, não entendem. Tem que pegar essa assessoria, consultoria pedagógica do Pedro II para atender o INC, atender vários setores. Por exemplo, eu dei aula na faculdade de Filosofia, Estatística, Geral e Aplicada para cegos, na cadeira de Ciências Sociais e não tinha computador, ainda no nível que tem hoje, com braile, com nada. Eu aprovei sem favor, os caras, porque eu criei uma estratégia de comunicação com eles, mas teria uma dificuldade se fossem surdos. Entretanto, você pode resolver pedagogicamente, a educação do surdo através do microcomputador, porque ele vê, ele não ouve, mas vê. Então todo isso, o meu sonho era pegar essa turma como vocês que estão crescendo e evoluindo como consultoria pedagógica.

**Entrevistadora: Num determinado momento o colégio assumiu, dentro da sua estrutura departamental, os profissionais de Informática Educativa. Trouxe para compor a sua equipe oficialmente, os profissionais da Informática Educativa. Qual é o significado que o senhor vê nisso? Nessa história da Informática Educativa no Pedro II?**

**Choeri:** O que foi acontecendo, me permita usar adjetivo, esses imbecis não entendem quando se reúnem pra dividir as vagas possíveis, oferecidas pelo MEC.

Aqui o planejamento, nós fizemos o seguinte, se deixar Português, a Física, a Matemática, imperialisticamente, querem todos os professores pra eles. Nós começamos a fazer, no setor que nós precisamos desenvolver a Informática. Abrimos concurso. Colocamos quatro. Agora foram seis?

**Entrevistadora: Não foram oito.**

**Choeri:** Isso ai me custa o chingamento: Choeri é prepotente, é isso, é aquilo. Prepotente não, sabe o que quer. Quem sabe faz, minha filha, não espera acontecer. Eu preciso de oito em Informática. A Secretaria de Ensino, me [silêncio] “professor como vai ser a disposição”. Pronto, colocaram oito. Com esses oito nós estamos avançando e já estão planejando de pegar mais

quatro pra lentamente substituir ali no terceirizado, para não ter um momento em que explode, esse pessoal é trabalhador. Então tem que vir lentamente criando, e não abruptamente. E qual foi o segredo? Eu se fosse um indivíduo destruidor e tivesse alguma formação espiritualística eu preferia que pegasse fogo pra ver que bicho ia dar. Eu torceria para que esses imbecis assumissem o Pedro II. Pra ver o bicho que ia dar. Esses imbecis não se trata de Oscar, Vera nem [silêncio]Os faladores.

Você cria, tem criar um espaço metal metabolizador das transformações. Por que o sistema inglês, sistema francês, italiano, americano por que ele flui com melhores condições? Porque se gera um espaço metal metabolizador.

A informática, não pode perder de vista, tem que ser um meio e não um fim. O fim é o do processo educacional, mas ela não pode ser confundida com retroprojeto ou um de aparelho de projeção de slides. Ela é completamente diferente. Por quê? Porque aqui você projeta é estático, aqui no computador você tem visão projetiva e prospectiva. Estou dizendo besteira? E olha que eu não sei mexer no computador. Comprei um laptop.

Eu tenho consciência institucional que não é minha experiência, mas minha visão.

**Entrevistadora: Nesse sentido o senhor diria que o profissional da área de Informática Educativa, do colégio, ele tem um perfil de atuação diferenciado em relação aos demais professores, dos demais departamentos?**

É uma pergunta difícil de ser respondida. Quando o sujeito atingiu o computador ele abre uma biblioteca ao lado dele para buscar qualquer informação. Ele passa a ter uma vantagem em relação àquele que não consegue. Até agora com minha experiência de diretor, recentemente saído, o pessoal de informática está com os pés no chão. Estão perfeitamente se impondo pela qualidade de conhecimento e de ação. Isso tem que implementado. Você conversa com o pessoal da informática. O que não pode é a secretaria de ensino a visão diacrônica e sincrônica do processo ensino aprendizagem nos vários segmentos.

Eu que comecei a fazer uma crítica. As constituições republicanas cometeram sempre um equívoco: dividir as responsabilidades de educação, do processo de educação, do ensino primeiro para o município, depois para o estado e superior, as universidades que estão paradas no tempo e no espaço. Estão paradas. Raras universidades estão inovando. A reunião de reitores com raras exceções você vê um processo evolutivo da dinâmica didática pedagógica da instituição.

**Beatriz: Eu gostaria de voltar em sua fala quando o senhor disse que: “o professor é responsável pela tradição cultural”. Essa questão da tecnologia, da informática e da telemática, hoje, traz uma nova referência de cultura, isso é uma expressão da nossa cultura, da modernidade, da atualidade. Nesse sentido a gente vê que ainda. Eu vou falar do colégio, mas a gente vê isso de uma maneira geral, que os professores resistem muito, ao**

**uso da tecnologia como a representação do conhecimento, como uma nova representação do conhecimento, uma nova forma de representar e produzir conhecimento. O senhor acha que o trabalho de uma equipe de Informática educativa poderia estar indo para além do limite do trabalho com o aluno, para uma inserção, integração com o trabalho do professor, de outros departamentos?**

**Choeri:** A Informática não se exaure no aluno. Se ela se exaurir no aluno, ela perde o significado dela. Porque o agente de transformação do processo ensino aprendizagem é o professor. Se o agente que vai vender a idéia não estiver ajustado ao que se pretende há um processo de defazagem, ele morre adiante. Ele não se exaure. Como é que você pode constranger. O diretor, o chefia de departamento, você põe no planejamento, com você. Eu fiz a mando militar. Para não usar uma palavra pesada, porque eu estou sendo gravado, na base da marra, eu e o Florentino, impusemos.

O processo de avaliação ensino aprendizagem. O que nós fizemos? Os detentores

Se eu implantei um plano e cada departamento definiu os pontos nodais dos programas e o que precisava ser atingido. Eu fiz isso no Colégio de Aplicação e apliquei no Colégio Pedro II

**Beatriz:** O colégio já em laboratório a doze anos, antes disso os laboratórios já existiam. O colégio conseguiu manter um ritmo de atualização satisfatório com o trabalho que se pretende desenvolver com a Informática Educativa. Como o colégio conseguiu atualizar esses equipamentos conseguiu fazer atualização desse parque tecnológico. Existia o financiamento do MEC, o colégio participava desses programas do MEC. Como é que funcionou isso?

Nós nunca tivemos assistência do MEC, nem ajuda. O dinheiro para equipamento nós destinamos para a Informática. Ele nunca nos deram dinheiro para isso. Agora do apagar das luzes eu consegui dois milhões, quinhentos e poucos mil reais. O quê, que aconteceu fiz toda a concorrência em menos de dez dias porque eu já estava preparado. Aqui era área de lazer, o teatro reformamos, o telhado, reformamos vários setores, e na área de computação nunca veio dinheiro. Agora mesmo estava para perguntar ao gentil, eles precisam nos dar recursos humanos para Realengo, para Niterói. Deram dez professores só, passei um telegrama para o ministro, pedi para o gentil passar: “Estarrecido verifico que os senhores não tem palavra e que o Pedro II incomoda pela sua qualidade e eficiência.”

**Raul Cleber da Silva Choeri**

**Rio de Janeiro, 03 de Abril de 2008. Colégio Pedro II - Unidade Centro - Sala de Informática**

### ***Implantação da Informática Administrativa***

Foi a implantação da rede, a parte da informática e parte da transmissão de imagem. A interligação todinha fomos nós que elaboramos. Não tinha equipe, não tinha nada. Na verdade tudo surge [silêncio] Eu lembro vocês lá no Humaitá, me lembro da Secretaria de Ensino, a Vanessa, com a Ana e nós lá vivamos na administração uma situação muito precária.

Nós adquirimos um computador que era nosso, nós compramos. Tudo era máquina de escrever e a realidade do Pedro II era [silêncio] Você tinha 70 linhas telefônicas que não se comunicavam entre si, você tinha que usar a antiga TELERJ e para falar de uma sala para outra eu tinha que ligar para a TELERJ. Pra você ver como é que era. 70 linhas para o Pedro II todo

Nas unidades também era tudo precário sendo que as linhas entravam pelas janelas, por gambiarras, verdadeiras gambiarras. Você não tinha uma central telefônica não tinha um DG, como eles dizem fisicamente, as linhas entravam numa caixa, lá em São Cristóvão entravam naquele prédio, onde tinha o almoxarifado. Era tudo aéreo ficava ao sabor dos pombos, sumia e ficávamos sem linha. A conta era de 13 mil reais, isso em 94. 13 mil reais, então era uma coisa séria além da parte que a gente não tinha. Não tinha um protocolo, o sistema era todo papel, máquina mecânica.

Eu me lembro. O professor Choeri elaborou um projeto de informática na época que atendia vários sistemas para serem desenvolvidos. Sistema de biblioteca, sistema de recursos humanos também a parte escolar os sistemas assim, pontuais. Quando o Chidiak saiu em 93 [silêncio]. Ele foi afastado. Na secretaria de ensino entrou a professora Maria Amélia. Dali então já no início de 94, o professor Mauricio e Choeri elaboraram um projeto, nem foi um projeto, na verdade na procuradoria chegou uma licitação internacional para fazer, concorrência internacional pra compra de equipamento porque na época o Ministro Renguel estava despejando dinheiro pra toda área universitária, muito dinheiro e o Pedro II ganhou muito dinheiro.

Eu me lembro que em Março de 95 nós estivemos em Brasília eles falaram das despesa do MEC e que tinham 15 milhões para o Pedro II. Pra você vê como nós perdemos a oportunidade. Então a tensão toda que eu vivi foi exatamente quando ele entrou. Tinha que tocar, ficou uma certa angustia pelo fato lá na administração não tinha caneta, não tinha papel você tinha que trazer de casa.

Mas então lá na época quando eu examinei o edital na área jurídicas várias falhas no edital mesmo por que [silêncio]

Na FUNTEVÊ eu conhecia muita gente na FUNTEVÊ, na área de informática eles tiveram problemas seriíssimos. Eles fizeram concorrências internacionais e aconteceu. Ganhou uma empresa americana e daí como vai desembaraçar os equipamentos? Eles tiveram que fazer uma nova licitação para contratar um despachante para desembaraçar os equipamentos. Tinha que ter um dinheiro absurdo que dobrava. Então eu fiz essas indagações com relação a vários itens do edital que estavam para justificar.

Tem que ter um projeto. Então mais ou menos naquela época, agosto, setembro chegou às minhas mãos. Só que em 94 disparou o processo de eleição e o professor Mauricio ia se candidatar. Moral da história ganhou o professor Choeri a eleição e quando nós fomos verificar ver todos os recursos que tem. Esse dinheiro todo ficou parado. Ficou parado sem usar nada. Dia 19 de Dezembro quando ele tomou posse eu já tinha informação da verba que tinha 800 mil reais porque o dinheiro [silêncio] lá sendo liberado por parcelas, mas nós tínhamos 800 mil já ocorre que desses 800 mil quando eu fui pegar antes, antes até da posse uma semana antes pedi ao Gentil pra dá uma olhada, o dinheiro tava bloqueado. Estava bloqueada a liberação porque a gente tinha uma dívida, nós estávamos com o nome sujo no CADIM. CADIM é um cadastro de inadimplência Federal, qualquer órgão que tiver uma dívida federal e tiver que receber alguma verba federal ele fica impedido.

Nós tínhamos um convênio esse da informática vinha do FUNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. No dia da posse sai daqui e fui ao prédio da Caixa Econômica ver que dívida era essa e descobri que era uma dívida que nós tínhamos com o FGTS e Previdência Social que naquela época até 81 nós éramos CLT e deixamos de pagar o FGTS.

Na verdade era dívida desde o MEC, Pedro II nem era autarquia. Nós éramos administrações diretas até 67 ou 69 não lembro a data. Nós éramos níveis de administração direta nós éramos MEC por isso nós pecamos um pouco. O Colégio era um órgão do ministério entendeu não era uma autarquia com orçamento próprio.

Quando passou o MEC passou a dívida pra gente a dívida era do MEC. O do INSS e o FGTS na época a Marina Alonso, era nossa diretora de administração pagou uma cotazinha que era valor histórico uma mixariais isso consignou como se fosse reconhecimento da dívida não podia nem discutir a dívida mesmo porque não tinha tempo. Eu disse: faz o seguinte meça todos os valores, toda a dívida. Eu quero por mês de competência a de 67, 68 e outros vinha vindo. Eu sei que fizemos isso eu liguei para o Gentil. "Olha Gentil tem essa dívida. Nós temos que pagar pra liberar esse recurso".

Eu queria aproveitar o dinheiro pra informática. Eu levei tudo isso aqui [gesto com os dedos para mostrar o montante] todas as informações do computador foram impressas e eu levei. Eles compraram guias. Foram mais de 400 guias batendo na máquina mecânica uma por uma e

pagaram. Pagando fui lá rapidinho. Informamos para liberar o sistema para salvar na verdade os 800 mil reais.

Terminando o ano, o dinheiro ia ser devolvido sem poder aproveitar. É assim orçamentariamente. O Gentil em conversa com Brasília arriscou então fazer o seguinte [silêncio] Olha só você para gastar o dinheiro você tem que fazer uma licitação, depois o dinheiro tem que ser orçado e já empenhado pra uma determinada empresa, que ganhou a licitação. E isso que faz. O que eu vou fazer? Ele depositou o dinheiro na própria conta, o que é uma coisa! O professor Choeri diz que é uma heterodoxia não é uma ilegalidade. Hoje todo mundo faz isso, mas na UERJ foi o primeiro a fazer isso. Porque fez isso? Com o dinheiro garantido, impedia que o dinheiro fosse devolvido e esse dinheiro você teria quarenta e cinco dias pra prestar contas. Então seria janeiro, fevereiro, eu abria licitação, já teria um vencedor entendeu a jogada. Então que correria que foi.

Já tem o dinheiro, agora vamos bolar a licitação. Ai que veio o problema. Eu tinha que ter o projeto básico. Aquilo não era projeto, não era não, não tinha, eu tinha que fazer. Eu convenci ele, o diretor, uma briga danada, dizendo: “olha nós vamos comprar máquina”. Porque qualquer rede [silêncio] Não adianta você fazer um projeto de informática, porque o anterior, os que tinham lá, nas estações era pra fazer uma rede já. Mas eu disse “não vamos comprar máquina”, tem que ter pra fazer, como vamos fazer um projeto? Aproveitei o projeto dele, com as linhas que tinham e o que já tinha orçado, inclusive porque lá você tem orçado aqueles valores de oitocentos mil, tinha a destinação que eram duas frentes de atividades orçamentárias.

Uma que era da gráfica e outra seria para a informática. Eu peguei o que era da gráfica. Porque não podia fazer uma concorrência pública. Para a informática o prazo era o dobro. Pra eu fazer uma concorrência levaria quarenta e cinco dias. Publicar ainda, fazer licitação, não daria. Vou fazer uma tomada de preço, mas a tomada de preço custaria quatrocentos e poucos mil, vão perder os outros trezentos, fazer duas tomadas de preço.

Eu fiz o seguinte, na parte gráfica, o que era atividade gráfica, máquina. Joguei tudo como impressora e aproveitei e joguei também a parte que era do Apple Mac que era gráfico na época. Conversando com ex-aluno, que tinha uma gráfica, “olha isso aí vai poder desenvolver a parte gráfica, visual, com alunos tal”. Então coloca essas máquinas e todas as impressoras. Não sei quantas impressoras na época. E as máquinas eu fui pro mercado pra ver qual o perfil das máquinas. O topo era o 486, 500 Mb e outro de 800, uma coisa assim e dois tipos.

Eles tinham informações, já que, na UFRJ tinham feito uma licitação, pra informática em que a IBM ganhou dando cem por cento de doação. Eles tinham editais que a empresa ganhadora podia fazer, eles faziam uma média ponderada podia participar com doação, hoje em dia isso está proibido, mas na época, o Brasil inteiro tinha começado a fazer. Tinha uma cidade da Bahia que estava fazendo. Ai eu pedi o processo administrativo, lá de licitação da UFRJ, pra dá uma olhada



O quê que isso que eles inventaram? Na verdade estava dividido. Quem ganhava era a IBM e a UNISSYS nessas grandes concorrências de informática do governo. Ganhavam as duas. Pra minha surpresa eu vi a ata da concorrência pública da UFRJ, a IBM deu quase cinco milhões, três milhões de doação. Porque eles abatiam no imposto de renda. Tinha toda uma vantagem fiscal. Então para fechar no Pedro II, nas minhas máquinas a quantidade, eu tinha que justificar no projeto quantitativo de máquinas pelo valor que eu tinha. Eu tinha lá quinhentos mil. Eu tive que projetar pra todo colégio tantos laboratórios e tantas máquinas administrativas, na área administrativa e inserir dentro daquele projeto do professor Choeri.

Porque você tem que ter um projeto de trabalho para fazer uma licitação ser não aquele processo é anulado, é nulo, o projeto está irregular. Então eu fiz. Redigi tudo, acertei com a projeção, pra justificar, fizemos e refizemos o projeto. Fiz então, foi uma trabalhadeira danada, felizmente com o conhecimento que eu fiz engenharia, tinha conhecimento de matemática e sentei com ele. Ele também com estatística. Temos que fazer a média ponderada. Porque a licitação de informática tem que ser técnica, preço e tinha doação. Então a média ponderada desses três. Eu tinha que dar pontuação. O que seria técnica? Você tem cinco critérios, no mínimo pra fazer. Seja parte técnica, porque a empresa pode dar um Básico, Standard e quem der mais. Quem der mais ganha pontuação. Quais os critérios? O quê que eu coloquei? Garantia. Porque eu sabia que o colégio não tinha dinheiro pra fazer toda a manutenção. O problema todo e num país você vê que é manutenção. Não temos essa cultura de manutenção. Isso vem do europeu que mantêm. Aqui você compra um ar condicionado e não faz uma manutenção espera pifar, é uma loucura. Como a máquina tem que ter.

Coloquei uma pontuação boa, um bom peso. Então aquilo ali foi uma trabalhadeira, de virar a noite pra fazer aquilo, tinha que encaixar tudo. Ai eu fiz até uma grande simulação na Direção Geral, pus cada um numa empresa. “Vamos fazer uma simulação aqui, tal, tal e tal” Inclusive em termos de doação ponderar que quem doasse ia ganhar uma pontuação. Lá em fevereiro, já estourando o prazo, dou uns dez dias para resolver, resolvido toda licitação. Eram trinta dias, já estava no final do prazo e não podia dar erro, a licitação não podia dar erro. Não tinha recurso, não tinha nada. Qual foi minha surpresa. A IBM foi desclassificada porque faltou documento.

**Entrevistadora: Em que ano?**

**Raul:** Fevereiro de 1995. Qual foi o problema. O colégio tem nenhuma estrutura. Como é que eu vou fazer uma licitação dessa, que é tomada de preço. Hoje você tem um sistema federal SICAF que é o sistema de cadastramento geral. Na época cada um tinha o seu. Como é que eu ia fazer uma tomada de preço? Uma tomada de preço tem a característica que é empresa fornecedora já cadastrada, podia até usar cadastro de outros órgãos. Eu tinha que ainda montar treinar eles pra fazer um sistema de cadastramento. O colégio não tinha cadastramento, pra você

ver que loucura que foi o processo, você tem que ser polivalente. Eu conhecia a área jurídica tudo bem. Eu montei toda a parte de cadastramento. O pessoal nosso tem que fazer o cadastramento.

Quando a IBM se cadastrou ela não juntou, por conta de um erro de um funcionário, o contrato social dela publicado, então ela foi desclassificada. Aquilo foi uma loucura, porque a pressão foi violenta. Ela queria participar, queria dar cem por cento. Na abertura da licitação estava transcorrendo tudo bem quando eu recebi um telefonema. Foi até a Renata, procuradora, veio até a porta: “Raul tem um oficial de justiça”. Na verdade a UNISSYS estava participando, ele já veio com uma intimação, um mandato de segurança, uma liminar do juiz mandando suspender a licitação, impugnando nossa licitação, porque tinha a questão da doação, a UNISSYS. Ai eu pedi para esperar o oficial de justiça. Continuou a licitação. [...] Foi tocando e rápido, com a máquina na mão, máquina de calcular, eu que calculei. Eu calculei todas aquelas propostas técnicas, preços ainda mais a doação, a media ponderada. O oficial está na procuradoria [...] Terminamos e anunciamos o vencedor. Foi a LABO fornecedora, nem conhecia. Com as máquinas vamos montar os laboratórios que fazia parte no projeto. Ai na verdade, no projeto já tinha bolado exatamente, que seria a primeira parte, aquela licitação significava a primeira parte, a compra dos equipamentos para os laboratórios e a parte administrativa. A segunda parte seria a rede. Então eu já ajetei o projeto pra na frente, montamos uma licitação pra fazer a rede.

O problema é o seguinte o colégio [...] Nesse mesmo dinheiro da licitação aproveitei, eu brinco “hoje vocês estão com ar condicionado foi porque eu botei, porque ninguém sabia”. Que os equipamentos, eu justifiquei que os equipamentos só poderiam funcionar e ter uma durabilidade dependia de uma ambientação. Eu precisava comprar ar condicionado. Desse dinheiro eu usei para comprar, na época setenta aparelhos de ar-condicionado. Então a gente tinha computador e ar condicionado, as unidades ganhavam ar-condicionado. Nós vivíamos num calor infernal, se lembra?

**Entrevistadora: Era o espaço mais cobiçado da unidade.**

Com os laboratórios aconteceu uma resistência muito grande das unidades. Para escolher salas pra fazer. “Não pode, tem que ser o que tiver, não dá, nós temos que executar isso logo, e não há condição.” Nós tínhamos um problema seriíssimo a parte elétrica. O colégio nunca teve uma parte elétrica, era medieval, sei lá, cem anos. Aqui mesmo problemas sérios (Centro). Pra você ter uma idéia, em São Cristóvão, pra você vê como a gente enfrentou o problema. Sabe quanto dava o pico variando 170 wts. Em vez de trabalhar com 110wts, 170wts. Você queima qualquer equipamento. Então tive que montar um aterramento. As salas tiveram que ser feitas especiais pra receber o equipamento. Tinha problema seriíssimo, não só na escolha. Escolhemos foi na marra. Eu tive que ir, nas unidades e briguei mesmo. “Vai ser aqui”. Para interligar tinha que

estar tudo perto. Nós tivemos que fazer toda parte elétrica do colégio separada para o funcionamento. Daí com as máquinas e partimos para fazer o projeto de rede, efetivamente.

O Bradesco já estava usando o Windows NT. O sistema vai ser Windows NT (bate na mesa). Eu boleei toda interligação, pensei eu não tenho pessoal. Não adianta eu montar uma rede em cada unidade. No Humaitá eu sei, vocês tinham uma cultura informática, mas nas outras não tinha uma cultura de informática, não tem. Eu tinha que montar uma equipe para cada unidade. Então eu vou fazer o seguinte, vou centralizar aqui e interligar todas as unidades como uma estrela central aqui, uma equipe única. Porque não tinha, eu não tenho cargo de analista, não tinha nada. Eu tenho que contratar mão de obra. Como é que eu vou fazer isso? Você imagina, dez unidades. Então eu vou centralizar, vai ser centralizado e interligar todas as unidades escolares num link.

#### **Beatriz: Centralizada em São Cristóvão**

**Raul:** Na Direção-Geral, coincidiu ser São Cristóvão. Centralizava e espalhava para todas as unidades. Já tinha vindo o processo para eu fazer o PABX pra direção geral. Então, eu vou aproveitar e abrir licitação da informática. Vai ser telecomunicações. Eu vou querer transmitir dados, voz e imagem.

Eu já havia visto nessas feiras que dava a transmissão de imagem. Eu quero então preparar pra transmissão de imagem. Deixar para o futuro. Então fiz o projeto, com aquilo que eu tinha de informações. Eu boleei o projeto todo e fiz o edital de licitação da rede. Aproveitei nesse edital e coloquei a parte de telefonia, a parte de dados e a parte de transmissão de dados interligando todas as unidades escolares.

Fizemos uma licitação, contratei uma empresa para elaborar o projeto de telefonia pra fazer as caixas de cada unidade. Em maio de 95, um amigo da FUNTEVE, falou que já estava com acesso a Internet pela ARNT. A Internet ainda não era comercializada aqui no Brasil. Eu quero colocar essa Internet no Pedro II. Peguei o telefone, liga pra tal pessoa. Liguei pra lá, Rede Nacional de Pesquisa, fica lá no Horto que tem o ministério. Falei com o próprio coordenador esqueci o nome, que acho já até faleceu. “Olha vai ter uma reunião aqui”. “To indo pra lá agora.” Fui pra lá e fechei para o Pedro II. Em maio nós já tínhamos a autorização pra Internet. “Quanto você vai precisar”. Eu calculei dez unidades, mais cinco para a direção geral. Pensei Direção Geral, Secretaria de Ensino, Departamento de Administração, Recursos Humanos e Jurídica.

Eu fechei cinco logins para acessar a Internet, mais dez em cada unidade. Vieram, preenchemos e faltava outra coisa. E a linha telefônica? Não tinha, porque as unidades só tinham duas linhas telefônicas. Duas ou três linhas. Como eu poderia tirar uma linha? Liguei, “Maria Alice você tem uma missão, liga para o presidente da TELERJ e diz que o Pedro II quer”[...] Não sei se você lembra as linhas custavam seis mil reais. Não podia comprar linha e não podia transferir uma linha de São Cristóvão de um lugar para outro. Então conseguimos quinze linhas da TELERJ e ligamos cada linha a cada unidade. Veio especial. Nós em junho já tínhamos o acesso a Internet. Você foi contemplada com a linha?

**Beatriz: Fomos. Tinha uma máquina que conectava a Internet.**

**Raul:** Por isso eu digo o Pedro II foi primeiro, com segurança, ligado a Internet, antes do pessoal conhecer.

Com relação a telefonia, com toda a rede já pronta. Eu não vou comprar equipamento, eu vou locar. Eu fiz um edital de locação. Quem ganhou foi a Simmers. Tinha a Simmers, a Nortel, várias empresas poderiam participar, inclusive. E eu fiz a locação dos equipamentos, um grande PABX que ficava em São Cristóvão e aí distribuí para todo o colégio esses equipamentos e essas setenta linhas eu pluguei no PABX. Sobraram umas vinte.

O grande problema nosso era interligar São Cristóvão as unidades. Porque na época você não tinha, a ligação não era digital, não tinha linha. Você tinha linha telefônica. Toda vez que a TELERJ ia lá, era ruído na linha, não conseguia e era 64K. Como é que ia transmitir dados e voz num link tão apertado? Qual foi a solução? Primeira solução foi chamado micro compressor. É a compressão de dados e voz que foi locado, loquei esses equipamentos. Então interligamos todas as unidades. Então nós começamos a trabalhar, a rede foi instalada.

Eu não tinha pessoal, então eu criei o Centro de informática do Pedro II, porque eu precisava de pessoas para desenvolver os sistemas, como também a manutenção. Colocamos um em cada unidade, para a manutenção e colocamos também para desenvolver. O primeiro sistema que eu fui fazer foi o protocolo. Não tinha sistema de protocolo interno. Fiz o sistema de protocolo, sistema depois de almoxarifado, vários sistemas da procuradoria e começou a desenvolver sistemas.

Começamos a desenvolver a questão do acompanhamento da parte de ensino, escolar. A Silvia já tinha dada para o Roberto um sistema, mas não funcionava na rede só em uma máquina. Uma resistência tão grande na Secretaria de Ensino. Qual era a idéia? Eu podia na época, podíamos comprar por pacote. Mas nós não tínhamos cultura da informática. O que adiante eu chegar com um pacote põe pra funcionar e não tinha pessoal. Eu tinha o César, tinha o Álvaro, da área administrativa, do RH, tinha o Pelossi.

Eu tinha que desenvolver o centro de informática que era o CIAD que desenvolveria os programas e também a manutenção. Fiz outra licitação pra ter um gerente de rede. Entrou o Joel que está aí esse tempo todo e participou de várias licitações e tá lá. Um outro passo que foi a interligação de todo desenvolvimento, nós fizemos a questão do vídeo conferência, que é outra coisa que o diretor queria. Então adquirimos equipamento, montamos o laboratório e era através da TELEMAR, já que era aquele [silêncio] esqueci, já está até obsoleto. Era também links que você, eram vários 128 pra tentar 512, pra tentar transmissão. Nós fizemos inclusive em Portugal com os alunos e tudo mais, mas aquilo dependia da motivação da própria pedagógica. Nós temos o carro, o carro está na garagem, tem que dirigir e desenvolver projetos.

Eu falava, mas eram muitas frentes que nós abríamos. Eu tinha que ter pessoal pra ir desenvolvendo. E aí então o que aconteceu. Ficou de certa maneira um pouco esquecido. Nós fizemos alguns trabalhos.

Eu me lembro a Vanessa fez inclusive, eu me lembro da Secretaria de Ensino, a questão dos 500 anos do descobrimento, fizemos. O equipamento está lá, precisa manutenção e é excelente. A idéia é você fazer capacitação. Eu podia interligar com o mundo inteiro. Eu me lembro que eu fui a São Paulo na Fundação Getulio Vargas e um rapaz estava dizendo em uma sala de videoconferência que o próprio doutorado, que a banca um era no Japão, um em outro lugar. Então, aqui eu posso fazer toda capacitação do meu pessoal, de professores interligando com universidades fora.

A Estácio de Sá, hoje, que eu dou aula lá, eles fazem teleconferência, põe o sujeito dando aula, um medalhão da área jurídica, dando aula para o Brasil inteiro. Os alunos vão para o auditório e assistem e comunicam com ele. Uma frente era essa, também capacitação entre as unidades, podia fazer interagir com os alunos. E a capacitação de professores também, você tem vários terminais em Brasília. Como é que eu tenho que deslocar, eu não tenho dinheiro pra deslocar o servidor, nem o professor. Faz lá a capacitação. Hoje está muito mais.

Eu me lembro na Secretaria de Ensino eles devolveram todos os telefones. Por quê? Não quero que o funcionário fique com telefone em cima da mesa dele. “Olha só é só você limitar o acesso, põe só ramal”. Hoje o Oscar que está fala que a telefonia foi à grande, a melhor coisa. Eu falo pra ele: “Não fala isso não a Informática é o boom e tem muito que crescer e a telefonia é limitada”.

O que aconteceu com a telefonia, eu reduzi drasticamente a conta do colégio, e falando internamente. Põe câmeras em todo colégio, seja pela telefonia, ou seja, pela própria rede. Você interliga até, monitora, você tem uma visão espacial do próprio colégio. Pode colocar câmera em cada unidade, você chega aqui e olha cada unidade hoje e olha como está. O meio está há 14 anos, 15 anos aí. Não fazem, fizeram, falta um pouco. Então fizemos tudo isso, e o que completou o trabalho foram a rede, a telefonia. Nós fizemos um tarifador em todas as unidades, quer dizer centralizaram. Então, eu tenho um tarifador eu sei onde você ligou e quem ligou pra você e você é o responsável pelo chaveamento e pus os níveis de acesso. De um a quatro, que é DDI, o resto DDD fechei. Eu falo gente dá noite para o dia eu posso zerar essa conta, posso ter custo nenhum. É só bloquear todo mundo. Só o chefe ligando para fora, outra coisa que também ninguém queria. Não queriam que os funcionários tivessem acesso a Internet. Deixa. Eu disse: “eu tenho que criar cultura”. Os funcionários começaram a comprar fizeram até consórcio, pra comprar a máquina na época. Tinha situações em que o pessoal ficava em pânico porque a tela ficava preta.

**Beatriz: Como aconteceu, e se aconteceu uma relação entre o pedagógico e o administrativo nesse processo de informatização do colégio? O administrativo avançou mais que o pedagógico?**

**Raul:** Eu acho que nós demos os instrumentos, os instrumentais, pois sempre os professores reclamam muito da falta de material. O trabalho foi disponibilizar o máximo de tecnologia e de condições para desenvolver projetos pedagógicos. Não adianta você querer fazer um trabalho com uma máquina lenta, uma máquina que não acerta. Então acesso a Internet, telefonia, vídeo conferência, não é pra mim é para você desenvolver.

Eu sempre digo, houve uma grande resistência de fato. Houve um pouco de conscientização, de fazer, de chegar junto e desenvolver. Tudo tem o seu tempo, acho até que a questão de implantação de qualquer nova cultura de informática demora mesmo. Eu lembro até que o diretor me deu até um livro e disse “ dá uma olhada nisso aqui”. Foi no MEC dizendo, um estudo dizendo que demoraria uns cinco anos pelo menos pras pessoas começarem a uma nova tecnologia, pra se firmar. Esse processo de 95 até 97, já estava com a rede foram dois anos. Eu estava com telefone, eu estava com tudo. Chegou ao final de 97, 99 já estava com vídeo conferencia. Eu estava tocando.

Então entendia que, na área pedagógica deviam ser desenvolvidos vários projetos nessa área, eu acho. E as pessoas capazes no colégio, muitas vezes foram esquecidas. Havia e há uma política. Você sabe o que acontece. Eu me lembro, vocês lá no Humaitá tinham um trabalho produtivo, vinha à tona. Assim como eu dei ao funcionário, não me preocupei, põe Internet, põe telefone libera. Esse é um processo de inclusão social. Ai o sujeito tem segurança, e ai começa.

A grande estratégia da informática, porque logo no começo que ele entrou o Diretor geral, em 95, nós chamamos um conhecido, um especialista em OEM, estruturação para criarmos todos os documentos do colégio. Eu até criei um grupo fiz as rotinas. Fiz todos os documentos oficiais do Colégio Pedro II. Como tem que fazer um memorando, acho que está em nossa Intranet, eu fiz, saiu publicado, como se faz um fax, como se faz uma carta, até as rotinas, como também a organização do colégio, não tinha protocolo. Nós ficamos um ano, já com as máquinas, o chefe do protocolo ainda fazia fichinha. Ele recusava o computador até que colocamos “você vai sair do cargo”.

No começo era por disquete, porque não tinha rede, quando fez a rede, então começou a centralizar. Na área administrativa também houve uma resistência. Porque se o processo chegou no setor, ele tem que dar carga no sistema. Eu dizia o seguinte, o grande problema na informática é que ela está sucateada, está mal utilizada, tanto administrativamente quanto na parte pedagógica, me desculpe. Por quê? Administrativamente você tem a oportunidade de criar todas as rotinas dentro do sistema de informática. O que é difícil, quando você não tinha a informática. O quê que acontecia? Você tinha que fazer todos os treinamentos, capacitações, tem que fazer claro, mas eu tinha que montar as rotinas, a documentação, você tinha os formulários. Se eu crio dentro da informática todo o sistema de circulação do processo, a tramitação desde um mero pedido de aposentadoria, de pensão, qualquer coisa. Então interligando todas as unidades, inclusive os RH, os recursos humanos, tudo, o sistema de biblioteca que eu bati, bati, pra fazer todo o sistema de biblioteca. Foi uma dificuldade fazer o sistema de biblioteca, para catalogar tudo, temos livros cinco mil livros, nós. Então, isso tudo, o sistema de biblioteca eu tinha pensado lá no projeto dele. Faz o sistema de biblioteca, faz o sistema administrativo, tudo isso organiza o

colégio todinho através das rotinas dentro da informática. Você não tem que se submeter à sistemática bancaria? Você se lembra como era antigamente você tinha que ir até o banco. Hoje você não faz? As pessoas não tiveram que aprender? Então nós podemos usar toda a estrutura. Faz e aplica que aí vai funcionar com segurança, vai funcionar. Esse sistema de biblioteca eu fiquei muito chateado, não conseguimos no final tinha que concluir, o RH também foi uma dificuldade tremenda. Sabe por quê? Sabe o que acontece? Eu tinha um pessoal, eu digo na área administrativa. Na área administrativa se recusam a passar os formulários, as rotinas, a mais extensa, acho que o medo, medo. Não conseguia. Eu tinha um pessoal. Como é que eu vou fazer? Você tem o conteúdo, você da área administrativa, você tem que me passar para a área de análise desenvolver o sistema, e o nosso emperrava, uma dificuldade grande.

Na área pedagógica, aí sim, foi difícil sim, o seguinte porque tinha um sistema que eles implantaram um sistema inviável, ele não estava em rede. E na hora que, eu queria, todos os dados, o banco de dados, as fontes como eles chamam tinham que passar pra nós pra desenvolvermos, nós tínhamos que desenvolver um novo sistema. Demorei uns quatro, cinco anos fazendo isso. Houve uma resistência de briga, foi briga de bater, dar soco em ponta de faca. Falava com o Marco Antônio: “Não é possível nós temos, há dificuldades, mas o pessoal não passava”. Você conversa com o pessoal da informática você vai ver. Nunca vi isso. Eu acho que em termos de projeto a informática é subutilizada inclusive no gerenciamento de rede, acho que podia adiantar mais. Há dez anos eu já falava.

Eu me lembro quando implantei os laboratórios eles ficavam fechados e não deixavam os alunos entrarem. Eu dizia “deixa entrar”. Não deixavam, nem o professor para preparar a aula, não deixava. Nós tivemos que vencer muito essa, quebrar. O que ajudou muito foi a Internet que veio e popularizou, as novelas dizendo de informática. Você se lembra na época, o negócio veio a crescer muito, mas eu acho que nessa área podia ser feito muito. Não sei o quanto cada um pode fazer, porque complicado, o professor é mal remunerado, e tal, as pessoas tem outros afazeres, mas o colégio tem tudo pra te um desenvolvimento grande, tinha, na área de informática aproveitando as pessoas que são muito qualificadas, na ponta, pra que não chegue até, não tem às vezes acesso, não tem acesso, eu sei disso em varias áreas, não tem acesso ao poder central. Entendeu? De desenvolver, participar. Tem a possibilidade de participação maior, eu falo. Os próprios professores têm trabalhos maravilhosos que eles têm com os alunos.

Eu me lembro o Pedrinho de São Cristóvão tinha uma fila que corria pra rua, pra inscrição, nós tínhamos dez máquinas ali, só. As mães se inscrevendo pra fazer informática. Passado dois meses já estavam fazendo jornalzinho, o ministro ficou admirado com aquilo.

Eu acho que quem está ali na frente, vocês professores, têm toda a capacidade, tem toda qualificação, pra fazer e estão trabalhando e às vezes falta uma conexão. Existe e acho que mesmo na parte de ensino, acho que falta, o negócio fica meio fracionado, você não consegue, falta uma certa unidade de cooperação. Tem muita gente boa, você com doutorado, mestrado que podiam desenvolver e ter acesso a esses bens todos. Eu acho que faltou muito, falta. Não correu no mesmo passo que a dinâmica administrativa foi implantada, mas acho que isso é muito difícil mesmo.

O que eu acho que foi bom para o colégio foi que todas as parcerias que quiseram fazer conosco deste a Universidade da Cidade, o Colégio CEU, Escola 24horas. Eles chegavam no colégio e diziam “Vocês tem tudo”. Eles queriam na verdade a parte do nosso conteúdo. “Vocês têm tudo, vocês têm mais que a gente, muito mais que a gente”.

Nessa parte nós viramos a mesa, conseguimos dar um avanço grande no colégio. Você conhece na pele, o que foi, o que faltava para o colégio e lá fora tendo. Hoje eu vejo, eu sou da UERJ, vejo em termos de informática, você não tem, lá é vertical, não tem a ligação que nós fizemos. Um trabalho muito grande.

Aqui nesse prédio [U.E Centro] tinha paredes de um metro pra furar, uma loucura. O colégio você interligar todas as unidades do Rio de Janeiro num link só, uma rede só. Tinha que aproveitar essa oportunidade pra você interligar voz, imagem, interligando, faz uma Intranet interna. Faz tipo uma televisão interna. Isso é importantíssimo pra unidade do colégio. Acho que a informática serve pra isso também pra gente se conhecer mais. O colégio está estanque, separado você interligar. É isso.



## **FLORENTINO SIQUEIRA MELLO**

***Entrevista realizada na Unidade São Cristóvão – 10 de Abril de 2008. Depoimento de Florentino Siqueira Mello Ex- membro da Secretaria de Ensino do Colégio Pedro II no período de 1979-1988***

Meus filhos os dois são engenheiros, um elétrico e o outro eletrônico, os dois fizeram Análise de Sistemas na PUC, os dois terminaram mestrado e doutorado em Informática na PUC, os dois hoje dirigem grandes empresas aqui fora e todos dois, tem três firmas de Informática, cada um. Os dois foram do Pedro II, todos dois e os dois trabalharam no projeto de informatização comigo. Eles fizeram isso (gesto de mão na testa) com o Choeri para poder concertar o sistema que deixou ultrapassar pela tecnologia, veio novos computadores. Esses computadores, que estão por aí, ninguém procura verificar, estão ultrapassados, você vai lá digitar uma coisa qualquer leva horas. Hoje não, é rápido estou comprando computador novo por isso motivo, eu entro na internet e rapidamente, eu fico esperando, esperando, são computadores obsoletos, ultrapassados, todos do Pedro II. Dinheiro não veio.

**Vera: As máquinas do Colégio foram todas renovadas.**

**Florentino:** Não é uma ou outra?

**Florentino:** cada sala de informática que nós fizemos em cada unidade

**Vera: Todas foram renovadas. Em Realengo temos até monitor de plasma.**

**Florentino:** E a formação dessa gente toda em Informática?

**Entrevistadora: Também aumentou o contingente, também ele fez concurso. Abriu concurso.**

**Florentino:** Não é só o pessoal de concurso não, todo mundo tem que aprender a lidar com o computador para poder trabalhar. É um sistema muito bacana. É um sistema que se interligava. Todos os diretores, todo chefe de departamento, todos os departamentos com seus coordenadores e seus professores e tinha uma sala só para aula de informática de Biologia, em informática em Matemática, em História, em Química e Física. E tinha uma sala para o professor para ele poder organizar as suas aulas em Informática.

Tinha um centro de formação. O que foi feito nesse centro de formação que nós fizemos, em Informática? Para preparar o pessoal. A professora Ana deu muitos cursos, a muitos professores, inclusive eu.

**Entrevistadora: Professora Ana. O senhor está falando da professora Ana Maria Beher?**

**Florentino:** É. Cadê ela?

**Entrevistadora 2: Aposentou a pouco mais de três meses.**

**Florentino:** A autora de tudo foi a professora Eugênia que já morreu. Você está com esse material todo aqui, o meu filho disse pro Choeri importar lá da Receita Federal as plaquetas, as placas mães dos computadores, que ele adaptava nos computadores de todo o colégio para atualizar, para ele ficar mais ágil, mais rápido. E a Receita Federal dava isso, que eles apanham de contrabando e tá parado lá. O Choeri não conseguiu o Ministro da Educação não deu. Resultado ficou parado aí. Meu filho: “papai eu não vou mais ao Pedro II, aquilo está emperrado, não tem jeito”. Agora ela tá dizendo que o Lula deu um mundo.

**Entrevistadora: Deu agora, no final do ano passado, meio do ano passado.**

**Florentino:** Ele tá ganhando comissão. Pra vender computador, ele tá dando agora computador, internet, não sei o que, pras escolas de segundo grau.

**Beatriz:** Nós estamos fazendo essa pesquisa, porque a gente quer levantar essa história da Informática Educativa no colégio. Existe pouco registro documental sobre essa história. Por isso nós optamos por ouvir as pessoas, o relato oral das pessoas que viveram essa época, desde o início da implantação, até hoje. Então nós gostaríamos que o senhor contasse um pouco como foi esse projeto inicial de informatização que o senhor já se referiu, algumas vezes agora conversando conosco. Como foi esse início, como foi esse projeto, como foi o trabalho da professora Eugênia? Poderia colocar um pouco isso pra gente?

**Florentino:** Naquela época da professora Eugênia.

Tem que comparar o projeto com a própria evolução dele, da Informática. Estava na iniciação do ensino da Informática na área da Educação. O Choeri que era um idealista apoiou a Eugênia e deu a ela essa opção. Era uma grande educadora, era uma grande planejadora da educação e o colégio deve muito a ela. Uma pessoa independente, espetacular. Eu acho espetacular porque a maneira dela ser assim. Ela fez o primeiro projeto de informática, de informatização.

Esse projeto era uma experimentação. Choeri queria, estava tateando pra vê se ia dar certo ou não. Então cresceu foi feito um regulamento, do ensino através da informática, do ensino da informática. A escola voltada para a informática não é a escola formadora de técnicos de informática, mas a escola funcionando com informática. Então era preciso que os professores de Biologia, História, Geografia, Português, Matemática, todo o ensino do Colégio Pedro II usasse a

Informática e caísse na modernidade, na modernização da educação. Então era esse o objetivo do Choeri. Então nós fizemos um centro de formação de informática aqui (São Cristóvão), onde a Eugênia dirigia e ela trouxe a Ana Ebert, o professor João Cândia. E aí começou. Esse trabalho cresceu, cresceu de tal ordem aí o Choeri me colocou dentro do projeto.

Eu era o planejador do Choeri, tudo era comigo. Eu fiz nesse colégio, trouxe a minha experiência na área de educação. Eu sou o criador da AFE, Universidade Grande Rio, de Biologia, Farmácia, Veterinária, Odontologia. Eu fiz o ideal de dar aquela gente de Caxias uma escola, porque eu trabalhava no curso de pedagogia lá e aquelas professoras todas trabalhavam em escolas. Ali tem um sistema educacional de Caxias, ensino do primeiro seguimento e o interessante eu fiz um levantamento.

Cada diretor era um português, dono de uma quitanda, dono de uma padaria que abre uma escola. Não tem noção nenhuma de pedagogia, de orientação e elas ficavam em casa abandonadas e não tinham uma escola pra formar em Matemática, Português, Inglês. Aí uma turma de professores, nós idealizamos formar a AFE e está lá, até hoje. Eu era da mantenedora e o professor que era o pastor lá, muito sabido. Ele foi ao Conselho Federal de Educação trocou o nome do pessoal da mantenedora pra família dele todinha e ficou. E hoje o filho dele, ele já morreu, é o reitor lá. Da mesma maneira nós fizemos a Universidade de Cascadura e ali é Educação Física. Tinha uma equipe grande do pessoal de Educação Física fez e a escola cresceu em Educação Física. Eu fui o primeiro diretor ali.

Então aqui no Pedro II eu fui apanhado de surpresa, fiz concurso e vim trabalhar e assim que a Revolução estourou. Eu sou coronel da polícia, mandava, desmandava, todo mundo obedecia. “Coronel, coronel”. E eu fui um desses coronéis apanhados pra colocar o eixo aqui, o pessoal do colégio. Apoiado pelo Tito e pelo Choeri. Que quê eu ia fazer? Aqui não tinha nada. O Choeri não tinha nada pra fazer. Não tinha uma sala, só uma cadeira, só um espaço vazio. Nós começamos a trabalhar. Primeira coisa que eu fui ver e sentimos aqui que tínhamos quinhentos professores afastados e quinhentos alunos da FAHUPE trabalhando como professor, com doze horas semanais. Que quê eu fiz? Peguei a ficha de pagamento de todo mundo e carreguei. Quem estava trabalhando pro lado de cá, quem não estava do outro lado. Resultado esses que não trabalhavam convocamos com o apoio do Diretor Geral Tito, cem por cento.

Então nós recebíamos para entrevista: Eu, Choeri e o Marco Antônio, entrevistávamos. Essa gente chegava aí e dizíamos: “O senhor está ganhando do Governo Federal, não está trabalhando há mais de dois anos, isso é roubo”. Nesses termos assim e o professor botava banca: “Eu sou amigo do Tito, isso não vai ficar assim”. Então, por favor, o senhor deixa um bilhete para o professor Tito que em vinte quatro horas o senhor tem a resposta.

O Tito colocava um bilhete na ficha: “Se é meu amigo, sala de aula.” Pra encurtar: esses quinhentos professores pediram demissão, pediram aposentadoria. Quinhentas vagas de professores. Fizemos o primeiro concurso aqui sério, e, resultado é que houve uma subida, um crescimento do colégio. Os professores novos não tinham apoio dos departamentos. Os departamentos não funcionavam, também não. Então como ia colocar os departamentos para funcionar? Então viemos de baixo para cima. Fizemos a eleição para coordenadores aí os

departamentos, os chefes de departamento fizeram o seguinte. Os coordenadores trabalham e eles. Ou eles assumiam, ou eles largavam. Eles assumiram. Ai começou a máquina a funcionar. O primeiro PGE foi feito pelo professor Choeri, na mão, sozinho e os subseqüentes foram feitos pelos chefes de departamento com os coordenadores, mas sempre os coordenadores das mesmas matérias. Acabava o ano letivo, os professores se reuniam com o coordenador e comentavam o programa, o que aconteceu e não aconteceu no fim do ano de trabalho, atualizava e já vinha pronto para a Secretaria de Ensino. Então a gente reunia todos eles, num só documento e soltava o Plano Geral de Ensino. Esse Plano Geral de Ensino tomou o Brasil todo e de fato o professor trabalhando. Ninguém dá valor, ganha uma miséria de dinheiro, mas ele é um homem, idealista que trabalha, cem por cento. Ninguém dá valor a ele.

**Beatriz:** Nessa época que o senhor está falando houve essa reestruturação do colégio, o senhor, o professor Choeri e o professor Marco Antônio compunham a equipe da Secretaria de Ensino e a professora Eugênia. Esse projeto da informatização ele veio na década de 80, junto com o primeiro movimento, do próprio país. Não é isso?

**Florentino:** Ele já estava desenvolvido. Eu já havia dado um curso de medidas em educação, objetivos, para todos os professores. Atualizar o sistema de verificação de aprendizagem: a prova única. Que tinha o objetivo do professor ensinasse, não parasse de ensinar, uma meia dúzia só. Chegasse a junho tivesse naquele ponto. Porque a prova única exigia. Na hora da reunião. “Ah! Eu não cheguei até lá”.

Quando chegou a Informática, já estava no quarto aperfeiçoamento da modernização do Colégio Pedro II. Eu só sinto que o projeto de informática não tenha tido um sucesso de todos os outros que nós fizemos. Torno a dizer o Choeri sempre usou os meus filhos e os meus filhos não querem vir mais aqui, pra nada, pra consulta de nada, porque eles sabem que não dão o principal (faz gesto com a mão, em referencia a dinheiro) para conseguir avançar.

Esse projeto da professora Maria Amélia, como diretora geral, que eles pediam, pediam. Eles deram o dinheiro, pouco, muito pouco, mas era algum e ela não quis usar o dinheiro. Disseram que ela não queria usar o dinheiro, o ministro demitiu e colocou o Choeri. Mas continuou a mesma história.

Eu trabalhei com o filho da professora Silvia, foi minha assessora. Ela veio para a minha mão, ela disse: “eu não sei nada de Matemática, o senhor é catedrático em Matemática Aplicada, em Estatística. Como é que eu posso trabalhar com o senhor? Tudo do senhor é em estatística.”

Tinha um quadro de efetivos novos, controlava tudo e o Choeri também, ele também é regente da cadeira. Eu sou da UERJ e ele também. Então nós tínhamos a linguagem comum e até aposentado doente, morrendo fiz muito trabalho para o Pedro II, através da estatística. Eu tenho uma nora que é chefe de departamento de Língua Anglo Germânica, fizeram concurso aqui. Pra você ter uma idéia de trabalho nosso, meu e do Choeri. Fizeram concurso aqui levava dias. E a

turma entrou em cima da minha nora, porque ela deu muita nota baixa: dois, dois, três. Ele me chamou e, "Florentino a sua nora estava na banca, chefiando a banca e houve isso, isso, isso."

Você não podia fazer um levantamento para mim? Eu fiz: "De fato tudo mundo com dois". Ai nós conversamos os dois, nós tínhamos uma conversa interessante que acasalava as idéias deles com as minhas. "Vamos fazer com outras disciplinas?" Vamos. Ai eu fiz: Física, Química. Todas as disciplinas notas baixas: dois, dois, três. Ai nós resolvemos ir mais além. "Vamos fazer por idade?" Vamos.

Os professores com idade de 38, 39, 40 anos tiravam oito, nove. Aqueles recém formados todos dois, dois, três. Ai resolveu ir mais além e fizemos por entidades formadoras, instituição federal de ensino. A primeira faculdade "modelo" que vem com aprovação de gente nova, com notas altas: Federal FLUMINENSE, depois FUNDAÇÃO, depois vem a UERJ e nem a PUC aparece mais, caiu o ensino.

Fizemos um relatório, bateu em casa, levou em mãos ao ministro. O ministro recebeu e disse assim, vibrou com o relatório, mandou chamar o Choeri e disse: "Eu estou sendo apertado pelos reitores. Dizem que estou me intrometendo na autonomia das universidades, porque eu estou exigindo melhora e formação dos professores. Eu vou fazer o seguinte, vou fazer uma exposição itinerante com esse trabalho aqui, mando gráficos, relatórios, série estatística, mas não vai aparecer teu nome, nem do teu amigo". Ai ele fez, foi essa exposição itinerante que criou o provão, está ai até hoje. Trabalho do Pedro II. Ele veio aqui numa festa de Natal agradecer, um assessor dele, eu e ao Choeri, pelo trabalho, mas o Pedro II sempre estava lá em cima.

O primeiro encontro de professores daqui foi um sucesso. Todos os professores, mil professores reunidos, sem sair, uma semana. Discutindo a LEI do canalha que destruiu a Educação no Brasil e destruiu o Brasil, o senhor Jarbas Passarinho. Ele criou a profissionalização nas escolas do segundo grau. Escola nenhuma do Brasil tinha, tem oficina, tem meios, modos, não tem nada pra fazer, nem funcionário, quanto mais ter, fazer profissionalização. Era de acordo com o governo americano, caiu o nível, porque pra você encaixar no currículo disciplinas. Só quem tem curso de pedagogia, como eu tenho e que tem visão da educação, que sente isso. Pra entrar no currículo aulas de matérias profissionalizantes você tem que diminuir as outras matérias. Ai diminui a Matemática, Física, Química etc. Com isso o nível caiu. Foi isso que os professores discutiram aqui, mas ninguém queria fazer cumprir a LEI. Chegaram à conclusão, aqui.

Nós chamamos empresas que vieram aqui no colégio, diziam: "Vocês ensinem a ler, escrever e a contar. Nós ensinamos a profissionalizar". Porque a tecnologia avança rapidamente. Quem estiver profissionalizando dentro da escola, está ultrapassado. Não é verdade isso? Então nós chegamos à conclusão que dar embasamento é profissionalizar. Foi ai que nós rompemos indisciplinadamente com a LEI. A escola católica acompanhou o Pedro II. Não foi a primeira, foi a segunda e o colégio ficou mantendo a carga horária que tem hoje de: quatro horas de Química, quatro horas de Biologia e a escola pública está dando duas aulas. Você faz a chamada, acabou a aula. Está ai o sucesso do ensino do Pedro II.

**Beatriz:** Foi nessa época que foi criado os cursos de informática no colégio?

**Florentino:** Não, não.

**Beatriz:** Eles não foram coordenados pela professora Eugênia?

**Florentino:** Eugênia veio justamente com a idéia e o Choeri.

**Beatriz:** Em que ano foi isso? Foram criados aqueles cursos noturnos. Eram com ela, também?

**Florentino:** Não, não. Ai ele conseguiu desligar a idéia dela para generalizar para o Pedro II, todo. Ela trouxe a idéia e aquilo amadureceu, e ele tirou um grande administrador em educação, ele vê coisa boa, e tirou justamente para toda a administração do colégio, administração pedagógica. Porque ele queria que ela entrasse com outro projeto. Era o projeto dele de puxar os garotos do SAM, aqui que ele fez um estudo pro SAM. Outro trabalho difícil de lidar com aqueles garotos.

**Beatriz:** Eu entrei no colégio na década de 80, em 84. Eu me lembro, não sei se é esse centro que o senhor está se referindo que funcionou com a Ana Ebert, com a própria Silvia, com a professora Sônia Landim que davam curso com o professor João Cândia. Começaram a fazer aqueles cursos. A minha pergunta para o senhor, é o seguinte: Essa era uma preocupação, a formação dos professores?

**Florentino:** Era, porque se não formasse o projeto estava jogado fora. Por isso que aqui, em São Cristóvão, esse centro, que Silvia fez parte, minha assessora, funcionou muito bem, mas acontece que o colégio é muito grande. Era preciso ter tantos centros para tantas unidades. Uma parte bonita que eu vi nesse projeto, foi de lá do meu filho, recém casado com filho, filhos pequenos. Era pegar o aluno da terceira série do segundo grau e dar um estágio remunerado para eles, que eles já estavam maduros na informática, conhecendo bem a informática, pra darem aula nas turmas de iniciação do Pedrinho, na primeira série. Está lá no regulamento da informática.

A culpa de não ter ficado um modelo, foi à falta de verba. Falta de dinheiro para comprar computadores e atualizar a tecnologia.

**Vera:** A professora Eugênia, com este grupo, tinha aquela salinha ali, a direita, da Secretaria de Ensino, lá no final, antes de chegar no auditório.

**Vera:** Ali nasceu o planejamento desses cursos que eram profissionalizantes de Ensino Médio. Só tinham em São Cristóvão à noite.

**Florentino:** Ai a deformação do projeto. Aquilo ali não foi feito para ensinar informática e aquilo ali de repente voltou-se para ensinar informática para os alunos da área profissionalizante. Então, fugiram do objetivo. Foi ai que o Choeri tirou e entregou a Secretaria de Ensino.

**SILVIA BECHER**

***Membro da Secretaria de Ensino do Colégio Pedro II, no período inicial da Informática Educativa no Colégio.***

***Entrevista realizada na Unidade Humaitá – 25/04/2008***

**Nós queremos ouvir a sua história sobre o processo de implantação da informática no Colégio Pedro II. Qual seria a história que você contaria sobre a sua participação nesse processo da chegada da informática no Colégio, qual foi a visão inicial.**

**Silvia:** Eu nunca fui boa de história. Não sei exatamente por onde começar. Eu tenho uma vida na Secretaria de Ensino muito longa, no primeiro momento como assessora do professor Florentino, quando eu acho começou de certa maneira a informática educativa com as experiências de vocês. Acho que você é uma das grandes pioneiras da informática no colégio e aí as experiências começaram de forma isolada. Isso logo depois daquele do núcleo centralizador da Eugênia.

**Entrevistadora: Do que você lembra dessa época?**

Eu não estive na instalação, mas quando eu cheguei pela primeira vez na secretaria de ensino existia já aquele núcleo da informática da educação, chamava algo parecido não lembro se era exatamente isso e no meu olhar de hoje não era exatamente informática da educação. Não sei se para aquelas pessoas no olhar de então era, exatamente só aquilo, mas eu vejo hoje que não é, mas acho que foi um bom começo.

Foi um convênio com o Itaú, parece e tinha algumas máquinas da Itautec, em que a escola ia criar um curso técnico e então os alunos iam fazer o curso do ensino médio e iam pra lá fazer uma complementação como se fosse um curso técnico. Mas era assim uma coisa pequena, tosca de três computadores. E aí começaram a se juntar alguns professores por “N” razões apareceram lá, muitos por contato pessoal da Eugênia, pra montar uma equipe de estudos, foi quando a Ana apareceu.

Então rolavam projetos meio individuais, tinham o da Ana, tinha a Sônia Landim e isso acontecia naquela sala, eu trabalhava em outra sala e as vezes a gente se cruzava no corredor, mas eu tinha uma curiosidade há muitos anos, já naquela época eu trabalhava com ensino de inglês para os alunos de informática da PUC, e por conta disso eu tinha que ler muita coisa de informática e eu comecei a me interessar e toda horinha que não tinha o que fazer eu aparecia por lá pra vê o que e começaram a aparecer alguns cursos e resolveram fazer cursos de novo e aí eu me escrevi e lá eu conheci a Mônica e acho que a Vanessa também começou a se interessar em um segundo momento, pois ela trabalhava no CRH. Não sei se foi ali que a gente se esbarrou pela primeira vez.

Foi isso o que eu me lembro e acho que as pessoas que foram fazer curso quiseram tentar aplicar isso nas suas vidas diárias e dali, foram aparecendo. Na verdade é isso que eu sei dizer

sobre isso. Sei que o curso técnico cresceu mais, assim de uma forma, teve um pouco mais de apoio institucional e dinheiro.

**Entrevistadora: O curso técnico, também saiu daí?**

O curso técnico também saiu daí e o curso técnico logo recebeu apoio tanto que ele se institucionalizou, São Cristóvão começou a ter uma turma mesmo. No início os alunos iam lá pra uma complementação depois um curso técnico com uma grade especial e os alunos iam lá pra fazer estágio ou uma parte prática, mas já era mais oficial não era só um cursinho extra. E dali a turma cresceu foi para o Engenho Novo e foi para o Engenho Novo quando conseguimos abrir um concurso para esses professores e não sei dizer em que época, eu acho que foi pré-94, antes de 94, mais não posso te garantir.

Daí as coisas foram surgindo nas unidades. Algumas unidades fizeram um trabalho mais... Cresceram mais investiram mais foi o caso do Humaitá que entrou por uma linha, São Cristóvão também, Tijuca II, essas unidades tinham professores que começaram investir por interesse próprio muito mais do que por interesse da instituição eu acho, embora em alguns casos, na figura do diretor havia um investimento, mas não era uma coisa que eu diria totalmente institucional da secretaria de ensino, também a Secretaria de Ensino nunca negou ou desapoiou, no sentido “não manda todo mundo pra sala de aula”, mas também nunca pode ou não quis dar. Ai não dá pra avaliar, um incentivo institucional, na época. Às vezes dava uma migalhinhas, financiava uma passagem aqui, permitia uma coisa ali, um cursinho ali, comprava alguma coisa aqui, conseguia uma verbinha pro software ali, mas não era uma coisa. Acho que não tinha um planejamento, mas acho que as pessoas foram aos poucos se estruturando de tal maneira que começou a criar um núcleo mais sólido né... E ai a também agora vou tentar puxar pela lembrança quando abriu o departamento, não antes era o núcleo, era um núcleo, né...

**Entrevistadora: Centro de Estudos de Informática Educativa, o CEI, foi anterior ao departamento da Ciência da Computação.**

Foi, mas o CEI também teve um período curto, né? Mas antes tinha um núcleo educação, de informática na educação de onde saiu os dois ramos a Informática Educativa e o curso técnico.

**Entrevistadora: Você lembra quando os laboratórios foram criados, nas unidades? Nessa época isso foi uma diretriz institucional, criar os laboratórios?**

**Sílvia:** Foi, foi...

**Entrevistadora: Por que você acha que o colégio resolveu criar. Não vejo no início como uma política institucional.**

**Sílvia:** O projeto da Eugênia foi institucional. Porque a Eugênia tinha o suporte do então diretor, o ex-secretário de ensino que era o professor Choeri, e foram negociações, através do Choeri com,



na época se não me engano, tinha uma coisa da IBM também, tinha o marido da Maria Amélia que era da IBM, quer dizer era uma coisa assim realmente, mais institucional, mas naquele Núcleo acho que a expansão para as unidades que eu diria que não foi institucional no primeiro momento, na minha visão. Acho que na medida os grupos se solidificaram e mostraram seus trabalhos e brigaram pelo seu espaço acho que a escola encampou, e também acho que coincidiu com uma época em que se tentava um sistema informatizado na escola e houve uma sensibilização pra entender que a informática era coisa do momento, do futuro então acho foi quando a secretaria de ensino, a direção encampou e resolveu então inaugurar os laboratórios. Ai também conseguiu verba para os equipamentos, mas quer dizer as verbas iniciais foram conseguidas, quase que individualmente, se não me falha a memória, pelos grupinhos e os laboratórios só vieram depois.

**Entrevistadora: Os laboratórios vieram em 95.**

**Silvia:** Foi. Já com o professor Choeri eleito, no primeiro mandato dele, que ele conseguiu. Dizia-se, quer dizer ele dizia, outros também diziam que era uma verba que a professora Maria Amélia tinha conseguido e ia se perder. Então conseguiram recuperar no fechamento da cortina da Maria Amélia e do outro Ministro pra inaugurar e se criou. Nós fomos a várias inaugurações, enfim.

**Entrevistadora: Você acha que esse momento da inauguração dos laboratórios da estruturação física, dos espaços ele foi um momento, foi um marco para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, do crescimento da proposta da informática educativa no colégio?**

**Silvia:** Olha é claro que ele foi um marco, mas eu não sei se ele foi o marco. É claro que foi um marco porque pela primeira vez, de uma forma mais clara, não sei se pela primeira vez, mas de uma forma mais clara, a escola aponta pro reconhecimento do espaço e isso não pode deixar de ser um marco. Mas acho que o trabalho de formiguinha, o trabalho de investimento pessoal, de criação do próprio espaço, da integração, o trabalho visionário das pessoas que trabalharam, acho que é um marco mais importante no meu ver, não sei se porque eu sou uma pessoa que valorizo mais o humano do que a máquina.

Mas sem dúvida nenhuma foi um marco importante porque também foi uma forma de permitir a progressão do trabalho que chegava o momento que você ficava até que ponto você pode ir com os recursos limitados, então no momento em que a escola dá isso, isso possibilita vôo maiores e mais altos e com expansão, um atendimento maior dos alunos, de grupos maiores, enfim. Acho que foi um marco, na medida em que não dá pra voltar atrás.

Naquele momento a escola tinha investido uma grana preta e dali tinha que continuar. Então nesse sentido acho que foi um marco maior que no sentido de instalar uma produção na área. Eu acho que não instalou a produção na área, mas deu substância a produção e deu fonte para continuar.

**Entrevistadora: Nessa época você estava na Secretaria de Ensino?**

**Silvia:** Nessa época eu já estava na Secretaria de Ensino no cargo de Subsecretaria de planejamento.

**Entrevistadora:** Em termos da relação da Secretaria de Ensino com esse trabalho. Nessa época o que acontecia? O que se pensava? A secretaria fazia alguma articulação?

**Silvia:** Acho que aí talvez eu tenha tido um papel, sem modéstia, um papel importante porque pra mim a Informática Educativa era uma coisa atraente, que eu valorizava, que eu gostava, me interessava pelo trabalho, tinha assim, um certo apelo pessoal.

Eu acho que eu fui a pessoa que levantava a bandeira da Informática Educativa e brigava pra ela continuar, e brigava na relação de professor, aula e tal. Brigava pra tentar não mexer ali, pra que aquilo pudesse ter continuidade. Então eu acompanhei muito de perto e tive assim como missão essa coisa de preservar. E aí, quer dizer, vi que várias pessoas tinham idéias, desde seminários, de grupos de estudo.

Então eu, o que dava pra fazer eu tentava estimular que isso acontecesse, eu procurei sempre integrar as pessoas. Eu tinha muita preocupação de que as pessoas conhecessem os trabalhos umas das outras porque eram trabalhos diferenciados e eu senti assim, que às vezes um poderia não copiar o que o outro está fazendo, mas sabendo o que o outro está fazendo, ter insight para o seu próprio trabalho, mesmo que fosse de linhas diferentes, porque tinham trabalhos de linhas diferentes. Então acho que esse foi o papel da Secretaria de Ensino, nessa fase. Na época ainda tinha a Ana como... É aí acho que a Ana... Já existia, eu acho que criou o departamento na época que criou o laboratório não foi?

**Entrevistadora:** Não

**Silvia:** Foi depois?

**Entrevistadora:** É acho que foi depois. Não tenho certeza. Que 96 foi o primeiro concurso do DCCIT (Departamento de Ciência da Computação e Iniciação ao Trabalho)

**Silvia:** Foi, mas aí é outra história, aí é posterior. 96?

**Entrevistadora:** É acho que sim. Foi 96 o primeiro concurso do DCCIT, aí a Ana já foi a chefe de departamento, né?

**Silvia:** Não

**Entrevistadora:** Não?

**Silvia:** Porque os primeiros concursos foram pra... não foram para Informática Educativa.

**Entrevistadora:** Não, é. Foi pro curso técnico.

**Silvia:** Pro curso técnico.

Entrevistadora: A verdade, em 96.

**Silvia:** A tá, mas eu acho que não foi em 96, não.

**Silvia:** 94 com a Maria Amélia...

Silvia: Eu me lembro que como eu estava organizando o concurso a gente tinha que definir quais seriam os critérios porque professor de informática não tem licenciatura e todos os outros concursos tinham licenciatura. Então a gente tinha que criar um critério pra aceitar o professor de informática. Foi isso mesmo. Foi o primeiro concurso para o professor de informática. Acho que depois tiveram, 97 teve de novo, 98 e do Informática Educativa foi em 2002.

**Entrevistadora:** Mas nesse concurso de 96.

**Silvia:** Ai já era Ana chefe de departamento

**Entrevistadora:** Mas nesse concurso de 96 não se pensava numa equipe de Informática Educativa, de especialistas.

**Silvia:** Não, o concurso era pra fornecer professores para o curso técnico e havia intenção de ampliar o curso técnico crescer para o Engenho Novo e depois, não sei quem sabe para outros lugares. Era essa intenção. Porque tinha um corpo docente muito pequeno, tinha: o Marcelo, não se você lembra do Marcelo, tinha a Bernadete eram praticamente esses dois professores de Informática mesmo. Então precisava criar novas pessoas para atuar.

Não se pensava Informática Educativa eram os professores que eram das disciplinas várias e que tinham interesse no assunto e que trabalhavam. Não sei se era uma área consolidada. Acho que o espaço já estava consolidado como tal, mas eram os professores que tinham um pouco mais de experiência, conhecimento do assunto e interesse que faziam um trabalho.

Acho que a primeira vez que se reconhece a Informática Educativa como uma área de docência foi no concurso de 2002. Uma área de docência, enfim com professores específicos para isso que não tenham sido importados digamos de outras áreas. E acho que nesse sentido a escola foi pioneira, pelo menos que eu saiba foi pioneira. A gente marcou, fincou uma bandeira interessante. Isso também foi uma situação assim um pouco.

Apareceu numa conversa. Lembro-me bem desse dia que eu estava conversando com o professor Choeri sobre o concurso que a gente estava organizando e ai precisava distribuir as vagas e tal. E ele falou: “Não, não quero vaga pro curso técnico não tem muita vaga pro curso técnico”... Não sei, não sei que ele falou lá vaga pro curso técnico. E ai tem os “Pedrinhos”, tem os “Pedrões” o laboratório.

Eu falei “Não professor, mas ai não é o mesmo profissional, é outro profissional. Só se a gente abrir outro uma vaga para Informática Educativa seria uma ótima idéia.”.

Ai ele ficou me olhando assim: “Então abre uma vaga para Informática Educativa”.

Foi uma coisa que surgiu. Poderia chegar aqui e dizer: planejamos e tal, mas acho que a gente tem que ser fiel com a realidade.

Foi uma coisa que surgiu no papo, por um equívoco dele. Ele achou que esse professor de Informática técnica ia ajudar nos laboratórios. Eu fui tentar mostrar pra ele que não que são profissionais diferentes e talvez fosse então, o momento de abrir essa vaga nova, e que seria o pioneirismo. E aí vingou que bom.

**Entrevistadora:** Você acha que, estou buscando sua opinião, não propriamente o fato. A partir da sua posição na época, na Secretaria de Ensino. Você acha que essa...porque antes eram professores, ainda tem isso no colégio, na verdade. Mas antes todos os professores dos laboratórios eram como você disse, professores cedidos por algum departamento. Essa visão, ela de alguma maneira transparece de alguma maneira, que esse professor não precisava ser especialista. Você atribui isso a essa área ser uma área nova ainda naquela época. Você vê, por exemplo, essa situação do último concurso que entraram oito profissionais professores de Informática Educativa. Você vê isso como uma consolidação, não só no colégio, mas de uma maneira geral, de uma área de conhecimento, de pesquisa, enfim.

**Silvia:** Sem dúvida porque hoje você tem vários programas de pós-graduação e tem como isso uma área de pesquisa, às vezes numa área de pesquisa no setor de educação, no departamento de educação, enfim na Escola de Educação. Às vezes como uma área de pesquisa em outros programas.

Por exemplo, o programa da UFRJ de Linguística Aplicada que tem uma área de pesquisa muito produtiva, ensino a distância, ensino de tecnologia, então eu acho que sem dúvida nenhuma é uma área específica, mesmo que ela faça interfaces com outras. Eu acho que hoje em dia todas as áreas fazem interfaces com outras.

É difícil você chegar lá numa Física Nuclear pura. Claro que tem um cara que está fazendo Física Nuclear pura, aquele “nerd” está fazendo lá, mas as pessoas mais “antenas” já estão ligando a Física Nuclear ao Meio Ambiente, a questões psicológicas, sei lá, enfim, políticas. O mundo contemporâneo é um mundo de rede, dos dois sentidos, de entrelaçamento. Então, eu acho que você não pode dizer que a tecnologia no ensino é uma coisa isolada, uma área do saber exclusiva. Eu acho que é sim uma área de saber específica, mas que ela perpassa outros campos, também.

O fato de a gente ter aberto um concurso com uma ou duas vagas, da primeira vez e depois, da segunda oito, mostra que esse é o caminho da educação no Brasil, pelo menos a educação de ponta. E você vê em várias escolas os professores que estão aqui hoje, são professores regressos ou com experiência, em outras escolas particulares que tem um “especialista” (aspas apontada pela entrevistada) pra cuidar disso.

**Entrevistadora:** Na verdade a gente vem construindo uma equipe de especialistas, mais do que docentes. É uma equipe de excelência são pessoas que além de serem professores tem que ser especialista era o perfil do concurso. Eu quero insistir na pergunta nesse tema. Você acha que cresce dentro do colégio esse espaço de entendimento?

**Silvia:** Não sei se eu posso te responder isso agora. Eu estou nesses últimos quatro anos aqui “infurnadinha” no bom sentido da palavra, nesse canto com esse tipo de trabalho (referencia a Unidade Humaitá, onde trabalha atualmente na direção) então eu não tenho mais a visão do todo que eu tinha antes. Nem tenho mais tantos interlocutores na área como eu tinha antes.

Agora eu me restrinjo a conversar com a Mônica e basicamente isso, então eu não tenho uma visão clara. Não gostaria de emitir opinião. Bom, eu acho assim, eu acho que cresceu, como eu estava na secretaria de ensino e via tudo, numa visão privilegiada. Privilegiada porque não estava, é como se eu estivesse num camarote vendo, porque eu tinha uma visão do todo. Não tinha a visão como cada um tem da sua Unidade, nesse sentido privilegiado. Eu tinha uma visão do todo, não tinha os detalhes, mas eu tinha uma visão do todo. Eu acho que cresceu. Acho que a gente conseguiu convencer.

Eu acredito ter tido um papel também nisso. Consegui convencer as pessoas mais tradicionais de que aquilo era um campo de atuação, era um campo de estudo, é um campo de docência, é campo de aprendizagem. Então eu acho que a gente conseguiu marcar o espaço de uma maneira muito importante pra o desenvolvimento do trabalho educacional da escola e pra fora da escola porque varias foram às oportunidades de apresentar trabalho lá fora, de ir a congresso, de fazer os próprios congressos, reuniões, chamar especialistas para dar palestras.

Então, eu acho que deu, na medida em que foi possível, houve uma visibilidade do trabalho da gente, e a gente pode trocar com pessoas de fora da escola. Mesmo que eu não estivesse diretamente relacionada com a mão na massa, na minha função, e depois até como chefe de departamento depois que a Ana saiu eu tive essa preocupação da gente fazer uma troca, da gente buscar lá fora e mostrar lá fora o que a gente tinha feito, o que vocês na verdade tinham construído.

**Entrevistadora:** Nessa época que você foi chefe de departamento o que constituiu pra você maior dificuldade, em termos do trabalho?

**Silvia:** Conciliar. Um departamento que tinha dois focos: o foco da Informática técnica e o foco da Informática Educativa. O foco na Informática educativa são dois subfocos: os “Pedrinhos” e os “Pedrões”. Além disso, essa era a minha tarefa, além disso, todas as tarefas da secretaria de ensino. Então para mim, o maior desafio foi conciliar. Mas eu... Se eu estivesse só na chefia de departamento poderia ter feito muito mais, mas acho que eu fiz alguma coisa: promovi reuniões, pra gente se encontrar enquanto grupo de informática educativa em alguns momentos era o departamento todo. Fizemos algumas palestras, trocas de experiências, enfim.

**Entrevistadora:** Nesse período que você viveu mais próximo do trabalho de Informática Educativa o que você destacaria como produção do colégio nessa área? O que você acha que o Colégio contribuiu? Que contribuição você acha que o colégio deu, internamente. Acho até, em minha opinião, não sou eu a entrevistada mas enfim, apenas para contextualizar, eu sei que tem uma contribuição externa grande. Do que você viu sendo produzido aqui o que você destacaria, de metodologia de utilização do computador?

**Silvia:** Talvez a gente pudesse dividir em Pedrinho e Pedrão. O que as equipes dos “Pedrinhos” conseguiram foi estabelecer o elo entre o aprendizado, não diria totalmente autônomo, mas um aluno mais ativo no seu aprendizado, como o trabalho em sala de aula, o que não quer dizer necessariamente que o aluno não era ativo, mas é um espaço mais conservador. Então eu acho assim, que varias atividades no “Pedrinho” que ocorriam, em São Cristóvão, na Tijuca e até no Engenho Novo, no Humaitá eram atividades que faziam inter-relação com que o aluno estava fazendo na sala de aula, traziam para o laboratório. No laboratório o aluno tinha uma participação mais ativa, mais pró-ativa, no sentido de, ele podia pesquisar, podia manipular, podia mexer. Então eu acho que ajudou pedagogicamente a perceber os espaços de aprendizagem são múltiplos e eles não tem fronteiras. Não é a sala de aula uma coisa e o laboratório outra, sala de arte outra, inclusive muitas vezes, me lembra alguns projetos de São Cristóvão que integravam Arte com Informática, com Ciência, com Língua Portuguesa, enfim.

Eu acho que a gente consolidou um movimento nesse sentido, que acho que é um movimento, se não da área, pelo menos é um movimento que eu via acontecer em palestras, exposições lá no Céu, lá não sei a onde, no Anglo Americano, e tal.

Acho que é uma coisa importante foi interna, mas também foi externa no sentido de fazer relações. Em termos de “Pedrão” acho que foi, como não havia assim uma integração tão forte com a sala de aula curricular eu acho que o grande mérito dentro do trabalho pedagógico foi trazer o aluno pra outros espaços de aprendizagem mesmo que em separados da sala de aula, mas que complementavam a sua formação e acho que a gente teve a oportunidade também, de introduzir alunos, talvez de classes mais desfavorecidas à tecnologia, mais cedo do que a maioria das escolas conseguiu fazer.

Claro que a gente não conseguia no Pedrão pelo menos atender a todos mais acho que era um espaço. Quem não tinha computador em casa podia ter a oportunidade de ver o computador, mexer num computador na escola e aí se preparar para uma nova realidade do mundo, da vida, do trabalho, enfim, do dia a dia, porque hoje você não vai ao banco sem usar um computador. Não sei se eu respondi a tudo.

Acho que também tem o mérito de chamar os outros professores pra essa coisa que é o computador, que a gente não vive sem. Eu me lembro ainda recentemente quantos professores não tinham provas digitadas no computador. Eu me lembro de concurso, não sei se 96 ou 97. Deve ter sido de 96, que quando as provas chegavam à gente ainda tinha que digitar na secretaria de ensino. O pessoal não tinha computador. E vamos dizer as bancas eram as natas podia não ser as antas tecnológicas, mas a nata do conhecimento da área, então aquela nata não estava

alfabetizada em informática. Acho que também o fato de ter que a Informática Educativa na escola de ele ter se criado na escola chacoalhou os professores: “Olha aqui o mundo é outro e a gente tem que se atualizar”. Eu acho que mexeu com os brios de todos os professores mesmo aqueles que se sentiam lá distantes, que desqualificavam ou desmereciam a Informática Educativa foram atingidos por ela.

**Entrevistadora:** Eu quero te perguntar sobre as pessoas. Quais as pessoas que você se lembra nessa trajetória, por essa história da Informática. Quem são as pessoas que você se lembra que são pessoas importantes porque são outros links que a gente vai buscar.

**Silvia:** Sônia Landim é um nome importante porque ela foi sucessora da Eugênia. Depois da Sônia Landim tem, alias antes da Ana Beher tem o João Cândia.

Olha, outro dia eu entrei num restaurante eu acho que era ele. Não tive coragem de falar, mas acho que era ele.

A Ana Beher que teve um papel importante, antes de ser chefe de departamento e depois como chefe de departamento, assim que tiveram cargos, eu diria que foram essas pessoas, depois fui eu e depois de mim veio a Márcia, eu diria isso. Acho que tem umas pessoas que presenciaram algumas coisas, que acompanharam algumas pessoas que criaram e você tava lá, testemunhou a história também sabe. Vocês aqui do Humaitá, as meninas de São Cristóvão, aquela alta, como é o nome dela?

**Silvia:** Fátima, a Edith.

**Entrevistadora:** Nos departamentos, no tempo em que você estava na Secretaria de Ensino que você estava também como chefe de departamento. Quais são os departamentos do colégio que você via, por exemplo. Existiam departamentos que eram mais permeáveis, mais sensíveis ao trabalho com a tecnologia, não quero só concentrar na informática?

**Silvia:** A Matemática de início tinha umas pessoas que podiam usar o Mebo, aquele outro., tem um de desenho, enfim a Matemática, o Desenho, mas eu não diria que era uma coisa do departamento não, mas eu diria que uma coisa individual, pessoas que se mobilizavam para usar, e aí muitas em função, digamos assim, de uma influência de quem já estava no departamento, quem já estava no laboratório, que aí era a Mônica, a Regina Pinto veio pra cá mas era da Tijuca, o Natanael que um tempo ficou na Tijuca, mas acho que o Natanael...não vou falar pois está gravando.

Acho que era uma coisa pessoal aí outra vinha e se informava. Tem outro software de Matemática, Cabri geométrico que usei em desenho e matemática e começavam a usar. No concurso acho que de 96, depois de 97 começaram a aparecer umas pessoas mais jovens com outras experiências lá fora e alguns tentavam usar, mas realmente não diria que houve um marco. Talvez a coisa da informática tenha começado a crescer mais quando a gente teve mais acesso a

internet, porque aí a variedade de recursos começa a ser maior e você pode usar online, quando conseguia usar online, e aí tinha mais variedade de trabalho.

**Entrevistadora:** Mas nada especificamente nenhum departamento especificamente avançou nisso.

**Silvia:** Não nenhum departamento avançou como departamento nisso. E eu não sei se estaria errada de dizer que de certa maneira nem o primeiro segmento. Foi muito mais uma iniciativa das pessoas do que exatamente uma coisa do departamento. \

Você vê todo um trabalho de leitura, vários departamentos, o primeiro segmento, Português, levantou a bandeira da leitura, clube do livro, clube da leitura, não sabe que, não sei que. Isso foi uma coisa que veio no departamento e os professores foram fazendo. Outros departamentos mudaram o seu currículo agora não é mais linear, sei lá, de outra forma. Desenho, Artes, por exemplo, mudou muito a filosofia do departamento era aquela coisa vamos desenhar, agora não é tem a parte mais técnica, tem a parte da História da Arte. I

Isso é uma iniciativa, que eu vejo que saiu da discussão dos colegiados. Eu não vejo Informática Educativa assim, mesmo no Pedrinho, tenho a impressão nunca nasceu dos colegiados, nasceu no fórum íntimo de cada um, na curiosidade das pessoas, mas isso contagia e um contagia o outro e aí monta-se um esquema no laboratório. Lembro bem isso em São Cristóvão tinha um esquema que os alunos iam toda semana ou de quinze em quinze dias nas turmas, aí não tinha professor pra ir para o laboratório e aí vê quem quer ir, mais um vem e esse começa aprender e começa a se interessar, ou não e depois não quer mais ir prefere voltar para a sala de aula. Então acho que foi assim muito mais pessoal do que do departamento. Não sei como está hoje, mas estou falando do período que eu presenciei.



**ANDREA de FARIAS CASTRO e  
PATRÍCIA RIBEIRO VASCONCELLOS**

***Professoras de Informática Educativa – concurso 2002.***

***Entrevista realizada na Unidade Centro – 06 de Agosto de 2009***

***Relato sobre a trajetória profissional na Informática Educativa do Colégio Pedro II***

**Andréa:** Eu tenho uma história grande nessa brincadeira aí. Você sabe que eu fiz graduação em Educação Artística. Ficava ouvindo na escola os alunos dizerem assim “arte pra quê, arte pra quê”, a mesma coisa os professores desvalorizando direto o negócio das artes. Eu dava aula no município numa escola na Penha e um dia na sala dos professores tinha um aviso lá para a formação em Informática Educativa. Eu disse “vou fazer esse negócio”, porque coincidentemente trabalhava numa escola particular e tinha uma supervisora dando a maior força pra formação e uso de tecnologia na escola. Fui fazer.

Casualmente a formação em Informática Educativa foi na FAHUPE. Onde era a FAHUPE? Era a Faculdade de Humanidades Pedro II, então eu fiz a minha especialização em Informática Educativa na FAHUPE, em 1994 achando que eu estava na ponta de lança da modernidade do sofisticado era o que havia no momento. Quando eu comecei a estudar isso descobri que desde 84, 82, já tinham introduzido Informática Educativa no país. Eu estou pensando que estou moderna, já tem dez anos esse negócio acontecendo. Aí 94 e 95 terminaram. Nesse mesmo ano eu desisti de trabalhar com Arte na escola particular dentro daquela coisa quê, que é, pra quê que serve, não tem nada haver e fui trabalhar numa empresa de tecnologia educacional que era a TREND.

Na TREND fui trabalhar numa escola em Niterói e só trabalhava com LOGO. Então sai de uma escola particular, numa escola da Tijuca, onde eu ganhava um big salário, mas eu não agüentava mais e fui pra uma escola em Niterói, super longe da minha casa, mas ia trabalhar com tecnologia educacional. Foi legal aprendi, super interessante e continuava no município com Arte, mas era um trabalho muito mais tranquilo de fazer, muito menos pressão que na escola particular.

Trabalhei na TREND um ano, logo em seguida fui pra uma outra empresa também que começava a entrar no mercado de terceirização de Informática Educativa e que atendia escola particular. A gente ia visitar as escolas, fazer propostas. Essa escola tinha, essa empresa tinha uma relação muito grande com escolas particulares de São Paulo. Então vira e mexe a gente ia a São Paulo em feiras de educação e tecnologia, visitar escola particular de São Paulo que estava também, em outro tempo, num outro momento, num outro entendimento dentro da tecnologia dentro da escola. Era tudo muito rápido, o avanço era todo muito rápido.

Quando foi em 1998 eu entrei para o mestrado pra estudar a educação e a relação dela com a tecnologia informática. Em 2000 me convidaram pra dar aula em dois cursos de pós-graduação. E aí eram dois cursos de formação de professor em Informática Educativa. E Eu achava curioso como em tão pouco tempo eu já tinha saído de um processo de aprender para um processo de

ensinar. Mas me sentia uma pessoa com alguma prática mesmo pra dizer algumas coisas sobre o assunto. Isso foi em 2000.

Quando foi em 2002, que pintou o concurso do Pedro II para Informática Educativa, eu pensei: “eu não posso ser uma pessoa que dou aula de Informática Educativa e que não vai fazer o concurso de Informática Educativa. Eu tenho que ir lá pra ver qual é. Nem que seja pra depois dar aula e dizer assim: “no concurso caiu isso, caiu aquilo outro”. Me lembro do dia do concurso encontrar você (Patrícia) e várias outras pessoas que tinham sido minhas alunas e que também eram professoras do Pedro II, e não. E agente foi fazer esse concurso do Pedro II. Ai começa a virar uma institucionalização profissional com Informática Educativa. É bem curioso e acho bem gostosa essa trajetória.

**Patrícia:** Minha história começa em 95 no Pedro II com o concurso de primeiro segmento de ensino fundamental e em Informática Educativa em 2000, quando eu trabalhava no Pedrinho e fui alocada no laboratório de Informática Educativa. Eu tinha uma experiência como usuária na Informática, mas não tinha uma experiência pedagógica e a minha formação inicial foi na prática mesmo com a minha coordenação da época que era a professora Cristina Branco. Então ela que me deu os primeiros conhecimentos em cima de usar a tecnologia na educação.

Em 2001, vendo a necessidade de conhecer mais, de fazer um trabalho melhor do que eu fazia, eu fui procurar a especialização em Informática Educativa, a Andréa foi minha professora e na especialização, ai sim houve um avanço, um crescimento muito grande do meu trabalho pedagógico e também do conhecimento da área mesmo.

A partir dali eu trabalhei direto, até agora, com as crianças, em Informática Educativa. Já fiz vários outros cursos porque chegou um momento que só a formação pedagógica na área não é suficiente. Então eu também sentia necessidade de fazer formação técnica na área. Eu fui buscar cursos de aplicativos, cursos de outros programas que eu pudesse ter um conhecimento técnico melhor e pudesse, a partir desse conhecimento técnico fazer um trabalho melhor com meus alunos e hoje eu estou fazendo mestrado com ênfase em tecnologia, mas na área de educação à distância. Então tudo veio encadeado nessa área de tecnologia na educação, mas os ângulos vão mudando um pouquinho conforme a gente vai trabalhando.

Eu estar hoje fazendo o mestrado na área de educação à distância tem haver com o Pedro II, também. Porque em 2004 o colégio firmou um acordo com E-PROINFO e a gente tinha plataforma, a gente foi capacitada nessa plataforma e eu apliquei em 2005, junto com a professora Edith Rezende um curso totalmente on-line para o professorado do colégio no E-PROINFO. Então a partir dessa experiência foi muito legal e que a gente teve um resultado interessante, eu procurei me aperfeiçoar na área de educação à distância.

**Patrícia:** A minha entrada na Informática Educativa foi bastante tranquila porque eu já vinha com uma experiência na instituição em Informática Educativa e a metade do meu tempo foi na própria unidade que eu já trabalhava. Então, não houve maiores problemas. Os outros vinte

tempos de carga horária que eu fui trabalhar numa unidade nova, aí sim a experiência foi um pouco diferente, foi um pouco mais difícil, porque não era um trabalho como eu fazia no Pedrinho.

No Pedrinho já tinha todo um esquema de aula semanal com aquelas crianças, já tinha toda uma forma de trabalhar, tinha uma coordenação e eu fui para uma outra unidade que não havia coordenação, em que não havia aula semanal e que as coisas só funcionavam só por projetos. Então você propunha alguma coisa a um professor de outra área pra desenvolver na informática e isso durante os dois primeiros anos praticamente não aconteceu, eram poucos os momentos. Então eu funciona mais como uma professora particular pras poucas crianças que iam ao laboratório em horários que elas não tinham aula, ou turno contrário e iam pra lá fazer outras atividades: pesquisa, ou atividades que os professores pediam iam realizar lá.

No último ano que eu trabalhei nessa unidade, que era uma unidade de Pedrão, aí sim foi colocado na grade, o horário da gente. Aí começou um trabalho de Informática Educativa ainda que isso tenha acarretado o desligamento com o professor de sala de aula de outras disciplinas. Porque como era no meu horário de informática ficou complicado fazer essas parcerias e convencer os professores de que eu poderia fazer uma atividade complementar a dele sozinha com os alunos na sala de informática. Isso também foi muito complexo.

**Andréa:** O que eu acho muito curioso na tua fala e quando você diz assim: você narra um primeiro momento de sua atividade quando você diz que entrou na grade aí você pontua, aí sim começou o trabalho de Informática Educativa.

**Patrícia:** Sim

**Andréa:** Eu acho que eu entrei. Quando eu entrei no concurso e vi que a gente não estava na grade, aí sim eu acreditei que podia acontecer o trabalho de Informática Educativa. Fora da grade, como eu digo até hoje. Por quê? Quando eu entrei, eu fui pra uma outra unidade diferente da sua e a minha grande surpresa numa das primeiras reuniões, que eu acho foi uma das reuniões já dentro da estrutura do DCCIT. Foi perceber que no Pedrão as pessoas usavam o laboratório de Informática Educativa pra trabalhar uma disciplina eletiva. Aquilo já me chamava atenção dentro da estrutura da escola do ensino fundamental haver disciplinas eletivas. E disciplinas eletivas, em geral, que faziam uso do laboratório de informática era uma disciplina voltada para ensinar os alunos a fazerem pesquisa. Eu não me lembro do nome dessa disciplina, mas era muito interessante que as pessoas pensassem a ensinar os alunos, já naquela época desde a quinta série, a fazer pesquisa usando o laboratório de informática. Quem eram esses professores que trabalhavam com essas disciplinas? Com essa disciplina eletiva? Eram diferentes professores de diferentes disciplinas. Então isso me deu a visibilidade de que era possível estabelecer uma relação com outros professores para desenvolver um trabalho de Informática Educativa, mas não era bem assim.

No meu primeiro ano, junto com a outra professora que já estava na unidade que eu fui trabalhar, a gente desenvolveu um trabalho numa disciplina eletiva, mas que não era esse que tinha aparecido na reunião. Porque a eletiva que a professora tinha escolhido fazer usando os recursos do laboratório era pra trabalhar com PHOTOSHOP. Era diferente do que eu tinha visto naquela reunião, mas era o uso do computador, logo em seguida [...] Paralelo a esse trabalho, da

disciplina eletiva, eu fui buscar as parcerias que você falou com os professores de Pedrão. Alguns já tinham essa idéia de trabalhar com o computador. Particularmente professores de Inglês, tinha um professor de Física, também que era muito ligado em trabalhar com computador, um professor de Francês, que também era muito aberto a isso e uma professora de Língua Portuguesa. Foram esses professores, quatro professores que de cara eu encontrei pra trabalhar, mas naquela época dois desses professores mais ligados em fazer uso do laboratório utilizando os recursos da Internet. A gente já vivia um momento, em que não era o software educacional que era o show. Era a Internet. Então esses professores eram muito ligados em trabalhar usando os recursos da Internet.

Como é que o laboratório funcionava? Na unidade que eu fui trabalhar os computadores ficavam organizados em fileiras, repetindo a estrutura da sala de aula. Então havia uma preocupação muito grande em que o técnico que ficava trabalhando junto com a gente no laboratório e eu fui ensinada a ter essa postura logo que eu cheguei, que a gente controlasse o que os alunos faziam em seus computadores, porque nós não os víamos. Nós ficávamos, na posição que eu estou agora, e eles de frente pra mim com os seus computadores. Então eu não via o que estava na tela deles. Então havia um programa instalado no computador na posição em que eu estava aonde eu podia observar o que eles faziam em suas máquinas. Em que momento? Não só quando eles iam fazer pesquisa, como você falou, porque eles iam muito ao laboratório, os alunos tinham o hábito de ir ao laboratório, pra fazer pesquisa, mas também de observar os alunos quando eles estavam em aula. Porque havia dificuldade do professor dentro dessa estrutura de fileiras de atender o conjunto dos alunos com isso observar o que eles estavam fazendo. Enquanto o professor atendia um aluno, os outros estavam completamente livres. Então naturalmente eles entravam em qualquer site de qualquer coisa. Ao invés da gente colaborar com esse professor a gente ficava meio de vigilante.

Num primeiro momento aquilo me incomodou, porque não era bem isso. O que era mais gostoso era o trabalho da eletiva. Esse era um trabalho com um professor. E era muito frustrante. Lembro de uma ocasião muito frustrante pra ele, em que a Internet não estava funcionando. Eu me lembro que ele já tinha blog, ele já tinha site, ele já disponibilizava recursos da disciplina dele de Física na Internet, buscava sites de outras universidades, onde os alunos podiam fazer aplicações práticas de laboratório presencial utilizando os recursos da Internet, enfim. Se eu não me engano era um site ligado a USP que ele utilizava. Nessa experiência a gente ficava muito de observador. Já no trabalho com professor de Francês e de Língua Portuguesa eles não tinham a experiência de utilizar a informática na atividade deles então eles nos pediam ajuda no sentido de que elaborar? Então era mais gostoso. A gente tinha uma identidade na construção do trabalho junto. A proposta de construção foi o que eu pensei que fosse acontecer quando eu entrei para o Pedro II. Como eu não conhecia a história pregressa dele de Informática e eu sabia que era o primeiro concurso, trabalhar no ensino fundamental com uma vaga, eu pensei vai dar pra construir junto e isso vai ser legal.

Quando eu entrei foi que eu descobri que já tinha informática no Pedrinho no Pedrão também, dentro dessa estrutura numa dimensão mais eletiva.

Com os professores das áreas de Linguagem, Português, Francês e Inglês foi que começou a ter uma identidade no sentido de junto com eles elaborar as atividades que a gente ia fazer, então isso foi mais gostoso. Ao ponto da gente ter um técnico trabalhando no laboratório que era tão bom e tão interessado no trabalho que mais que fazer o suporte da parte técnica, a gente dava uma idéia e ele participava junto. Então a gente elaborou uma ferramenta de chat pra rodar na Intranet de tal forma que os professores, tanto de Língua Portuguesa, quanto o professor de Francês pudessem levar as suas turmas pra lá. Na realidade, o professor de Francês trabalhava com um grupo reduzido que dava pra ele uma tranquilidade de poder estabelecer algum controle sobre o que estava acontecendo. A professora de Português tinha um grupo maior de aluno. Não me lembro por qual motivo ela levou um grupo menor de alunos pra poder desenvolver essa atividade que rodava na Intranet.

Esse chat foi produzido pelo técnico que dava suporte a gente no laboratório e a gente junto com os professores foi pensando em que atividade ia fazer e que uso ia dar pra aquele chat. Pra que a gente ia fazer aquilo? Como ia utilizar? Ai sim tinha uma relação entre usar a ferramenta, pensar no contexto da disciplina e pensar na tecnologia num contexto social e mais a disciplina num contexto social. Então ai eu digo pra você eu acho que a gente praticava e exercia de verdade a Informática Educativa.

Depois, cerca de dois anos a gente foi pra grade. Pra mim não foi o começo da Informática Educativa, pra mim de uma certa forma foi o começo do fim. E eu tenho feito outras descobertas e refletido. Já que a instituição se coloca dessa maneira eu tenho que tentar refletir que outros jeitos a gente vai dar né?

**Patrícia:** O Colégio Pedro II é uma instituição tradicional e a gente funciona em cima de uma grade de disciplinas. Então o quê que acontece? No colégio a informática como ela estava, em alguns lugares onde eu passei, em que eu fiquei determinados momentos sozinha. No começo ainda tinha eu e uma professora. Depois a outra professora saiu e eu fiquei sozinha.

Então você sozinha numa unidade em que não tinha um trabalho realmente estabelecido, um trabalho inicial. Enquanto não entrou na grade era muito assim, a partir da minha boa vontade do que eu fosse atrás, do que eu investisse, não havia um comprometimento da unidade em que isso fosse pra frente. Mesmo que houvesse da direção ou de algumas pessoas não era uma coisa do grupo da unidade.

A partir do momento que foi para a grade, essa coisa da grade em outro aspecto ela é interessante porque ela ofereceu realmente, a todos os alunos daquelas duas séries iniciais, hoje em dia sexto e sétimo ano, ofereceu o que eles realmente pudessem estar toda semana no laboratório que era uma coisa que não acontecia, então nesse aspecto foi extremamente democrático para os alunos, não pensando na nossa estrutura. Para a nossa estrutura realmente amarrou um monte de coisas. Dificultou mais o trabalho por um lado, porque a gente começou a trabalhar com mais dificuldades de dar continuidade ao que o professor estava fazendo em outras disciplinas, a gente precisou estabelecer projetos próprios o que nem sempre era positivo, mas que a gente sempre conseguia pé com outra área principalmente Sociologia, que eles tem

Sociedade e Cidadania que é uma disciplina que eles tem e deu muito gancho pra gente trabalhar.

Então a gente sempre pé com alguma área, mas assim, a gente não conseguia com a grade estabelecer um trabalho de continuidade, porque os professores tinham um receio que a gente sozinho desse conta de uma parte da continuidade do trabalho dele, e isso acontecia. No Pedrinho isso já não acontece, porque as atividades são pensadas em cima dos planejamentos ao longo do ano.

Então você vai planejando com os professores o que você vai fazer e hoje em dia com a estrutura que a gente tem de um laboratório amplo em que a turma vai inteira e que o professor vai com a gente, isso também deu um ganho imenso no Pedrinho. O quê que acontece? Quando o professor ficava na sala e a gente desenvolvia, com metade da turma e depois trocava o professor não acompanhava o processo. Ele tinha um retorno do que a gente contava. Hoje em dia não, o professor está junto, ele propõe, ele traz idéias, algumas vezes eles pedem o espaço para trabalhar fora do nosso horário.

Então é uma dinâmica muito diferente, acho que é uma dinâmica que favorece que aos poucos os professores estejam se apropriando da informática por eles mesmos. A gente trabalhando ali como orientador, como um suporte pedagógico e tecnológico, porque a gente vive ai no eixo dos dois, oscilando e fazendo esse intercâmbio e isso, com o professor do Pedrinho, está acontecendo. Essa dificuldade da grade, a maior dificuldade que eu ainda vejo hoje é da parceria com um determinado departamento, porque se você amarra muito você limita o trabalho, se você não amarra nada o trabalho fica empacado, você fica naquela forçação de barra tentando convencer.

Então a gente precisa encontrar um meio termo de saber até que ponto a gente precisa dar uma amarradinha no trabalho, ter ali linhas de trabalho a seguir, mas dando uma liberdade na parte de criação, do que os professores vão fazer. Ainda a gente está construindo esse trabalho.

**Andréa:** Ai tem duas coisas que eu acho interessante, que eu queria comentar. Uma quando você diz em fazer a parceria com os departamentos. Eu entendo que fazer as parcerias com os departamentos ainda é muito grande. Buscar as parcerias com os professores isoladamente, dentro da estrutura da unidade tem sido um ganho para além do trabalho da nossa presença na grade, eu não consigo me confinar a grade. Eu não quero que ela me prenda e não deixo ela me prender. Além do trabalho, onde eu vou buscar as parcerias? Além do trabalho do sexto ano e sétimo ano me encanta as parcerias. Porque nas parcerias eu vou buscar os professores das diferentes disciplinas que não receberam essa benesse democrática, que você falou, mas que eu acho que merecem ser acalentados pela perspectiva de utilizar a tecnologia no contexto do seu conhecimento científico.

Então eu vou buscar essas parcerias. Buscando essas parcerias e desenvolvendo pequenos trabalhos interessantes com os professores das disciplinas, ai o que já acontece atualmente, e que esses professores nos colegiados dos seus departamentos levam o produto do seu trabalho feito com tecnologia para apresentar aos seus pares. Então a gente vai começando a

se inserir nos departamentos através dos trabalhos com os professores. Então a gente precisa ir encontrando parceiros pra ir penetrando nas brechas institucionais que também tem outras estruturas de aprisionamento, que são de aprisionamento, mas ao mesmo tempo são de organização, necessidade de organização. Você fala que quando a gente foi para a grade houve a necessidade de construir uma ação própria da Informática Educativa. O que eu acho muito curioso quanto tempo as pessoas levaram pra descobrir o que fazer. No primeiro momento foi aquele desespero: “Se eu não tiver parceria o que vou fazer?” “Como trabalhar?” Ai parece que a gente esqueceu de olhar para o aluno, porque ele diz pra gente o que ele quer fazer.

**Patrícia:** Mas foi exatamente daí surgiu o trabalho daquele momento. Da necessidade do aluno. Sim, mas foi. Porque se não tivesse sido assim, sentar com as crianças e saber o quê que eles pensavam sobre a informática e o que eles gostariam de aprender na informática não teria saído uma proposta.

**Andréa:** Coisa que não corresponde a estrutura da escola em relação aos conhecimentos e de qualquer outra disciplina. Outras, as outras disciplinas. A Informática Educativa não é disciplina.

**Patrícia:** Não é uma disciplina, a verdade é essa.

**Andréa:** Então ela precisa ser construída pelos sujeitos que estão ali. Então a cada ano a gente tem que buscar, ouvir os alunos, trabalhar de uma forma diferente. E a gente vai discutindo. Recentemente a gente discutiu na unidade: Como era no ano tal? Como são as turmas que vem dos Pedrinhos? Como são as turmas de alunos que vem de concurso? Porque ai as experiências no uso de tecnologia são completamente diferentes. A Sandra aqui só pega aluno de concurso, em geral. Então não são alunos que necessariamente trazem uma experiência de trabalho com Informática Educativa no Pedrinho. Se agente for fazer um estudo dessas identidades, nossa são diversas. Quem são esses sujeitos que com que a gente atua. A partir daí a gente vê que, graças a deus, a gente não tem como montar uma estrutura rígida pra atuar em Informática Educativa, porque os sujeitos que vem trabalhar conosco são diversos, de diferentes experiências. E esse olhar é que cada uma das disciplinas precisa aprender, com a Informática Educativa pra olhar pra sua ciência e perceber que por mais que ela tenha uma estrutura organizacional ela precisa ouvir o sujeito que vem trabalhar com ela.

**Entrevistadora:** O que é Informática Educativa? O que isso?

**Andréa:** A gente veio pra cá conversando sobre o concurso. No nosso concurso o edital pedia professor de Informática Educativa. No concurso seguinte só pedia professor de Informática educacional. Então pra mim já [...] Como é que a instituição vê a informática. Vou abrir mão de responder o que a Informática Educativa pra pensar como a instituição pensa Informática Educativa até porque um dos momentos que eu vivi aqui na instituição foi quando ela se organizava pra informar os alunos do terceiro ano do ensino médio o quê que era a Geografia, o

que era História, enfim, no sentido de encontrar profissionais de diferentes áreas pra informar eles sobre como essas áreas funcionavam. Ai alguém da escola veio falar comigo: “Olha selecionamos você pra falar com os alunos sobre Informática.” Ai eu tive que eu não tinha formação em Informática, que o meu trabalho na instituição era com Informática Educativa. Então eu não seria a pessoa mais indicada pra sugerir os alunos e falar sobre os cursos da Ciência da Computação, de Informática, de Inteligência Artificial, aquelas coisas todas. Eu só não atuava nessa dimensão, como não tinha formação específica pra ensinar os alunos sobre isso. Então naquele momento eu pensei assim, pensei Elis Regina: “O Brasil, não conhece o Brasil”. O Pedro II não conhece o profissional de Informática Educativa que está dentro do Pedro II. Então ao invés de eu pensar o que é Informática Educativa, uma vez que eu estou como profissional da instituição, que me fez ingressar aqui, pra atuar como Informática Educativa eu acho que eu ainda estou construindo nessa instituição, junto com essa instituição uma identidade para um vir a ser da Informática Educativa. Por outro lado eu diria assim: “Que bom ela não é”. Ela é um eterno devir, sabe, isso é que é o fantástico. É isso que me encanta na possibilidade de trabalhar com Informática Educativa.

**Patrícia:** Nesse sentido o colégio está compatível com a Informática Educativa.

**Andréa:** Não sei se por consciência ou por inconsciência.

**Patrícia:** Ou por não ter noção nenhuma [...] Mas está de acordo, que na verdade o nosso fazer em Informática Educativa é justamente uma eterna construção. Não tem como a gente fechar: A Informática Educativa é dar aula de diferentes saberes, com computador. Não dá pra fechar numa coisa assim. Na verdade as ações educativas e tal, que a gente realiza com a tecnologia são tão variadas. A gente às vezes utiliza a câmera, utiliza som, utiliza tantas coisas que vão além do simples uso do computador, que vão pro campo das linguagens, da comunicação que na realidade, o nosso trabalho e a nossa função: ser professor de Informática Educativa não pode ser uma coisa amarrada, tem que ser realmente uma construção constante que a gente possa ir aprendendo enquanto a gente está ensinando.

**Andréa:** E ai quando a gente pensa que hoje o que faz sucesso, a cocadinha, não é mais software educacional, é a Internet e a gente recebe todos os alunos querendo. A primeira coisa que acessar a Internet. A gente tem todo um trabalho de construir junto com eles um sentido pra estar sentado ali em frente daquela máquina e pensar no que fazer. Então além de um trabalho relacionado a um conteúdo propriamente, um conteúdo científico que seria da natureza das disciplinas que estão no currículo, a gente tem o trabalho com o sujeito.

**Patrícia:** Tem a questão do tratamento da informação.

**Andréa:** Exato. O quê que ele vai fazer? Como vai tratar isso que ele escolheu fazer? Como ele vai organizar, sistematizar.



**Patrícia:** Transformar a informação em conhecimento. Que faz parte do nosso trabalho. Não adianta ele ter acesso a um montão de informações e ele não saber o que fazer com aquilo, não saber o que tirar daquilo e não chegar a lugar nenhum, com aquilo.

**Andréa:** Acho que tem mais uma coisa que é: reconhecer as diferentes linguagens que estão no suporte da informática e utiliza-las, aprender a utilizá-las como forma de representação desse conhecimento construído, ou utilizá-las para estruturar as informações recolhidas, ainda que ele não tenha consciência desse processo de conhecer. A estruturação, a escolha de uma linguagem para representação e organização desses dados, já é um conhecer. Então ele pode utilizar recursos de áudio no computador, utilizar recursos de imagem em movimento, animação, desenho, estruturar um texto, construir uma apresentação, quer dizer, usar os recursos para estruturar o seu saber, o seu conhecer com a tecnologia.

**Patrícia:** É. Eu vivo essa realidade muito com a construção textual. Porque na maneira que a gente trabalha com a construção de texto. A gente trabalha a construção de texto, a correção de texto e apresentação, no Pedrinho. Nesse processo os professores de núcleo comum falam com a gente: “olha percebi uma coisa que meu aluno faz na escrita que eu não sabia o porquê acontecia, e agora compreendi”. E encaminha o processo da criança de outra maneira pelo olhar que foi visto através da tela do computador. Essa tela escrita, ela mostra muito da construção da criança. Ela não mostra um produto final. Não é como num papel que o professor recebe a folha com o texto escrito, e corrige e diz: está bom ou está ruim. Na tela o professor acompanha como o aluno está pensando aquele texto, como ele faz, o que ele apaga, o que ele coloca, o que vai, o que ele vem. Ele quando interfere, ele interfere de maneira que não faz o aluno refazer o texto completo. Então o aluno não se sente, com aquele sentimento, “o meu foi embora, estava errado, estava ruim e agora eu vou fazer um outro de acordo com o que o professor quer”. Ele continua. Então essa coisa da tela pode também mostrar como o aluno, como a criança está pensando, conduzindo o seu processo é muito interessante. E numa construção textual que teoricamente a gente poderia pensar: “Puxa, mas fazer texto no computador? O que isso vai enriquecer? Isso não é máquina de escrever?” Mas é a forma de trabalhar. Não é trabalhar o texto de uma maneira tradicional: “Vamos fazer um texto sobre a borboleta azul”. Não, é ter um contexto. É ter todo um trabalho antes, que é realizado pra chegar no texto e é também trabalhar, a imagem, mais a apresentação multimídia.

**Andréa:** Além do texto o hipertexto. Porque num determinado momento. E aí tem uma diferença no trabalho que a gente vem estabelecendo hoje. O fato de você estar no Pedrinho e o fato de eu estar no Pedrão. Num momento meu de Pedrão aonde ainda estava em fase de conquista desses professores para o que fazer com a tecnologia. Eu fui buscar uma construção tentando mostrar a possibilidade da hipertextualidade e aí efetivamente fazendo uma apresentação com Power Point com recurso do hiperlink. Aonde o aluno insere um texto, aonde ele linca uma imagem, a um outro

slide, a um outro espaço. Eu fiz essa atividade livremente com os alunos aonde eles escolhiam uma área de conhecimento, pra poder estabelecer isso. Então eles podiam fazer sobre Música, sobre Inglês, sobre História, Ciências, Matemática. Depois eu peguei o produto desses alunos. Na mesma perspectiva que você. Só que o seu professor já pensa antes e o meu professor precisava conhecer ainda. Peguei o produto desses alunos e fui mostrar para os professores dizendo assim: “olha o que seu aluno sabe fazer”. “Olha o que ele pode fazer”. A partir dali, por exemplo, eu consegui uma parceria com um professor de Música aonde ele apresentava para os alunos: informações sobre os instrumentos, sobre os sons dos instrumentos, sobre as famílias musicais, imagens desses instrumentos.

Construindo uma relação informativa que fugia da linearidade, que é onde o aluno mesmo escolhia como ele ia lincar. O processo mental de construção de uma apresentação está ali. E o professor foi descobrir isso através do aluno. E uma outra perspectiva é um outro caminho pra ir lá trazer o professor, para trabalhar com a tecnologia. Mostrar pra ele o que o aluno já sabe fazer. Assim foi com o podcast. Os alunos foram lá fazer as oficinas e foram levar para o professor: “Professor posso fazer um trabalho usando isso?” Ai vira todo aquele trabalho grande, que o professor vai gostando, se apaixonando e descobrindo outras formas de fazer. Contaminar os alunos com as idéias e ajudá-los a sistematizar o que eles já sabem. Porque eles já sabem muita coisa de tecnologia, além do que a gente sabe, mas ajudá-los a organizar isso. Colocando em relação com todo aquele conhecimento que eles vão construindo na sala de aula e fazê-los contaminar o seu professor, também é um caminho muito legal pra fazer as pessoas conhecerem a tecnologia e reconhecer as suas potencialidades no trabalho com o seu conhecimento científico.

### **Sobre as demandas do mercado**

**Andréa:** Existia uma grande empresa prestadora de serviço na área de informática, alias existiam duas. Havia duas matrizes principais de atuação no mercado: a TREND e a IBM. O que acontece. No curso quando eu fiz a Informática Educativa haviam muitos funcionários da TREND, mas nós tivemos oportunidade de assistir várias palestras na IBM, não sei em que circunstâncias. Não se tinha algum professor que também atuava lá, não me lembro, mas me lembro de ter ido a IBM. Mas havia essas duas forças principais de inserção no mercado da tecnologia educacional, enquanto empresas, fora as vontades individuais, como a gente estava conversando.

Mas existiu também a partir de 95, eu acho, que foi o primeiro curso de Informática Educativa do EDAI, porque o EDAI, se eu não me engano, entrou no concurso de especialização em Informática Educativa, em logo em seguida, possivelmente por demanda do MEC, do PROINFO que precisava da continuidade ao projeto de formação de professores para atuar com tecnologias e ai precisava de uma chancela institucional universitária junto com a UERJ construiu um grande curso de formação de professores que foi condensado, foi muito rápido.

Nesse ano eu já tinha feito a minha especialização em informática Educativa, mas ainda não estava no mestrado, não me lembro. Eu sei que quando eu entrei para dar aula no EDAI, no ano de 2000 esse curso já tinha passado. Ele aconteceu uma única vez. Formou um grupo muito grande de professores.

A coordenadora era Beatriz Helena, professora Rosane Abreu, se não me engano estava no grupo, Luciana Salles, tinha uma outra professora chamada Ana, tinha uma professora de metodologia da UERJ, Vilma Pereira, que estava no EDAI também pertencia a esse grupo. Essa época foi a mesma época em que no Brasil chegava com força o LOGO, através da UNICAMP, do Valente, aquele português que criou o LOGO em Portugal [...] tinha alguma coisa na PUC que também puxava pro lado da Informática na Educação que também dá uma outra puxada para outros caminhos, enfim. No mesmo ano que eu entrei em 2000 pra dar aula no EDAI eu entrei pra dar aula na UNICARIOCA e esses dois cursos, foi onde eu fui trabalhar, logo em seguida, não sei se no mesmo ano, eu fui dar aula na CASTELO BRANCO, que eram os três cursos de Informática Educativa no Rio de Janeiro. Havia existido um curso na SIMONSEN, mas que durou muito pouco, ele acabou em seguida. Eu soube de muitos anos depois que ele ia retornar [...] Quem mais era desse curso? Não me lembro.

O curso de Informática do EDAI, acho que ele teve uma contribuição muito grande do PROINFO que fez uma formação em larga escala de professores em um curto espaço de tempo. A CARIOCA atendia como uma universidade privada um publica bastante razoável, era um curso de menor duração, mas também era coordenado pela mesma professora que coordenava o curso na UERJ e a coordenação do curso da CASTELO BRANCO, quando eu entrei era feita por uma professora oriunda do EDAI. Então o EDAI foi a grande matriz dos formadores [...] Agora eu acho que o curso da SIMONSEN foi formado por pessoas originadas da COPPE da UFRJ, se eu não me engano, também foi uma outra vertente que era mais próxima da IBM, pra constituição dessa formação em Informática Educativa.

**Patrícia:** Quando você fala que o EDAI foi matriz. Se a gente pensar na Informática educativa no Colégio Pedro II, a gente tem um grande número de professores que fizeram a sua formação no EDAI ou CARIOCA.

**Andréa:** Eu fui professora nesses cursos e muita gente foi minha aluna nesses cursos. Quem está hoje no Pedro II que não foi aluno do EDAI ou da CARIOCA veio da COPPE. Só que a COPPE tinha uma vertente muito mais informacional e o EDAI, a CARIOCA e a CASTELO BRANCO muito mais educativa. Então a gente tem duas linhas muito distintas. A COPPE trabalhando numa linha muito mais tecnológica, muito mais informacional e esses outros cursos de especialização numa vertente muito mais educativa.

**Patrícia:** Que vão mesmo pelo caminho do PROINFO

**Andréa:** Que vão pelos caminhos e diretrizes do MEC e do PROINFO, eles estão mais na perspectiva orientadora do Governo Federal.

Outra pessoa que eu lembrei que era do EDAI, que dava aula lá era a professora Vânia Clemente que hoje é professora junto comigo na UERJ que fez o seu doutorado na UNICAMP onde havia um núcleo fortíssimo de Informática na Educação, que por sua vez quando aconteceram alguns congressos. O COINFE, o EDAI fazia o COINFE junto com a CARIOCA e trazia como expertise da Informática Educativa a Lá Fagundes da UFRGS. Então em termos de institucionalização era UFRGS, UNICAMP e UERJ era o que a gente sentia mais nos COINFES. Pouca coisa de outras universidades, quase nada. Vinha, assim muito pouco, alguém da COPPE. A IBM sempre presente, junto do EDAI.

A TREND patrocinou um laboratório do EDAI que foi o laboratório que morreu junto com EDAI com a morte da professora Beatriz Helena. O EDAI quem assumiu a direção e o manteve por algum tempo na Faculdade de Educação da UERJ [...] Ai já é outra história, não é Pedro II. Depois ele foi deslocado. Eu tive notícias de que ele foi deslocado para o décimo andar, eu não sei fazendo vínculo com qual instituto.

**Patrícia:** Não, ficou isolado.

**Andréa:** E depois ele retornou do décimo segundo [...]

**Patrícia:** Depois ele foi para o CAPE. Do CAPE, parece que terminou.

**Andréa:** mas hoje o que existe de Informática Educativa na UERJ ainda, as pessoas que coordenam ainda trazem algumas informações, algumas vibrações do EDAI, mas eu não sei se elas se vinculam efetivamente ao falecido EDAI, ou se ele nunca morreu.

**JOSÉ ARMANDO VALENTE**

***Registro realizado na Unidade Centro – 17 de Outubro de 2008. Conversa entre Profº Drº José Armando Valente pesquisador da UNICAMP e Beatriz (Coordenadora de Informática Educativa)***

**Beatriz:** Buscamos o seu relato, na medida em que você acompanhou, desde o início a inserção da equipe do Pedro II nos projetos de capacitação e você esteve aqui várias vezes no colégio. Você pode contar o que você tem como registro a participação inicial?

**Valente:** Primeiro contato do colégio foi o pessoal que foi fazer o FORMAR, como o João Câncio que foi pra Campinas. Tem uma história muito interessante, dele. Era uma pessoa madura. Ele foi fazer a primeira sessão de LOGO e a gente pediu pra escrever as iniciais do nome. Ele foi fazer a letra J, quando ele mandou o computador fazer, saiu tudo torto. Ele acendeu o cigarro e ficou olhando para a tela mais de uma hora, levantava ia lá fora não falava com ninguém e voltava e tentava olhar. Ai finalmente a gente chegou perto e perguntou pra ele o que estava acontecendo. Ele disse assim: “incrível não consigo nem escrever as iniciais de meu nome com essa tartaruga”. Isso foi assim uma coisa interessante porque é aquele choque você ser burro por cinco minutos.

O caso dele foi um negócio longo porque começou ver problemas existenciais dele. Começou a pensar o que ele sabia o que ele não sabia, como ele lidava com o aluno dele, passou um monte de coisa na cabeça dele por ele ter feito essa letra assim. Um homem que não tinha, não estava nada coordenado. Depois que a gente fez o curso ele estava sempre junto em qualquer lugar que ele aparecia e a gente se encontrava e falava do Pedro II, quando teve evento aqui procura sempre incluir e depois encontrei você lá em Petrópolis e acho que tinha outras pessoas do colégio. Depois continuou e foi fazer o mestrado. Começou a formar um grupinho aqui no Pedro II. Eu lembro que fui fazer uma palestra, vocês estavam inaugurando um laboratório.

**Beatriz:** É você veio várias vezes na verdade. Na inauguração do Humaitá você fez uma videoconferência com webcam, lembra?

**Valente:** É teve uma videoconferência que a gente fez. Aqui foi a primeira vez (Centro). Já estive em São Cristóvão, Humaitá. Aqui foi a primeira vez.

Teve uma palestra que estava o Simão.

**Beatriz:** É teve uma jornada que a gente fez de tecnologia na educação em 2002, que você veio também. De uma forma, não muito junto, mas você tem acompanhado esse movimento dentro do colégio. Que visão você tem dessa prática construída ao longo desses anos, nessas inserções que você fez? Como você vê o movimento do colégio?

**Valente:** Quando a gente estava fazendo a instalação dos CIEDS, nos do grupo FORMAR. A idéia é que o pessoal vinha fazer o FORMAR para instalar os CIEDS, Centros de Educação e Informática que chamava. Isso seria instalado em cada Estado e como o João estava aqui, a gente esperava que fosse instalar um laboratório. Quando foi pra ser feito a divisão dos computadores, não sei. Como a gente estava falando aqui, o Pedro II é sempre deixado de lado, o MEC não incorpora não vê como sendo parte do ministério. Acho que naquela época ele ficou de fora. Só depois que a gente começou a falar com a Maria Cândida começou a pensar, que tinha o João etc. E começou a pensar em montar os laboratórios do MEC, começou a prestar um pouquinho mais de atenção do que estava acontecendo.

Mas, primeiro tem uma condição diferente das outras escolas, o fato de estar ligado com o MEC, ter essa ligação direta com o MEC e de certa maneira não se beneficiar das coisas que o MEC faz pras outras escolas. Isso é uma coisa que sempre chamou atenção. A outra coisa é que mesmo estando presente na primeira turma de formação dos professores, que estavam usando tecnologia, o pessoal do FORMAR I, NTE, etc. Não foi direta a implantação da informática aqui.

Lembro que poucas pessoas interessaram. O João ficou por um bom tempo sozinho e não teve pessoas que se interessaram. Ai depois que vocês começaram a trabalhar que formaram um grupinho pode acompanhar um pouco melhor, porque começaram a falar de usar o computador, teve o processo de vocês fazerem essa formação. Foi onde eu comecei acompanhar um pouco mais como estava sendo feita a informática aqui dentro.

Vocês sempre utilizaram bastante o LOGO, teve uma coisa muito forte do LOGO aqui, tinha projetos bastante interessantes aqui. Não lembro se teve LEGOLOGO aqui.

**Beatriz:** A gente tentou, mas não conseguiu.

**Valente:** Acho que teve um movimento interessante. Primeiro de formação e segundo de uso, mas de algumas unidades. Eu me lembro que você usava, mas nas outras unidades não exista. Isso é meio esquisito, porque você pensa o Pedro II como uma organização que todo mundo faz a mesma coisa. Que todas as unidades trabalham do mesmo jeito e não era assim. Isso era uma coisa que a gente estranhava. Outra coisa que acho interessante é o processo de formação. As pessoas que estão aqui tem tempo pra formar, por exemplo, você conseguiu fazer o seu mestrado e doutorado com um certo tempo. Hoje já não dá pra fazer isso todo mundo estudando e não é possível fazer. O fato do colégio ter te liberado está investindo nas pessoas, na formação de pessoal e é uma pena que isso não dissemina para todas as unidades do Pedro II. Talvez com essa possibilidade que foi falada aqui hoje pelo José Guilherme conversando com a diretora de ter um NTE aqui. Eu acho que isso é importante porque é política do MEC. Essa política do MEC deveria estar no colégio, já que o colégio tem essa dimensão por unidades. Cabe um centro de formação em tecnologia.

O que a gente viu o colégio com algumas unidades avançando, fazendo bastantes coisas interessantes. Vocês estudando e mostrando isso e disseminando em outros lugares nas conferências que a gente se encontra, mas aqui mesmo algumas unidades nem tomavam conhecimento do que se passava no projeto que vocês tinham lá no Humaitá. Então a gente também via vocês muito isoladas dentro de uma unidade que podia ter uma integração, uma sinergia forte entre as unidades, vocês estavam muito, muito isoladas. Uma outra coisa era a ingerência dessa mudança de direção que uma hora pode uma coisa, outra hora não pode. Teve uns picos de altos e baixos dentro dessa caminhada aí, mesmo você quando estava fazendo o mestrado e doutorado tinha. Agora está a favor, agora não tenho que voltar. Então tinha umas coisas assim que não tinham uma continuidade, não era uma política de implantar que vinha crescendo, dependendo de quem entrava e de quem estava na direção. Tinha muita ingerência sobre o que acontecia com a informática.

Fiquei surpreso hoje de ver, por exemplo, aquela questão que eu vi na apresentação dos trabalhos a preocupação de usar os multimeios, de usar os audiovisuais, imagens, os vídeo clips. Eu gostei de ver esse tipo de utilização da tecnologia, não só na parte da programação, mas essa abertura para outras mídias. Como perguntei o problema é como isso se articula com o resto do currículo? Como essas atividades, parece que há uma interação, uma interdisciplinaridade entre os diversos professores, planejando, todos juntos, isso é bom. Você já começa a colocar as pessoas pra trabalharem juntas num projeto e trata da parte tecnológica, mas também da parte do currículo.

**Beatriz:** De 2002 pra cá o colégio criou o cargo de professor de Informática Educativa, por conta da estrutura do colégio que é departamental e um cargo de docente. Teve um concurso de 2002 e outro em 2006 que compôs uma equipe de Informática Educativa, além dos professores da casa que já trabalhavam e que já tinham alguma formação e que já estavam nos laboratórios. Esse grupo de professores concursados eles tem um perfil de especialistas no uso da tecnologia em educação, seja na aplicação da informática, educação a distância, enfim. E esse perfil foi definido pelo concurso, pelo edital do concurso. Então tem que ser um professor que tenha uma formação de especialista, mestre, doutor, na área de educação. Você conhece alguma instituição no Brasil que tenha uma equipe de especialistas conduzindo o processo de trabalho, na inserção da tecnologia?

**Valente:** No Estado de São Paulo, na cidade de São Paulo as escolas criaram a figura do POIE, professor de apoio de informática na educação [...] A idéia é que tivesse uma pessoa no laboratório, mas que ela fosse um professor e isso mudasse a cada semestre, a cada ano de modo que a gente não tinha uma figura que ficasse totalmente responsável pelo laboratório, mas ele tivesse atividade de sala de aula e num determinado período do semestre ou do ano ele fosse destacado para ficar no laboratório. Podia ser uma coisa assim, por exemplo, o professor tinha uma carga de quarenta horas ele fica vinte horas em sala de aula e vinte horas dedicado ao

laboratório. De modo que a gente não tivesse uma figura vinte quatro horas no laboratório. Acontece que pra você poder fazer isso parece que o professor pede o que eles chamavam de “pó de giz”, que era um extra no salário dele e ele se deslocando para o laboratório e ele perdia o salário dele, parte do salário.

Então o governo do município de São Paulo teve que criar essa figura do POIE com estatuto, com formação, com regras de contratação pra ele ficar totalmente dedicado ao laboratório. Em alguns lugares isso foi bom porque esse sujeito articulou, fez, trouxe, ajudou as pessoas a se formarem, assim por diante. Em outros lugares foi péssimo porque esse sujeito realmente tomou conta do laboratório, com a chave ele abre, ele fecha, ele faz o que ele quer e isso aí é problemático, porque fica todo mundo sobre o controle, sobre a tutela dessa pessoa.

Eu preferia que, claro, tem que ter uma pessoa que toma conta, vê a rede, sabe se está sendo instalado vírus etc, mas fosse uma coisa que o professor estivesse formado, ele não precisasse dessa figura. Pudessem ele usar os laboratórios, assim por diante. Parece que isso que tem uma complicação que tem muitos alunos numa sala de aula professor não consegue fazer sozinho precise de alguém que ajude etc. Então esse sujeito fica praticamente por conta de usar o laboratório e em alguns casos ele consegue trabalhar com muitas pessoas, é articulado, faz um trabalho decente, bom e em outros casos ele não faz. Ele vai lá só pra dá aula de informática independente do que está acontecendo nos outros lugares.

Pelo que eu vi hoje o fato de você ter essas pessoas você consegue avançar no ponto de vista tecnológico. Você tem uma pessoa que é formada, que sabe, que pode ajudar. E do jeito que foi falado nessas experiências existe uma tentativa muito grande de articular essa pessoa com os professores regentes, professores das cadeiras, das disciplinas e fazem reunião no começo do ano, determinam o que pode ser feito, um dá palpite no trabalho do outro, os projetos sempre tem professores de conteúdo, mais essa pessoa tecnológica. Então eu acho que mais do que o concurso, o que determina o perfil dessa pessoa [...] o que eu acho que é importante aí é ter a preocupação desse sujeito de ser capaz de ser articulador com os outros professores. Acho que isso aí deveria ser a primeira coisa colocada. Tudo bem que sabe lá educação à distância, sabe mexer com tecnologia etc, mas como é que se trabalha em equipe, como é que se envolve as outras pessoas, como é que se faz essa articulação do seu saber, da sua capacidade com os outros professores? Acho que isso é fundamental porque se esse sujeito achar que ele vai dar aula de educação à distância, vai dar aula de planilha não vai mudar nada, em lugar nenhum.

Então pra mim a primeira linha do edital devia ser: Como é que você pensa em trabalhar articulado com sua capacidade tecnológica com os demais professores. Porque eu reconheço que essas coisas estão ficando muito sofisticadas e o professor não tem condições de dominar tudo isso. Ele precisa da ajuda, ele precisa de um especialista que pode fazer alguma coisa por ele, mas se ele não souber fazer articulação, a gente viu e estamos vendo em São Paulo. Tem coisa que funciona e tem coisa que não funciona, de jeito nenhum.

**Ana Cristina: E se ele fosse um pedagogo?**



**Valente:** Acho que não é a questão da formação. Como eu falei não é o saber, não é o que ele sabe que é importante. É a atitude que ele tem perante...O pedagogo tem técnicas, metodologias, dinâmicas, mas ele não tem conteúdo. Ele depende do professor de Português, depende do professor Matemática. Do mesmo modo esse especialista de informática ele pode saber educação à distância, pode saber programar, planilha etc, mas ele não tem conteúdo. Ele tem que ter conteúdo, então ele depende da pessoa de conteúdo, ele tem que trabalhar junto. Do mesmo modo que o pedagogo precisa trabalhar junto com todo mundo. Agora tem pessoas que não fazem isso, tem pessoas que dão aula lá de planilha e não quer saber do resto que está acontecendo. É muito mais fácil fazer isso.

Essa articulação é complicada e quanto mais esses computadores estiverem na mão das crianças, e quanto mais a gente estiver fazendo projeto mais vai precisar dessa articulação. A gente está vendo, por exemplo, nos experimentos do UCA as coisas que as crianças fazem e podem fazer com tecnologia vai muito mais rápido quando o professor acompanha então ele tem que ter alguém que entende de rede, entende do que está acontecendo. Onde os sujeitos estão explorando as imagens com som etc, essas coisas ficam complicadas. O professor não tem capacidade de dominar tudo isso. Então tendo uma pessoa que tenha um pouco de domínio dessas diferentes ferramentas tecnológicas ajuda, mas esse sujeito tem que estar na sala de aula, tem que estar articulado com professores, com regentes, com pedagogos, tem que trabalhar junto. Uma pedagoga sozinha não faz nada, esse sujeito da informática não faz nada sozinho e o professor se ele não tiver articulado com outras pessoas, ele vai fazer muito pouco em tecnologia, ele não sabe.

**Beatriz:** Essa articulação quer você está falando, na verdade na seleção isso é discutido, quer dizer, no processo de seleção dos professores, na prova isso é discutido. A questão como vê a articulação e a gente têm, como o colégio é departamentalizado os departamentos tem PPP, projeto pedagógico. E exatamente o que você está colocando isso é colocado. É claro que é um documento, mas é um documento, na verdade organiza e direciona o trabalho proposto para essa equipe e que coloca isso. Que o trabalho da equipe de Informática Educativa é essencialmente de articulação, essencialmente de construção de projeto junto com os demais professores,, buscar essa inserção, buscar essas parcerias. Agora no colégio como Pedro II, onde a disciplinalização é muito forte. A todo o momento existe a questão: Qual é o seu conteúdo?Que conteúdo você dá? Qual é o conteúdo dos professores de Informática Educativa? É toda uma conjuntura que esses professores, na verdade, além de terem que transpor essas barreiras que a essência desse trabalho já traz, eles também tem que estar trabalhando com as demais limitações institucionais.

**Valente:** Vocês são cobrados por hora de aula que vocês têm que ministrar?

**Beatriz:** Só existe na grade de horário, dos alunos, só existe tempo específico para trabalhar no laboratório de informática, no sexto e no sétimo ano, nos demais são projetos articulados e combinados entre a equipe de Informática Educativa e os professores da escola, da unidade escolar. Isso não quer dizer que as crianças [...] Por exemplo, no primeiro segmento de primeiro ao quinto ano todas as crianças vão semanalmente ao laboratório trabalhar com os projetos que estão sendo desenvolvidos com as parcerias.

**Valente:** E as pessoas do departamento da Informática na Educação estão ajudando. Mas quando você tem que fazer o seu relatório que você tem que justificar a sua carga de quarenta horas, ou o que seja. Você é cobrado pra estar em sala de aula? Você tem que ministrar disciplina?

**Beatriz:** Não você tem que ministrar tempos, mas não necessariamente o conteúdo de uma disciplina.

**Valente:** Então está bom é isso mesmo. Porque se você fosse cobrado por tempo de ministrar aula. Por exemplo, eu tenho que em minhas quarenta horas eu tenho que ficar vinte horas ministrando cursos de informática na educação, então não faz sentido nenhum.

**Beatriz:** A tônica da equipe é buscar os projetos interdisciplinares e multidisciplinares.

**Valente:** Eu não entendo como você pode ser cobrado pelo conteúdo? Como alguém pode chegar pra você e te perguntar qual é o teu conteúdo?

**Beatriz:** Outros departamentos colocam esse tipo de questionamento.

**Valente:** Então eles não entenderam nada do que é Informática na Educação.

**Beatriz:** Essa é uma das nossas batalhas dentro do colégio. Essa é uma das questões e a gente precisa consolidar esse espaço. Eu reconheço como um espaço diferenciado, numa escola, numa instituição como o Pedro II, ou uma instituição similar como o Pedro II. Não tem nenhuma no Brasil, mas enfim. É o próprio corpo do colégio, a própria instituição que abraça esse tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo tem uma outra estrutura.

**Valente:** O quê tem que estar claro é o perfil do que é esperado, do que é cobrado e a escola como um todo tem que estar consciente do papel de vocês não é ministrar aula de planilha. É trabalhar junto com outros grupos, outros professores para poder fazer essa articulação. O que precise talvez é deixar claro qual é o papel desse pessoal desse departamento que outros não tem sentido, ou deveria ter também porque se o professor de Português fosse articulado com o professor de Matemática etc, não ficasse lá ministrando aula de gramática sozinho. Ele estaria fazendo um pouco da função do que o professor de Informática da Educação faz. Que todo mundo

deveria estar trabalhando articulado, essa é que é a idéia, não ficar na sua caixinha, das oito às dez, dou minha aulinha pra terceira série, vou embora e acabou.

**Beatriz:** De alguma forma o depoimento do Valente ratifica e dá um conteúdo maior ao que outras pessoas do colégio [...] A gente buscou em você um olhar externo a essa história. A gente tinha olhares de pessoas que participaram nesse processo. E a gente pensou em você como um olhar de alguém de fora do colégio, mas de alguma forma acompanhou essa história e que pudesse colaborar com suas idéias sobre essa história.

**MARIA BEATRIZ ROCHA**

**(Profª U.E Humaitá, atual coordenadora de Informática Educativa)**

**ANA CRISTINA BARRETO LEITE**

**(Profª U.E. Humaitá).**

***Autoras do projeto de implantação dos Laboratórios de Informática, pelo CEIE/CPIL, em 1994. Entrevista realizada em 31 de Junho de 2009.***

### **Sobre a implantação da Informática Educativa no CPIL.**

**Beatriz:** Eu me lembro que quando eu fui fazer um curso. Era um curso de LOGO. Porque tinha uma proposta, isso foi em 90, foi antes, bem antes da implantação dos laboratórios, a equipe de lá já havia passado pelo EDUCOM. Só que naquela época a gente não tinha clareza de nada disso. A gente não sabia que os profissionais do colégio estavam indo para o projeto EDUCOM. A gente não sabia dessa movimentação. A gente vivia totalmente a parte disso nas unidades. Eu, o primeiro contato que eu tive com esse movimento do colégio de informatizar foi nesse curso de LOGO em 90 que foi oferecido. Eles pensavam em começar esse trabalho com as classes de alfabetização na época. Eu era coordenadora de Matemática e tinha uma associação de LOGO com Matemática.

**Ana Cristina:** De Informática com Matemática

**Beatriz:** Informática com Matemática, mas era eletivo participava quem quisesse não era obrigatório. Eu me lembro que eu me interessei. A Mariza que era diretora na época ela falou que gostaria. Eu fui. Não me lembro se nessa época eu era coordenadora de Matemática, não.

**Ana Cristina:** Acho que era.

**Beatriz:** Fiz esse curso que foi a professora Ana Ebert que deu junto com o professor João Câncio e a professora Sônia Landim. Os três dinamizavam o curso. Eu fiz uma parte do curso, mas depois... Eu me lembro que eu não cheguei a fazer o curso todo. Porque tinha um problema de horário. Era no horário contrario do horário de trabalho e na verdade eu não via ligação. Não tinha computador na escola, nem vislumbrava ter computador. Então era uma coisa muito distante. Depois teve outro curso que também está nesse material que foi um curso com Jorge Fróes.

Teve uma época que ele fez uma parceria com o Pedro II. Ele deu um curso para a Secretaria Municipal de Educação, estadual. Não lembro. Em contra partida o colégio pode colocar alguns professores pra fazer o curso. Esse curso eu fiz todo, que também foi sobre o LOGO. Quando foi em 92 a Mariza, que era nossa diretora na época. Eu fazia o que? Era coordenadora de STA, não sei. Eu sei que. Nessa época eu já não era coordenadora de Matemática, mas foi por conta dessa associação de que eu fui coordenadora de Matemática e que Matemática tem haver com Informática, com computador que a Mariza me convidou pra fazer o

projeto do laboratório. Em 92 a professora Ana Ebert foi para a nossa unidade e começou dar um curso de capacitação para os coordenadores. Lembra disso? Ai já tinha um computador velhão da Receita federal que era um MSX, um que funcionava e um que não funcionava. Ela começou a fazer um treinamento com coordenadores, professores, com esse computador, em 92. Eu participei um pouco disso com ela e tal, a gente fez um projeto com recuperação. Eu coordenava o STA que hoje é o SESOP e esse trabalho estava ligado ao SESOP ficava tudo no mesmo bolo.

**Ana Cristina:** Esses computadores quem conseguiu foi a Mariza, na Receita Federal.

**Bia:** Não foi uma política do colégio.

**Ana Cristina:** E isso já foi um problema, porque quem recebeu foi a unidade. Acho legal colocar isso. Por que não é uma política: receber computadores. Parece que todo mundo tinha computador. Não tinha, ninguém tinha computador. A Mariza que tinha contato na Receita Federal, um aluno, alguém, aquelas coisas que existem. A gente conseguiu uma doação desses dois computadores pela Receita e isso causou certo ciúme porque as outras unidades, ninguém recebeu, só Humaitá. Foi daí que começou esse trelê de Humaitá receber dois computadores, sendo que um nunca funcionou e o outro funcionava.

**Bia:** Nesse ano de 92 eu fazia uns trabalhos com LOGO. Eram umas três crianças do C.A, por conta de eu ter feito esses cursos de LOGO. Eram umas três crianças do C.A que tinham problema de comportamento de aprendizagem e eu comecei a trabalhar com essas crianças com LOGO. Eles saíram lá em um determinado momento da aula e iam trabalhar comigo nesse computador. Nesse mesmo. Tudo era feito nele. Ele funcionava naqueles disquete toes.

**Ana Cristina:** Tinha que instalar o sistema operacional. Depois instalava o programa e depois começava a usava.

**Beatriz:** Então da minha chegada nesse trabalho foi assim. Eu não tinha nenhum vínculo além desse, desses cursos que eu fiz no próprio colégio e dessa associação Matemática com Informática. Foi assim que eu cheguei. Em 93 a coisa mudou, pois a Mariza assumiu isso como uma coisa da escola, pois tínhamos esse computador e tinha que ter mais gente na equipe. Porque eu não era só da informática eu era do SESOP, que na época era STA.

**Ana Cristina:** Entrei no meio do ano, eu tinha sido coordenadora de Ciências muitos anos, 93, eu estava no laboratório, eu estava com turma não estava como coordenadora. Eu fiquei muitos anos com coordenação de Ciências. Eu estava com turma dando aula e no meio do ano a Bia me chamou pra trabalhar com ela na parte da informática. Eu fiz Pedagogia, na época eu fiz Pedagogia e queria fazer Comunicação. Eu comecei Comunicação na UFF, larguei e fiquei só na Pedagogia, porque eu me encantei com aquilo. E na Pedagogia eu gostei dessa área de

multimeios que tinha. Eu fiz trabalho, um curso na EMBRAFILME, na UERJ, essa parte toda de edição de filme e eu gostava disso. Comecei ir para essa área e minha família, meus irmãos trabalhavam com Informática. Então a gente tinha computador, sempre teve computador. Quando eu fui pra Curitiba em 82 fiz um curso de programação, comecei a fazer, mas era aquela coisa, programação era só papel, porque o computador era imenso, ficava numa sala e agente olhava para o computador de longe. Então eu gostava dessa área, já gostava disso.

Quando a Bia me chamou eu não sabia usar o computador. Tinha noção porque tinha feito algum curso, mas não sabia usar. A gente foi aprendendo. Na verdade quem ajudava a gente, no final das contas eram nossos familiares. Meu ex-marido teve um papel fundamental. Ensinava, explicava, o quê agente tinha que fazer. Não foi o Colégio. Foi realmente investimento nosso particular da gente correr atrás de fazer as coisas. Não era comum ter computador nessa época.

Eu me lembro que eu fiz um levantamento. Eu acho que de todo o professores, se eu não me engano três pessoas tinham computador em casa. Que os maridos, digamos assim, tinham computador. Ninguém usava. As pessoas tinham horror a computador, não queriam usar. Achavam que era uma coisa fria, ruim. Eram contra mesmo. Lembro que a gente fez uma reunião com todos os professores. Lembra lá no refeitório? Pra apresentar o trabalho que a gente ia fazer. E a gente foi apresentar o trabalho e dava até medo porque as pessoas tinham medo. Tinha falas: “Eu nunca vou usar isso!”, “Isso é muito frio.”, “Como vai trabalhar com isso, educação não tem nada haver isso!”. Contra.

**Bia:** Tinha muita gente que era contra, inclusive.

Ana Cristina: “Os quadros de giz estragados e a gente vai gastar dinheiro com computador!” “Como? Isso é um absurdo!” “Uma coisa cara!” Porque computador na época era uma coisa cara, três mil dólares, uma coisa assim absurda. A gente tinha que ouvir, não palavrão, mas era difícil. As pessoas agrediam, uma coisa agressiva. E a gente explicando que a gente queria fazer um trabalho e as pessoas querendo matar a gente.

**Entrevistadora: O que dava a convicção que esse trabalho era produtivo com as crianças?**

**Bia:** Foi fundamental conhecer o LOGO antes de qualquer coisa. Porque a linguagem de programação, a proposta do trabalho com LOGO, ela ia ao encontro daquilo que as gente acreditava como trabalho no Pedrinho, no primeiro segmento . Era uma proposta de trabalho construtiva e era o que a gente acreditava e foi, na verdade a formação que o colégio deu pra gente, pois na implantação no primeiro segmento a gente teve um trabalho de formação, pra trabalhar com uma proposta construtivista. Então assim, ter conhecido LOGO, antes de qualquer outra coisa, foi fundamental pra gente acreditar que o computador poderia ser um parceiro pra desenvolver esse trabalho de construção de conhecimento. Pra mim, eu hoje tenho isso claro. Não sei se a Cristina concorda, mas eu tenho isso muito claro. Por isso a gente tinha convicção, porque ia ao encontro do trabalho que a gente já fazia em outras áreas.

**Ana Cristina:** Ele entrou no trabalho muito bem. Isso o colégio fez. Investiu, ele fez cursos de Ciências, Matemática de tudo, que a gente fez vários cursos construtivistas, com essa visão. Realmente ele implantou isso no Pedrinho e o computador entrou muito bem com isso. As pessoas não viam isso porque não pararam pra olhar o LOGO. Não tinham essa noção, mas a gente que foi ver a metodologia, a filosofia. Não é só o trabalho assim. E a gente viu que tinha haver com o trabalho que a gente já fazia. Que ela fazia com Matemática, que eu fazia com Ciências. Tinha haver e a gente acreditou. Pra mim essa coisa da modernidade mesmo. Uma coisa que eu não esqueço nunca que o Valente falava, falou assim pra gente: “Deixa que a água está subindo, as pessoas vão morrer afogadas. Vão ter que nadar ou morrer afogadas.” E eu achava isso mesmo que a água ia subir, ia transbordar, todo mundo ia ter computador. No projeto que a gente fez. A gente fez um projeto. Quando a gente começou o trabalho a gente sentou e fez um projeto de implantação e no projeto de implantação eu me lembro que a gente colocou assim da gente se comunicar com outras universidades.

**Bia:** Isso já foi em 95.

**Ana Cristina:** Mas a gente tinha essa visão. Que a coisa ia crescer que ia tomar conta e que não tinha volta a informática. Essa coisa da modernidade de não ter volta. Acho que isso também me impulsionava. Porque a educação trás muito pra trás pra segurar o aluno, pra não deixar ir adiante e eu gosto dessa coisa da modernidade pra frente. Eu acho que a Informática mostrava isso

**Entrevistadora:** Como foi a implantação dos laboratórios em 95?

**Bia:** Tem um pulo no tempo aí que vale a gente resgatar, porque em 93 é que a gente constituiu a primeira formação da equipe, quer dizer, eu com parte da carga horária, a Cristina com parte da carga horária dela. E aí a gente começou a trabalhar mais sistematicamente com as crianças. A gente dava aula. Aí a gente já tinha dois computadores, porque o outro já havia sido concertado.

**Ana Cristina:** Funcionava, mais ou menos. No filme não está só tem um...

**Bia:** Ainda estava na salinha antiga. Porque a primeira sala que a gente ocupou é onde hoje é a Xerox da escola. Uma salinha cubículo, pequenininha.

**Ana Cristina:** Tinha um computador aqui e outro aqui. E a gente entrava na sala, só cabiam duas crianças mesmo e uma pessoa em pé. Não cabia nada.

**Bia:** Eu não me lembro bem se foi em 93. Acho que foi em 94 que a gente foi pra aquela sala lá dentro. Lembra?

**Ana Cristina:** Em 93, quando a gente propôs trabalhar com a turma, a gente propôs trabalhar com a Helena Mara, de alfabetização. A gente propôs trabalhar, quando a Bia me chamou. Porque a minha carga horária era toda, era quarenta horas D.E (dedicação exclusiva). A gente tinha que começar a dar aula mesmo. Pegar os alunos. Só que como a gente ia propor um trabalho, dar aula, depois daquela palestra que a gente deu essa conversa que a gente teve com os professores. Como você vai propor fazer um trabalho se eles odeiam a Informática? Por onde que a gente ia entrar? Então normalmente naquela época todo mundo trabalhava com a quarta série. Todas as escolas. Quem tinha trabalhava com o quarto ano. Só que eles iam embora e não tinha continuidade. A gente achou que tinha que começar com o C.A (Classe de alfabetização, com seis anos, porque a gente ia poder ver a continuidade disso.

**Bia:** A gente pensava no trabalho com Logo. E a gente pensou o seguinte: se a gente começar na quarta a gente não vai ver o desenvolvimento das crianças com o trabalho com a linguagem. Se a gente começar no C.A. a gente vai ver a progressão das crianças na aprendizagem, na construção que elas vão fazer e tudo. Ai a gente optou por começar com o C.A.

**Ana Cristina:** Foi uma coisa pensada. As vezes parece uma coisa meio...Não, a gente sentou e pensou mesmo. O que a gente queria fazer. Como a gente implantava. Então a gente viu que seria e que teria que ser no C.A.. A gente conversou com os professores de C.A. E como eram dois computadores a gente tirava quatro crianças da turma e é isso que a gente tem gravado. A gente levava as crianças pra lá. A professora continuava com a turma dando aula.

**Bia:** Como trabalho diversificado que a gente fazia.

**Ana Cristina:** Ai a gente levava as crianças pra fazer o trabalho com o LOGO, trazia, pegava mais quatro. Isso em um tempo de aula.

**Bia:** Cada grupo ficava... Não, eram dois tempos com a professora. A gente dividia.

**Ana Cristina:** Então eram vinte e cinco crianças. De quatro em quatro. Era muito pouco tempo.

**Bia:** Eles ficavam um vinte minutos, mais ou menos.

**Ana Cristina:** Muito pouco tempo. Era rápido. Era aquela coisa rápida de fazer o trabalho. Voltar correndo.

**Entrevistadora:** Vocês sentiram alguma mudança com esse trabalho, ao longo do tempo, nas crianças.

**Bia:** Sistematizado como pesquisa não, mas a gente tem relatos



**Bia Villas Boas:** A gente fez uma opção de trabalho. Eu vou falar da minha opinião, não sei o que a Cristina pensa, quer dizer sei o que ela pensa, mas não sei o que ela vai falar. Eu acho que a gente fez uma opção de trabalho. Como ela disse fundamentada mesmo. A gente fez uma opção do uso do computador.

Primeiro que naquela época era a principal opção em termos de trabalho com o computador numa perspectiva construtivista. Fora isso você tinha alguns poucos softwares que não tinham nada haver com o trabalho que a gente desenvolvia na escola, pelo menos que eram o que se entendia com trabalho de primeiro segmento.

Trabalhar com LOGO não é trivial. Trabalhar com LOGO demanda estudo e a gente fez isso. A gente estudou procurou ajuda, a gente fez curso e foi uma opção que a gente abraçou seriamente. No colégio não teve nenhuma outra equipe que tenha abraçado esse trabalho da forma como a gente abraçou. Algumas incursões, mas não...Porque na primeira fase do trabalho do laboratório a gente trabalhava LOGO com todas as series. A gente chegou ao requinte de refinar as etapas que as crianças iam passando. A gente tinha mais ou menos uma idéia do que eles.

Por isso eu digo pra você a gente tinha a idéia tanto que se você olhar nas propostas de trabalho elas tem uma sequencia de trabalho com LOGO. Porque ao longo do tempo a gente foi percebendo como eles trabalhavam com as estruturas, o que eles eram capazes de trabalhar ao longo do tempo, o que isso foi mudando de uma época pra outra. O que no inicio a gente via, na primeira, na segunda, depois foi mudando. Então eu acho que esse isolamento que a gente sofreu, de certa forma, talvez que a gente tenha sido responsável também, por conta de um trabalho que era um trabalho diferente. Era um trabalho que tinha que ter uma crença nele e um investimento nele e que depois chegou o Windows, chegou o multimídia manter esse trabalho ficou cada vez mais difícil e se tornou mais fácil optar por outras formas. Então eu vejo isso, esse isolamento, talvez, tenha ocorrido por conta disso. Muitas vezes a gente foi rejeitado, assim. Muitas vezes a proposta de trabalho não interessava muito ao próprio colégio discutir. Agora a gente sempre pode manter o trabalho, porque pode surgir uma questão: mas se o colégio, se o departamento não acolhe, se as coordenações não compreendem então porque se manter um trabalho desse? Porque tinha resultados, sempre teve. Sempre teve resultado.

**Ana Cristina:** A gente optou por uma implantação. Foi aquilo que eu falei desde sempre. Desde a primeira vez que a gente sentou pra pensar a Informática a gente tinha um caminho. Não foi assim: vamos tentando, vamos tentado. Era tudo pensado. Então por exemplo, a gente teve LOGO, a gente trabalhou LOGO fora de turno, a gente trabalhou. Porque agora e dentro de turno, a Informática. Mas a gente trabalhou com o grupo fora do turno. As crianças ficavam depois da aula, chegavam cedo pra ter aula. A gente trabalhou com a turma inteira, com metade da turma, com alguns alunos. A gente foi testando maneiras de trabalhar. Não foi uma coisa assim sem pensar. Foi uma coisa planejada. A gente tinha um caminho. E eu acho como a gente tinha um caminho a gente foi fazendo aquilo, e a gente foi conquistando, porque como a gente começou com as crianças, as crianças do C.A., que eu falei. O que acontece? Os pais gostaram. Não

necessariamente a escola, nem os professores gostavam, mas os pais gostaram. Porque a gente apostou nisso, a gente apostou nos pais e nas crianças e eles iriam forçar a escola e foi realmente o que aconteceu.

**Bia:** Isso foi estratégia mesmo.

**Ana Cristina:** Isso foi pensado.

**Bia:** Foi estratégia mesmo, foi intencional, não foi uma estratégia aleatória. Às vezes a gente sem querer acertava. Porque às vezes sem querer você faz uma estratégia e você não tem consciência que aquilo é uma estratégia, poderia ser uma estratégia, mas a gente tinha clareza.

**Ana Cristina:** Lembro a gente sentar e planejar isso e foi o que aconteceu. Quando a gente recebeu esses dois computadores os pais gostaram aí no outro ano começou essa coisa de colocar fora do turno. Lembra? Aí tinha essa coisa da latinha, da gente conseguir com latinha, comprar computador. LATASA. A gente fez campanha, a diretora da escola, a gente teve apoio da direção.

**Bia:** É a gente teve essa sorte.

**Ana Cristina:** Eu acho que isso é decisivo. A Marisa Raja Gabaglia, ela era assim empolgadíssima e isso eu acho, se ela não fosse tinha acabado ali, mas ela era empolgada. Então ela queria o trabalho. Ela confiou naquilo, gostou, mesmo todo mundo falando mal do computador. Outra coisa também que eu acho que foi decisivo: como eu já havia sido coordenadora de Ciências e a Bia coordenadora de Matemática, a gente já tinha um trabalho na escola que as pessoas confiavam. Eu acho que isso é decisivo também. Porque na escola, principalmente no primário você vê isso com os professores. Eles precisam confiar em quem está ali, não foi ninguém de fora que chegou pra impor nada. São pessoas que eles já viram o trabalho sendo desenvolvido e que deu certo e que eles gostaram. Então porque não dar uma chance pra elas de tentar outro trabalho. Acho que rolou isso.

**Entrevistadora:** Qual o apoio da Direção Geral dava para o Humaitá, de material?

**Bia:** Nenhum, eu não me lembro de nenhum. Eu só me lembro do dia que essa segunda sala que a gente ocupou, ela teve dois momentos. O primeiro momento, que a Marisa bancou de colocar a sala lá dentro, foi quando a gente ganhou o computador da LATASA, juntando as latas.

**Ana Cristina:** A escola comprou um computador.

**Bia:** A escola comprou um computador, ganhou um da LATASA e tinha o “antigão” ainda. Ela reformulou a sala e teve uma inauguração, que na época era a Diretora Geral Maria Amélia

Paladino<sup>22</sup>. Isso foi antes do...Porque em 95 recebemos o laboratório que todos receberam, que já foi na gestão do professor Choeri, que foi aquela história que o Raul contou dos recursos e tal. Isso foi no final de 93 início de 94, por aí. Houve a inauguração dessa sala e o nome da sala foi o nome da Diretora Geral, aí ela esteve na inauguração. Esse foi o apoio que eu me lembro que a Direção Geral deu nessa época. Depois essa sala virou o laboratório, desse de 1995. Foi reformada novamente, colocou piso emborrachado, aí vieram os laboratórios.

**Ana Cristina:** Nós tínhamos dez computadores iguaiszinhos, tudo bonitinho, colocou fiação, tinha tudo.

**Bia:** Essa sala atualmente é a sala dos professores, porque em 2002 foi inaugurado o laboratório atual. A gente fez uma videoconferência com o Valente na inauguração.

**Ana Cristina:** Em 95, quando começou a ter laboratório a gente já tinha um trabalho, a gente já fazia grupo de estudo com os professores, a gente já tinha uma implantação bem encaminhada. Isso é que fez uma grande diferença. A gente já tinha um trabalho. Os professores faziam curso com a gente.

**Bia:** Agora o projeto institucional, ele é anterior a 95, inclusive esse documento. Só que não se efetivou, até porque não tinha máquina. O colégio tinha esse projeto de implantar os laboratórios, começar pelos “Pedrinhos”, que era uma aposta, que esse pessoal fazia o grupo que estava na Informática Educativa. Eles apostavam que pelo Pedrinho a coisa ia se efetivar e realmente foi o que aconteceu. Mas aí, até onde eu sei, foi realmente o nosso laboratório que desenvolveu algum trabalho mais efetivo antes de 95. Quando veio esse laboratório, redigimos o projeto que registramos na Biblioteca Nacional. Fizemos outro projeto, desdobramento do projeto original que tínhamos feito e registramos esse projeto. Foi o segundo projeto do laboratório de informática, sistematizado, oficializado mesmo. Esse segundo a gente registrou na Biblioteca Nacional<sup>23</sup>. E ele aconteceu.

**Ana Cristina:** Em 94 o Colégio conseguiu com a RNP<sup>24</sup> a ligação com a internet, ligar os computadores com a Internet. Que eu saiba ninguém usou isso, só a gente.

---

<sup>22</sup> Maria Amélia do Amaral Palladino – Diretora Geral do Colégio Pedro II (1992 – 1994)

<sup>23</sup> Projeto de Implantação da Informática Educativa no CPIL. Personalidades: Ana Cristina Barreto Leite - Autor(A), Márcia Ignácio da Rosa - Autor(A), Maria Beatriz de Moraes Rocha - Autor(A) Registro: 91048, Em 15/07/1994

<sup>24</sup> A RNP (Rede Nacional de Pesquisa) é uma iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) cujo objetivo é implantar uma moderna infra-estrutura de serviços Internet, com abrangência nacional. O Lançamento oficial da RNP que contou com o apoio da Fapesp, Faperj e Fapergs sob a coordenação política e orçamentária do CNPq; Até abril de 1995, a atuação da RNP se restringia a áreas de interesse da comunidade de educação e pesquisa do País. Sua missão básica era disseminar o uso da Internet no Brasil, especialmente para fins educacionais e sociais. A RNP oferece conectividade IP em termos comerciais extremamente competitivos em todos os estados do país.

**Bia:** Era muito ruim.

**Ana Cristina:** De novo com os familiares ajudando. Isso que eu estou colocando. Não era a instituição, não era nada disso, a gente conseguiu aquilo e davam pra gente. “olha vocês tem acesso”. Ninguém sabia o que era internet, o que era aquilo, em 94. O que era aquilo? A gente começou a usar. Tinha on longonge, tina um software on longonge que a gente usava para entrar na internet. Já começamos usar com alunos.

**Bia:** A gente começou a usar com alunos, na época quarta série. Eles vinham em dupla para acessar, usar um pouquinho.

Ana: Começamos descobrindo, mas já com alunos. Uma coisa que a gente fez também foi junto, não é uma coisa pra gente aprender e depois o aluno. Colocamos os alunos, todo mundo junto. A gente vai aprendendo pra ver como é que é. Então a escola tem essas coisas assim. Conseguiram o contato com a RNP e repassaram pra todo mundo, mas só. Não explicavam pra gente como era aquilo. Nossos familiares é que nos ajudavam: O que é internet, como funcionava e a gente fazia funcionar.

#### **Entrevistadora: Como surgiu o NIAPE?**

**Bia:** A história do NIAPE, a origem dela é no concurso de 2002, que foi o primeiro concurso que o colégio fez para Informática na Educação. A Informática Educativa então aconteceu. Criou uma nova equipe no colégio. A origem é essa. O colégio fez um concurso para Informática Educativa e tinha duas vagas. O concurso da Patrícia e a da Andrea e o que aconteceu? Dentro do Departamento de Ciência da Computação criou esse grupo de Informática Educativa e o pessoal do Ensino técnico. O pessoal do “Pedrinho” deveria fazer parte do departamento, já que atuava numa frente que era responsabilidade do departamento, mas na verdade existia essa situação de fato. Então quando teve esse concurso começou essa discussão. A gente teve várias reuniões pra discutir isso. Porque ia ter uma eleição.

Ana Cristina: Em 1995 todos receberam computador e tinham reuniões com o CEIE<sup>25</sup>.

Bia: A gente tinha reuniões periódicas. Tinha o pessoal do “Pedrinho”, do curso técnico e algumas pessoas que trabalhavam no “Pedrão” que eram o pessoal do Humaitá II: Mônica, Vanessa, Regina e Nélia. Tinha mais uma de São Cristovão, era a única que trabalhava com LOGO no “Pedrão”. Tinha alguns trabalhos. O CEIE é que fazia cursos.

**Ana:** Já tinha uma estrutura, o departamento.

**Bia:** Mas isso foi antes de se criar o departamento da Ciência da Computação. Criou-se o departamento com o concurso que a Márcia entrou, o Roberto entrou. Acho que foi em 96. Ai foi

---

<sup>25</sup> Centro de Estudos de Informática na Educação do Colégio Pedro II fundado em 1986.

criado o departamento. A Ana Ebert foi nomeada pelo professor Choeri como chefe do departamento. Ela é professora de Biologia e hoje está aposentada. Acabaram essas reuniões. Nunca mais tivemos alguém que coordenasse os trabalhos. Não teve mais isso, ficou meio sumido, durante um tempo. A gente não tinha vínculo com ninguém do colégio. Depois Ana Ebert ficou um tempo no departamento e saiu e a Silvia assumiu e conduziu o processo. Só que a gente não era chamada para as reuniões. De vez enquanto falavam alguma coisa, mas ...

**Ana Cristina:** Quando tinha curso, a gente não era chamado, nem sabia.

**Bia:** Promoviam cursos, compravam softwares e a gente não sabia de nada. Depois veio o departamento e a Silvia.